

2.2.2 A Volumetria e as Fachadas

O Palace Hotel de Campinas possui qualidades formais que possibilitam reconhecer que é edifício de arquitetura hotelereira: volumetria fechada e arremate em platibanda, expressando a impessoalidade da edificação comercial. A sequência de vãos de janelas possibilita perceber a sequência dos ambientes, nesse caso quartos, e uma marcação de varanda no pavimento superior, um espaço de transição que abre o edifício para a praça, trazendo para os hóspedes uma vista, um diálogo com a cidade e também um espaço de lazer e encontro, marcando a qualidade do caráter arquitetônico do edifício.



Imagem 58: Fachada do Palace Hotel, Setor Campinas, 1940.
Fonte: Alois Feichtenberger.

Pode-se considerar que o Palace Hotel de Campinas assegura o valor arquitetônico da monumentalidade através da charmosa implantação de esquina no estilo *art déco*, que valoriza o edifício e o terreno, e pela volumetria retangular dos dois pavimentos, realçada pelas curvas do *déco streamline* encontradas nas paredes, na sacada, no guarda-corpo, no singelo gradil em metal e na marquise.

Essa volumetria é marcada por um elemento central no corpo do edifício que é o tratamento diferenciado da fachada da esquina em curva: a parte do térreo contém um vão que é a porta do salão alinhada com o vão entre as colunas da sacada. As colunas estão centralizadas, marcando um ritmo e a sacada é realçada pela marcação de superfície das duas marquises em curva e pela platibanda, que aumenta de altura exatamente nesse lugar para receber o nome do edifício – Palace Hotel – em alto-relevo.

Todo o volume recebe um tratamento formal com marcação de linhas horizontais através de sulcos que possuem a mesma dimensão e estão dispostos paralelamente a uma mesma distância, compondo um ritmo. A linha horizontal pintada em tom mais claro, que passa por todo o edifício dividindo o pavimento térreo do pavimento superior e que o arre-

mata com a espessura da fina laje da marquise, confere delicadeza e beleza juntamente com as luminárias e a placa ao lado da porta de entrada na lateral do edifício.

Na fachada externa, há um barrado com reboco rico em saibro, frisos no coroamento da platibanda e abaixo dos peitoris das janelas. A platibanda frontal produz um pequeno acabamento lateral escalonado em três degraus, seguindo o beiral acompanhado por estuque nas laterais de fundo.

Na reforma, as fachadas externas foram conservadas nas suas características originais. A cor das paredes externas, conforme prospecção, era amarelo-cáqui. As esquadrias externas foram colocadas recuadas em relação aos panos externos de paredes, mas rentes aos panos internos. As janelas são de madeira com vidros fantasia tipo *boreaux*, coloridos nas cores azul e verde, instalados na parte superior, seguidos de vidros lisos transparentes; na parte inferior, venezianas. Apresenta portas de madeira com bandeirolas de vidro fantasia tipo *boreaux* nas cores azul e verde.

Durante a reforma, foi aberta uma janela no pavimento superior na lateral do prédio pela Rua Geraldo Ney, possibilitando a visibilidade da Igreja Matriz.

Imagem 59: Implantação do Palace Hotel na esquina da Avenida 24 esq. da Rua Geraldo Ney e Igreja Matriz ao fundo. Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2013.



Imagem 60: Fachada do Palace Hotel. Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2013.



O guarda-corpo é constituído por uma pequena mureta somada a um delicado gradil de metal com desenho em voluta, elementos em espiral. É possível ver o ritmo da composição de uma voluta positiva e uma voluta negativa.



Imagem 61: Detalhe gradil da sacada.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2013.



Imagem 62: Detalhe da porta de
acesso principal.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2013.

Imagem 63: Alinhamento das janelas da fachada lateral direita.

Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2013.



Imagem 64: Porta restaurada e placa de tombamento.

Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2013.

Kátia do Carmo, em entrevista, diz: "A placa nós tentamos buscar o desenho dela mostrando que era um tombamento, porque o campineiro desejou aquela placa e eles acharam muito interessante, que está pela Geraldo Ney. Então, a gente fez a placa com os dizeres do tombamento e da data da recuperação".



Imagem 65: Resgate da Placa de Tombamento.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2013.



Imagem 66: Janelas de madeira voltadas para o vão da escada no piso superior.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2013.



Imagem 67: Sacada do piso superior.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2013.



Imagem 68: Gradil *déco* com detalhes das volutas.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2013.



Imagem 69: Necessidade de manutenção do anexo I, bateria de sanitários, copa e cozinha.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2013.

2.2.3 *Materiais e Técnicas Construtivas*

No Relatório do Projeto elaborado pela equipe técnica, foi feito um inventário da edificação, descrevendo as características do imóvel como se encontrava em 1999:

As fachadas estão de modo geral bem conservadas, embora a que corresponde ao piso inferior esteja mais descaracterizada.

A cor original externa das paredes, conforme prospecção local, é o amarelo caqui, apesar de haver sobre ela várias camadas de tintas, sendo, após o amarelo caqui, o branco, depois o verde-água e a cor que se encontra atualmente, o cinza.

As esquadrias externas são colocadas recuadas em relação aos panos externos de paredes, mas rentes aos panos internos, são pintados na mesma cor cinza das paredes externas, e não apresentam na prospecção nenhuma outra cor. Existem dois tipos originais de esquadrias:

TIPO 1- Esquadrias de madeira, com 2 folhas, de 1,75 x 1,05m. Cada folha contém metade inferior com venezianas e a metade superior com seis panos de vidro, sendo dois panos superiores e dois panos inferiores martelados, coloridos em verde e azul e no centro dois vidros transparentes. Do lado interno, alinhada à parede, quatro folhas cegas de madeira servem para vedar a luz e a ventilação.

TIPO 2- janelas de madeira, com duas folhas, mesmo estilo da TIPO 1.

Internamente, as traças e as infiltrações geradas pela falta de manutenção, produziram desgastes no madeiramento do telhado e do piso, tornando insegura a continuidade de seu uso.

O revestimento interno das paredes é rústico, sem desempenar e pintadas à base de cal, nas cores azul, verde, rosa e branco.

1) PAVIMENTO TÉRREO

1.1) Fachada Sul / Av. 24 de Outubro

Descaracterizada pelas aberturas em três portas de enrolar, a serem substituídas por duas janelas TIPO 2.

Entre a edificação e a divisa lateral do lote, existe uma parede com altura de 2,80 m e espessura de 0,44 m com uma porta de enrolar.

Nesta fachada existe um barrado chapiscado, com 1,16 m de altura, o qual deverá ser substituído por reboco liso, já que, na foto de 1930, ela não existia. Acima dessa barra chapiscada, existem quatro sulcos horizontais e paralelos, afastados 0,33 m uns dos outros, de aproximadamente 0,01m de profundidade, que se estendem pelas três fachadas.

Embora a prospecção efetuada tenha revelado a cor amarelo-caqui como a primeira pintura desta faixa de área definida pelos sulcos, nota-se que houve uma preocupação em trabalhar melhor o seu acabamento, com argamassa de areia e cal lixada, que poderia ter sido projetada para ficar aparente, sem pintura.

Deve-se notar que este é o mesmo tipo de revestimento e apresentação de sulcos existentes no prédio da atual Biblioteca Cora Coralina, também tombado, que fica na contraesquina da praça em frente.

Entre o piso superior e o inferior existe um friso horizontal, de 0,12 m de altura por 0,10m de largura, estendendo-se desde a marquise até o extremo das duas paredes.

1.2) Fachada Frontal / Esquina da Av. 24 de Outubro com a Rua Geraldo Ney.

Existe uma abertura centralizada de 2,55 m de altura, por 1,50m de largura, cuja porta encontra-se atualmente fechada por uma porta de enrolar.

Acima dessa porta, entre o piso inferior e o superior, existe uma marquise acompanhando o formato arredondado da parede, de 0,54 m de largura e 0,12 m de espessura. A marcação dessa marquise se estende sob a forma de um friso de 0,10 m de largura, até o final das duas paredes das fachadas laterais, sempre dividindo os dois pisos.

Essa parede repete o mesmo tipo de sulcos e barrado das paredes laterais, só o friso é substituído pela marquise situada na esquina.

1.3) Fachada Leste / Rua Geraldo Ney

Existência de oito aberturas originais, sendo duas com portas e seis com janelas, mas descaracterizadas pelo uso de esquadrias basculantes, no lugar das de madeira, e janelas no lugar de portas.

Essa fachada deverá ser resgatada conforme os vãos originais existentes na parede, com aberturas de seis janelas e duas portas, partindo da esquina na direção norte, da seguinte forma:

-1 esquadria TIPO 2

-1 porta de madeira de 1,40m x 2,55m (destinação inicial de um dos principais acesso ao hotel)

-4 esquadrias TIPO 1

-1 porta

-1 esquadria TIPO 1

Essa parede repete o mesmo tipo de sulcos, barrado e friso descrito para as outras duas paredes.

A cor original encontrada é a mesma cor amarelo-caqui já descrita.

1.5) Fachada Oeste

Parede com quatro portas de madeira de duas folhas (sendo apenas uma original), duas janelas de vidros, basculantes a serem recuperadas conforme a original. Esta parede não apresenta friso, sulco ou barrado.

1.6) Planta Baixa

Divisão em quinze compartimentos de dimensões reduzidas e variadas, e quarto WC com peças mais recentes.

Circulação interna dando acesso pelos fundos, piso com ladrilho original, 0,20 x 0,20, nas cores grafite, verde e branco, em bom estado de conservação, deverá ser preservado recebendo emolduramento do piso projetado.

Demais pisos com cimento queimado vermelho.

As paredes externas do primeiro piso, e a maioria das internas, têm 0,25 m de largura.

Revestimento das paredes interno e externo, em reboco e pintura à base de cal, areia e saibro.

Escada de alvenaria interna, de acesso ao piso superior, de dois lances, com degraus e espelhos em cimento queimado vermelho, um corrimão com acabamento em cimento queimado vermelho.

2) PAVIMENTO SUPERIOR

2.1) Fachada Sul / Av. 24 de Outubro

Essa parede apresenta os mesmos sulcos das paredes do andar térreo.

A platibanda que encobre o telhado arremata ao final com um degrau mais alto, deixando entrever, entretanto, o beiral da fachada oeste.

Existem três janelas, TIPO 1, a serem restauradas.

2.2) Fachada Frontal – Esq. com Av. 24 de Outubro com a Rua Geraldo Ney.

Sacada com 8,95 m² de área com dois pilares arredondados e paralelos e uma mureta, sobre a qual se encontra uma pequena grade de ferro trabalhado. Tanto a mureta, como a grade e os pilares, são pintados em cinza como a última pintura da parede externa. Entretanto, na prospecção efetuada, os pilares mostram as mesmas cores que foram efetuadas para aquelas paredes ao longo do tempo.

No fundo desta sacada, uma porta de madeira almofadada, de duas folhas, em madeira e vidro, embora antiga, não é a original, mas deverá ser resgatada.

Acima dessa sacada, e acima da outra marquise, que repete aquela já descrita, o nome "PALACE HOTEL DE CAMPINAS", em alto relevo e pintado na cor preta. Acima, o coroamento escalonado em um degrau se repete nas extremidades das paredes laterais.

2.3) Fachada Leste / Rua Geraldo Ney

Existência de oito janelas, sendo sete TIPO 1, a serem restauradas e uma de vidro basculante a ser substituída pelo mesmo tipo das outras sete.

Essa parede apresenta o mesmo tipo de sulcos da parede do andar térreo. A platibanda que encobre o telhado é movimentada por um degrau mais longo, existente na altura das duas janelas centrais desse pavimento, e outro degrau na extremidade dessa mesma parede deixa entrever o beiral da fachada Norte.

Conforme reportagem do jornal O Popular de 19/07/92, existia ao lado da porta frontal uma sofisticada placa de metal de aproximadamente, 50,0 cm de largura x 30,0 cm de altura, pintada de preto, as bordas pintadas de branco, decorada no centro com uma flor de lis estilizada e no centro um círculo vermelho de aproximadamente 2,0 cm, e as inscrições Palace Hotel em alto relevo. Nos quatro cantos desta placa, quatro círculos negros sobre o fundo branco fixa à parede.

2.4) Fachada Norte

Cinco janelas originais de madeira, TIPO 1.

O telhado apresenta beiral de 70 cm, forrado com tábua corrida, e sem a proteção por platibanda, com exceção de um pequeno (mas interessante) detalhe da junção desta parede, com a da fachada leste, cuja platibanda se estende aproximadamente 70 cm sobre a fachada norte, descendo três degraus até encontrar o beiral que se estende sobre o restante da fachada.

O friso existente entre os dois pisos e aparente nas fachadas leste e oeste, avançam aproximadamente 70 cm sobre a fachada oeste.

2.5) Fachada Oeste

Oito janelas, sendo seis TIPO 1, e duas basculantes, a serem recuperadas conforme as originais TIPO 1.

Esta fachada apresenta o mesmo tipo de beiral da fachada norte, com detalhe da platibanda com a fachada sul, descrito no item 2.4.

2.6) Planta Baixa

Existência de vinte e cinco compartimentos, sendo um destes uma sacada, e mais cinco corredores/circulação e dois WC.

Quartos e circulação com piso em tábua corrida, com 0,18 m de largura, banheiros com cimento queimado.

As paredes externas deste 2º pavimento têm 0,45 m, encontrando também de 0,30 m. As paredes da caixa da escada são de 0,30 m e dos ambientes internos 0,15 m.

Revestimento das paredes interno e externo, em reboco, sem desempenar (interno) e pintura à base de cal, areia e saibro, com prospecção das cores das paredes dos quartos e demais compartimentos em diversas cores, como o verde, o rosa, o azul e o verde.

Quase todos os quartos têm bancadas em granitina verde. Foram encontradas dezesseis peças, sendo que três destas estão rachadas no meio.

Quatro quartos têm, cada um, um espelho de 0,40 mx 0,36 m, bisotados e presos às paredes por quatro mãozinhas. Três deles estão inteiros, apenas um encontra-se partido ao meio.

Caixa de escada- Na parede de fechamento lateral da escada, existem duas janelas de madeira originais, que deverão ser preservadas.

Uma sacada com piso original em cerâmica 0,20 x 0,20 m nas cores verde, grafite e branco. Gradil de ferro fundido, duas pilastras cilíndricas-porta de madeira (não original) de duas folhas com bandeirola.

Na prospecção dos pilares foi encontrada a cor aqui. Piso do WC em cerâmica, paredes de revestimento em azul e branco. Caixa d'água externa, pia e vaso sanitário de épocas mais recentes.

2.7) Telhado

Telhado original, com vigamento de madeira, telhas de barro tipo francesa, e divisões em várias águas, que vertem em uma captação no meio do edifício.

A técnica de utilização do tijolo de adobe consiste em moldar o tijolo cru em fôrmas de madeira, onde o bloco de terra seca ao sol, sem que haja a sua queima. Essa mistura pode ser feita apenas com água e terra ou com o acréscimo de estabilizante e fibras naturais. Era amassada com os pés.



Imagem 70: Tijolo de adobe utilizado na construção do Palace Hotel.
Fonte: Arquivo Biblioteca Cora Coralina.



Imagem 71: Alvenaria estrutural, sistema estrutural da década de 1930.
Fonte: Arquivo Biblioteca Cora Coralina.

2.2.4 Interiores

Quanto ao levantamento dos elementos dos interiores do Palace Hotel existentes nas décadas iniciais, constatou-se que muito pouco foi preservado ao longo do tempo. Mesmo a partir das entrevistas orais não foram encontradas referências de mobiliários, de luminárias, de peças decorativas, etc., o que restringiu a pesquisa basicamente ao levantamento da edificação. Foi encontrado, referente à construção inicial, o piso da sacada em ladrilho hidráulico, um espelho bisotado e esquadrias deterioradas.

Quando a equipe técnica da prefeitura chegou para a vistoria no imóvel desativado e dar andamento aos procedimentos da reforma, encontrou o ambiente cheio de cupins. Como havia madeira na construção e o reboco era muito orgânico, havia cupim na parede e no telhado. Não havia mobiliário e o piso do pavimento superior abria buracos quando pisado.

Na prospecção dos pilares, foi encontrada a cor cáqui, o que confere com a entrevista feita com o professor Horiestes Gomes, que se lembrava da cor original: “era uma cor que sujava menos uma vez que não se tinha asfalto, era terra vermelha”.



Imagem 72: Espelho bisotado fixado com garras externas.
Fonte: Arquivo Biblioteca Cora Coralina.

Segue o registro das imagens dos detalhes dos interiores levantados atualmente:



Imagem 73: Piso original em ladrilho hidráulico na sacada.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2013.



Imagem 74: Recepção em frente à escada.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2013.



Imagem 75: No térreo, o lay-out do mobiliário na Biblioteca Cora Coralina.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2013.



Imagem 76: Porta de entrada em madeira e vidro com bandeirola.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2013.



Imagem 77: Esquadria seguindo o modelo original em quatro folhas, uma parte em veneziana outra em vidro.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2013.



Imagem 78: Sanitário para Portadores de Necessidades Especiais.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2013.



Imagem 79: Vão interno Pav. Superior.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2013.



Imagem 80: Guarda-corpo do vão
do Pavimento Superior.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2013.

Nesse percurso do Palace Hotel de Campinas se pode reconhecer a sua importância cultural para Goiânia. Há pelo menos duas realidades que suscitam reflexões e questionamentos: de um lado, há a dificuldade em preservar um bem cultural que se deteriora pelo seu uso constante e por mudanças ocorridas no programa original, sem nenhuma proteção legal sob domínio privado; de outro lado, há a execução de um projeto de reforma do imóvel sob a proteção de um tombamento estadual aprovado pelo IPHAN e fiscalizado pelo Departamento de Patrimônio Histórico do Município. Este elege a preservação das fachadas em relação às originais, restaurando janelas e portas, caixa da escada e um cômodo no pavimento superior - ao lado da sacada - para servir de espelho para a educação patrimonial, uma vez que foram preservados a alvenaria e o piso, segundo os próprios técnicos da prefeitura em entrevista a esta pesquisa. No entanto, todas as paredes internas são demolidas e uma malha de estrutura metálica sustenta os vãos, agora maiores, para adequar o edifício ao novo programa de necessidades: de hotel anterior a biblioteca atual.

Segundo o Relatório Técnico elaborado pela equipe da prefeitura, o projeto se enquadra na designação de "Ampliação, Reforma, Restauração e Adequação do Edifício". Entretanto, cabe investigar que tipo de intervenção de fato ocorreu no imóvel citado.

A Carta Internacional de Burra, versão adaptada em 1999, indica linhas de orientação para a conservação e para a gestão dos sítios com significado cultural (sítios de patrimônio cultural) e está baseada nos conhecimentos e na experiência dos membros do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS) da Austrália. Definições encontradas na Carta de Burra (1999, p. 6) podem clarear as diferenças entre reforma, restauração, adequação etc.

Sítio significa lugar, área, terreno, paisagem, edifício e outras obras, grupo de edifícios ou de outras obras, e pode incluir componentes, conteúdos, espaços e vistas.

Fábrica significa todo o material físico do sítio incluindo os componentes, os acessórios, os conteúdos e os objetos. A fábrica inclui os interiores dos edifícios e os vestígios enterrados, assim como os materiais escavados.

Conservação significa todos os processos de prestação de cuidados a um sítio por forma a que ele retenha o seu significado cultural.

Manutenção significa os cuidados contínuos para a proteção da fábrica e da envolvente de um sítio, e deve ser distinguida da reparação. A reparação envolve restauro ou reconstrução. Estas distinções referentes, por exemplo, aos algerozes de um telhado são: manutenção = inspeção regular e limpeza dos algerozes; reparação envolvendo restauro = reposição de algerozes desmontados; reparação envolvendo reconstrução = substituição de algerozes degradados.

Preservação significa manter-se a fábrica de um sítio no seu estado existente e retardar-se a sua deterioração.

Restauro significa a reversão da fábrica existente de um sítio a um estado anterior conhecido, pela remoção de acrescentos ou pela remontagem de componentes existentes sem a introdução de material novo.

Reconstrução significa a reversão de um sítio a um estado anterior conhecido e distingue-se do restauro pela introdução de material novo na fábrica. O mate-

rial novo pode incluir materiais reciclados recuperados de outros sítios. Isto não deve ser feito com prejuízo para qualquer sítio com significado cultural.

Adaptação significa a modificação de um sítio para cumprir com o uso existente ou com um uso proposto.

Uso significa as funções de um sítio, assim como as atividades e práticas que podem acontecer nesse sítio.

Uso compatível significa um uso que respeita o significado cultural de um sítio. Esse uso implica nenhum impacto, ou um impacto mínimo sobre o significado cultural.

Analisando os termos, constata-se que não seria possível, no caso do Palace Hotel, uma ação com a intenção de preservação, uma vez que não se manteve o seu interior no seu estado existente, pelo nível de deterioração em que se encontrava o imóvel.

Para o restauro, no caso dos espaços internos, primeiro se deveria ter realizado uma pesquisa histórica para conhecimento da planta original, depois focar o resgate nesse espaço, seja demolindo paredes, esquadrias, forros colocados posteriormente - remoção de acrescentos - ou recolocando componentes que haviam sido retirados, como portas e esquadrias, que foram fechadas, mas sem a introdução de novos materiais. No caso do Palace Hotel, todo o espaço foi alterado e foram inseridos novos materiais. Em termos de fachada, através da pesquisa imagética, houve a volta às fachadas originais, conforme demonstram as figuras apresentadas, mas novas aberturas foram feitas, buscando a simetria de cheios e vazios; os alisares e as janelas de madeira foram de materiais atuais, novos, levando a considerar que toda a intervenção no edifício se tratou de uma reconstrução externa do bem.

Ainda, consideramos que também foi feita uma adaptação, porque o sítio foi modificado para cumprir um novo uso proposto, o da biblioteca. A Carta de Burra orienta que um "sítio deve ter uso compatível", isto é, que o seu uso respeite o significado cultural pré-existente ao imóvel, implicando um menor impacto possível. Tal orientação não ocorreu com o Palace Hotel, cujo espaço totalmente compartimentado em quartos foi modificado para vãos livres para se adequar ao programa da biblioteca.

Essa adaptação pode ter acontecido devido ao Código de Edificação de Goiânia, para o qual a intervenção ocorrida significa restauro, conforme publicado no Diário Oficial, Município de Goiânia, 2008, 16 de janeiro, nº 4.285 - Lei complementar nº 177, de 09 de janeiro de 2008:

VII. Restauro – Reconstrução, modificação com ou sem acréscimo de área de edificações de interesse histórico, artístico, cultural e de interesse local de preservação, inclusive aquelas objeto de tombamento individual com o seu entorno imediato e as integrantes do traçado original de Goiânia, tombados em nível federal pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, conforme regulamento próprio.

Esta legislação, atualizada em 2008, define também o que vem a ser uma Modificação sem Acréscimo, também chamada de Reforma, e uma Modificação com Acréscimo,

o termo anterior era Ampliação. Entretanto, existe a ressalva para obras de restauro, que se submetem a uma legislação específica:

V. Modificação sem Acréscimo ou Reforma - Obra com ou sem mudança de categoria de uso, que não se enquadre no disposto no inciso VI, do art. 14, deste Código, na qual não haja acréscimo de área e/ou pavimento, podendo ocorrer modificações em seu todo ou em partes, quanto à sua compartimentação interna, estrutura interna e/ou externa e/ou fachadas, em obra licenciada, edificação existente aprovada ou edificação regularizada por lei específica, exceto quando se tratar de restauro, conforme inciso IX, deste artigo;

VI. Modificação com Acréscimo - Qualquer acréscimo de área construída em projeto ou obra regularmente licenciados, exceto quando se tratar de restauro. (D.O., 2008, Goiânia-Go)

Para um bem tombado, o termo Reforma não se enquadra corretamente, porque abre por demasiado as possibilidades de intervenção no imóvel. O que ocorreu foi de fato uma Ampliação uma vez que a nova bateria de banheiros foi construída juntamente com a área de serviço.

O questionamento maior, entretanto, encontra-se nos processos de encaminhamento de uma intervenção, por exemplo, no caso do Palace Hotel. Como não há uma política de preservação que anteceda as ações, essas acabam se tornando mais políticas do que de fato técnicas. Se fossem mais técnicas, as Cartas e as recomendações gerais sobre patrimônio e seus usos seriam consultadas anteriormente a qualquer intervenção. Isso, no entanto, não ocorre sempre. No caso do Palace Hotel, existia a necessidade funcional de uma biblioteca municipal que precisava ter seus espaços ampliados e se adquiriu um local com a intenção de transformá-lo nesse tipo de espaço cultural; a partir daí, foi estabelecida uma parceria, captados recursos para se fazer a adequação; em seguida, o IPHAN e a Prefeitura interpretaram as legislações de preservação existentes com o intuito de executar a proposta política aprovada. A intervenção no imóvel acabou não sendo, como se viu, de preservação, mas de reconstrução e ampliação. O que significa que muito ainda deve ser pesquisado para clarear a respeito desses procedimentos que, muitas vezes, não se harmonizam com algumas orientações das Cartas Internacionais de preservação.

CAPÍTULO 3

O GRANDE HOTEL

3.1 Histórico e contexto

O Grande Hotel foi o primeiro edifício construído para hospedar políticos, empresários, engenheiros e outros visitantes que chegavam à nova capital. Era o local onde ocorriam eventos comemorativos, reuniões de secretários de estado e de personalidades importantes que tinham necessidade de estar em Goiânia. Portanto, era uma obra estratégica para o desenvolvimento da cidade e seu objetivo principal era: "facilitar o ingresso de elementos de fora para o Estado e facilitar com boas instalações a estadia de quantos tenham negócios a tratar com o governo [...]”(MONTEIRO, 1936, p.468).

Foi construído em três pavimentos com 60 quartos e quatro apartamentos de luxo, vários banheiros servidos de água quente e fria, além de garages e outras dependências próprias dos melhores estabelecimentos desse gênero, em uma área de 2.178 m². O restaurante-bar se tornou, na época, o ponto de encontro da sociedade goianiense.

Dentro de seu traçado, o Grande Hotel foi localizado em posição estratégica, central dentro da malha, conforme imagem abaixo, de fácil acesso à Praça Cívica, aos outros edifícios e à saída da cidade, vez que, no final da avenida, estava localizada a Estação Ferroviária. Existia projeção de crescimento do comércio e serviços ao redor. Os três eixos principais eram compostos pelas avenidas Tocantins, Araguaia e Independência, contendo dois eixos, a Avenida Goiás e a Avenida Anhanguera.



Imagem 81: Identificação do Grande Hotel no plano urbanístico.

Fonte: Graeff, 1985(apud MANSO, 2001, p. 91).



Imagem 82: Aerofoto implantação do Grande Hotel, 2011.

Fonte: DVCAD (Divisão de Cadastro), da DRINF (Diretoria de Informações Urbana e Geoprocessamento), da SEMDUS (Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano Sustentável).



Imagem 83: Aerofoto implantação do Grande Hotel, 2011.

Fonte: DVCAD, da DRINF, da SEMDUS.

O Grande Hotel se localiza na Avenida Goiás (antiga Av. Pedro Ludovico Teixeira), esquina com a Rua 3, quadra 8, lotes 50, 52, 54, 56, 59 e 61, Setor Central, implantado dentro de um loteamento de esquina com formato em "L", imagens seguintes, sendo a fachada frontal para a via principal (Avenida Goiás) e a fachada lateral direita para a rua secundária (Rua 03). Sua construção não explorou a esquina com um tratamento diferenciado em volumetria e formas, locando a edificação no lote como se este fosse um lote convencional. Há um acesso secundário de serviços e para veículos.



Imagem 84: Planta de Situação do Grande Hotel, projeto original de Atilio Corrêa Lima.
Fonte: DVCAD, da DRINF, da SEMDUS.



Imagem 85: Edifício do Grande Hotel e entorno, década de 1940.
Fonte: Acervo Museu de Imagem e Som.

O arquiteto Atilio Correa Lima era sócio e representante da firma P. Antunes Ribeiro e Cia, situada no Rio de Janeiro. Dentre os oito edifícios e os vinte tipos de casa para funcionários se encontra o Grande Hotel com 60 quartos, conforme o Decreto nº 3.547, de 6 de julho de 1933:

7ª- O prazo para entrega do projeto completo será de seis meses, sendo que no primeiro mês será entregue o projeto do palácio do governo, prefeitura, hotel com 60 quartos, e centro cívico; no quinto mês a parte planimétrica do projeto e no sexto os relatórios e a legislação competente. (CORREIO OFICIAL, 8 de julho de 1933.)

De acordo com Monteiro (1938, p.123), Corrêa Lima apresentou ao Estado sua proposta e foi aceita pelo despacho de 9 de setembro de 1933. O contrato foi assinado em 28 de setembro e, em 28 de outubro, foram aprovados por Pedro Ludovico Teixeira os projetos do Palácio do Governo, da Prefeitura e do Hotel. Nesse momento, também era lançada a pedra fundamental de Goiânia.

Além dos projetos, a firma se responsabilizou pela construção dos prédios por ordem de urgência, como o Palácio do Governo, o Hotel e a Prefeitura. Em setembro do mesmo ano, foi assinado o contrato para a execução dos serviços descritos:

Serão levados do Rio de Janeiro, um mestre geral e um núcleo de operários necessários à construção de concreto armado correndo por conta do Estado o transporte dos mesmos até o local das obras. (MONTEIRO, 1938, p.122)

Corrêa Lima foi o autor do projeto e acompanhou a obra através da Firma P. Antunes Ribeiro e Cia. Ltda., de setembro de 1933 a abril de 1935. Para Monteiro (1938, p.124): "Nessas construções foram empregados ótimos materiais. A mão de obra era excelente. A preocupação máxima do governo era edificar prédios sólidos, bem construídos e de acordo com as modernas exigências da vida, conforto, higiene, durabilidade e elegância".

A rescisão do contrato com a firma de Atilio Lima por parte do Estado ocorreu em 26 de abril de 1935, quando o arquiteto entrega um relatório a Pedro Ludovico Teixeira, explicando a situação em que se encontrava a obra:

GRANDE HOTEL

Estado da obra em fins de 1934:

Levantadas as paredes do 1º pavimento e principiado o assentamento do taipal para concretar a laje do segundo pavimento. Concretada a laje de impermeabilização. (*Apud* MONTEIRO, 1938, p.463).

De acordo com Júnior (1980, p.262), em sua síntese cronológica, em 4 de dezembro de 1934, foi efetivado o contrato entregando à firma Coimbra Bueno e Pena Chaves Ltda., com sede no Rio de Janeiro, a direção geral das obras de construção da nova capital. Essa firma, depois de mudada a sua razão social para Coimbra Bueno Ltda., ficou nas mãos dos irmãos Jerônimo Coimbra Bueno e Abelardo Coimbra Bueno, sob a assessoria do engenheiro e urbanista Armando Augusto de Godoy. Alterações no projeto original foram executadas posteriormente, talvez feitas pela Superintendência Geral de Obras. A partir dessa intervenção, não se pode dizer que Atilio C. Lima seja responsável pela fisionomia *déco* do Grande Hotel.

No primeiro semestre de 1936, com o propósito de abrir concorrência pública para que o Grande Hotel fosse arrendado, dois editais foram publicados sem êxito. Apesar de ser uma oportunidade ímpar, por se tratar do melhor estabelecimento para hospedagem da nova capital, os valores a serem investidos para o seu funcionamento eram muito altos.

O próprio governo de Goiás tomou a decisão de administrar o hotel, publicando no dia 20 de julho de 1936 o Decreto nº 1.230, designando alguns funcionários públicos estaduais para os cargos de administrador, caixa e guarda-livros.

Os utensílios necessários para o funcionamento do Grande Hotel foram adquiridos em São Paulo pelo administrador-gerente Paulo da Veiga Jardim. Nesse momento, ocorreu a

inauguração do Bar, oferecido pelo engenheiro Abelardo Coimbra Bueno para uma comissão de deputados que vieram inspecionar o andamento das obras, tornando-se os primeiros hóspedes do hotel.

No segundo semestre de 1936, foi publicado outro edital e a esposa do então gerente se apresentou, Maria Nazaré Jubé Jardim. Passou a residir no e a administrar o hotel. Em 25 de fevereiro de 1936, aconteceu o primeiro carnaval nos salões do Grande Hotel e, em 31 de dezembro do mesmo ano, realizado o primeiro *réveillon*. Mas a inauguração oficial ocorreria somente em 23 de janeiro de 1937, com caráter social e político.

Os jornais da época, imagem a seguir, veicularam o seguinte anúncio:

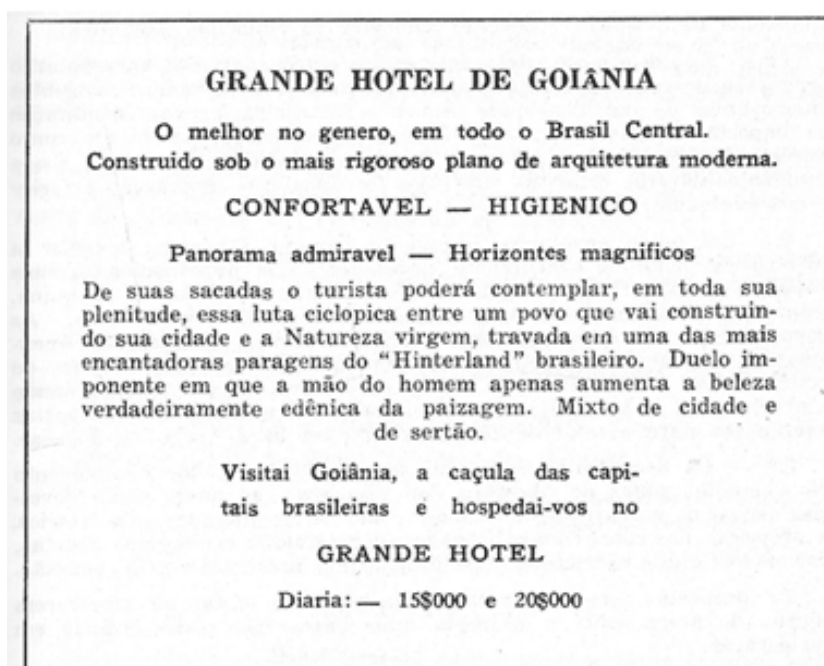


Imagem 86: Anúncio do Grande Hotel, década de 1930.
Fonte: MONTEIRO, 1938, p.439.

Segundo Galli (2005, p.50), em agosto de 1938, o governo de Goiás, através da sua Secretaria Geral, publicou um despacho convocando a arrendatária do Grande Hotel para, dentro de 30 dias, efetuar todos os pagamentos atrasados para o Estado e Previdência, a fim de não perder a concessão de arrendamento. Maria de Nazaré Jardim perderia a concessão por falta de pagamento. Em 1949, a dívida se tornara maior, demonstrando que o próprio governo não tinha interesse em quitá-la. Assim, a decisão do Estado foi entregar o Grande Hotel à Previdência. Até a primeira metade da década de 70, os contratos particulares mantiveram o funcionamento do hotel que, depois, foi alugado para lojistas. A Previdência, no início dos anos 80, venceu na Justiça Federal uma ação de despejo com o último locador, requerendo o imóvel para seu uso.

Na década de 1980, então, foi desativado o edifício e ocupado pelo IAPAS (Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social), atual Instituto Nacional de

Seguridade Social. O INSS, na década de 1980, ameaçou por duas vezes colocá-lo abaixo, de acordo com Galli (2005, p.52). A Lei de Tombamento nº 8.915 impediu essa ação juntamente com o apoio de intelectuais e personalidades que valorizavam e reconheciam o bem, como Venerando de Freitas Borges, o primeiro prefeito de Goiânia, que, em defesa do Grande Hotel, expressou seu protesto no interior do Conselho Estadual de Cultura:

(...) Aqueles que não participaram da construção da Nova Capital, que não dormiram nos ranchos e nas casas de tábuas; que não comeram a poeira das ruas desprovidas de pavimentação asfáltica; aqueles que não sofreram o desconforto e não queimaram a pele ao sol causticante da chapada, não podem calcular o que o Grande Hotel representou nos primórdios de Goiânia; enfim, àqueles que não participaram da epopeia bandeirante, que abriu nova fronteira e deu a Goiás extraordinária dimensão no panorama nacional, não assiste o direito de destruir o que foi edificado com sacrifício.

Em 2004, o Grande Hotel foi palco de uma exposição a 8ª Edição da Casa Cor, voltada para as áreas de arquitetura e decoração de interiores. Nele foram montados 39 ambientes, além de um café, restaurante e sorveteria.

De acordo com o Relatório da Secretaria Executiva do Conselho e da chefe da Divisão de Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da cidade de Goiânia, Sheila Martins, essa iniciativa ocorreu como resultado de um convênio de gestão compartilhada efetivado entre a Prefeitura de Goiânia, através da Secretaria Municipal de Cultura, e o INSS – Instituto Nacional de Seguridade Social. A Casa Cor, em contrapartida à utilização do espaço, se comprometeu a efetuar, após a realização da amostra, a restauração e a reforma do prédio e calçada da Av. Goiás com a Rua 03, para sediar o Centro de Memória e Referência de Goiânia, uma Diretoria da Secretaria Municipal de Cultura.

O Centro de Memória e Referência de Goiânia foi inaugurado em 03 de julho de 2004 e a transferência da Divisão de Patrimônio Histórico para o prédio do Grande Hotel ocorreu no dia 05 de Julho de 2004. Uma parte do edifício, nessa época, continuou sendo ocupada pelo INSS. O objetivo da proposta do Centro era o de atender a toda a comunidade que procurasse pela cultura e referências históricas sobre a cidade de Goiânia, sobretudo as relativas à sua fundação e aos seus pioneiros. Passou a contar também com espaços para exposições, *vernissages* e eventos similares.

Entretanto, após oito anos dessa história, o Centro de Memória está somente parcialmente implantado, pois, segundo a atual diretora, Marcilene Dornelas:

A parte do Centro Cultural não aconteceu concretamente, pois precisa de um Projeto de Lei para ser aprovado na Câmara Municipal. Estamos aguardando. Enquanto isso, estamos desenvolvendo ações como a inauguração da Biblioteca Infanto-Juvenil prevista para janeiro de 2013 e estamos cedendo espaços para eventos culturais, ensaios e oficinas para grupos artísticos.

Atualmente, a parte do edifício que, em cada pavimento, era ocupada pelo INSS deverá em breve ser disponibilizada para a Secretaria Municipal de Cultura, que planeja a ampliação do seu funcionamento. Existe uma proposta de reforma no edifício a ser coordenada pela Secretaria de Infraestrutura (SEINFRA), que está em andamento para ser aprovada pelo IPHAN e ser executada em 2013.

O Tombamento

O Processo de Tombamento nº 1.500-T-02 (anexo) menciona que os bens a serem tombados em Goiânia envolvem imóveis de propriedade da União, do Estado de Goiás, do Município de Goiânia e uma autarquia federal, nesse caso o prédio do INSS. O conjunto desses bens são denominados de *Acervo*, portanto constituído apenas de bens públicos.

Assim, cabe recomendar, na forma e para os fins do disposto no Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937 c/c a Portaria nº 11, de 11 de setembro de 1986, da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, a expedição de notificação de tombamento para entes públicos – Município de Goiânia, Estado de Goiás, União Federal (Secretaria do Patrimônio da União) e autarquia federal – conforme minutas anexas, em cumprimento ao art. 5º do citado diploma legal, porquanto é inadmissível, *in casu*, o oferecimento de impugnação à pretendida tutela. (PARECER nº 027/02- GAB/PROJUR/IPHAN).

Diniz (2007, p.214) considera que o tombamento do núcleo pioneiro de Goiânia e de seu perímetro urbano pelo IPHAN, caracterizando a cidade como patrimônio *art déco*, possui uma leitura equivocada, uma vez que o documento de tombamento, “o dossiê”, não analisa o processo de construção da cidade. Parte da estética para ler a história, forjando uma identidade que é inexistente. Ao pesquisar a leitura da trajetória de Atilio C. Lima, Diniz pôde contextualizar o urbanismo e a arquitetura por ele realizada em Goiânia: Atilio C. Lima planejou uma cidade com urbanismo clássico formal e a arquitetura com influências ainda do neocolonial, com um singelo traço modernista para as principais edificações. Ela argumenta: “Podemos afirmar que havia uma dialética entre o urbanismo de formas clássicas e a arquitetura modernista”.

O edifício do Grande Hotel integra esse Acervo Arquitetônico *Art Déco* de Goiânia, tombado pelo IPHAN, com aprovação das poligonais de entorno, conforme as delimitações apresentadas na imagem a seguir e que são: o bem tombado (vermelho), perímetro da área de entorno, subárea de ambientação, subárea com restrições de ocupação e bens excluídos do tombamento.



Imagem 87 – Planta de Situação do Grande Hotel e subárea com restrições de ocupação. Fonte: IPHAN.

O Decreto-lei nº 25 garante ao Grande Hotel uma proteção sob o ponto de vista cultural, através do órgão de proteção, o IPHAN, nos artigos 17 e 18. O artigo 17 garante que não se poderá, sem autorização do IPHAN, na vizinhança do bem tombado, fazer qualquer construção que impeça ou reduza a visibilidade do bem, nem colocar anúncios e cartazes, sob pena de ser mandada destruir a obra ou retirado o objeto, impondo multa ao infrator. O artigo 18 garante a proteção e a preservação do bem, caso o proprietário não possua recursos para tal. Este deverá levar sua situação ao conhecimento do IPHAN para que sejam realizadas obras de conservação ou reparação. Caso contrário, levará multa e, caso o órgão não cumpra o decidido, ao proprietário cabe o direito de requerer o tombamento do bem. Em casos de necessidade de manutenção do bem, se o proprietário não comunicar essa necessidade ao IPHAN, este poderá inspecioná-lo, tomar iniciativas, projetar e executar obras de conservação.

3.2. Descrição e análise do Grande Hotel

3.2.1 *O Partido e o Programa de Necessidades*

O Grande Hotel, na sua concepção e execução, teve como proprietário o Governo do Estado, representado pelo então interventor Pedro Ludovico Teixeira. Posteriormente, foi arrendado para particulares e, mais tarde, foi repassado para uma autarquia federal, o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS). Funcionou como hotel até o início da década de 1970; depois, foi alugado para fins comerciais.

Atualmente, sua ocupação, através de um convênio, transita pelas esferas públicas municipal e federal, funcionando como Secretaria Municipal de Cultura e Sistema Nacional de Seguridade Social (INSS).

Quanto à análise do edifício como um todo é possível reconhecer que as qualidades formais expressam a funcionalidade da planta adotada composta de corredores no centro, ladeado por quartos na sua distribuição principal. O resultado dessa composição é uma volumetria retangular permeada por cheios e vazios que são os vãos das janelas que se abrem para ventilar os quartos e de sacadas como um espaço de transição que faz um diálogo com o espaço externo e uma entrada marcada por uma recepção e um estar que convidam os hóspedes a entrarem por alguma característica peculiar. Os três hotéis aqui apresentados possuem elementos arquitetônicos semelhantes, ditados por semelhantes programas e expressam o mesmo caráter arquitetônico de edifícios de hotéis, ou seja eles tem a “fisionomia” de hotel percebida à distância.

De acordo com o primeiro edital de arrendamento publicado em 1936, trata-se de um hotel com o seguinte programa de necessidades:

A Secretaria Geral do Estado de Goiaz faz ciente a quem interessar possa que, pelo prazo de 30 dias contados da publicação deste no “Correio Oficial”, está novamente aberta a concorrência pública para o arrendamento do Grande Hotel de Goiânia- a Nova Capital – o qual possui 60 quartos e quatro apartamentos de luxo, com água encanada em todos eles, três pavimentos, ótimo salão de refeições, cosinha, vários banheiros servidos de água quente e fria, etc., além de garages e outras dependências próprias dos melhores estabelecimentos desse gênero (CORREIO OFICIAL, 28 de fevereiro de 1936).

A pesquisadora Diniz (2007, p.174), que teve acesso aos arquivos originais de Attílio Lima, detalha um pouco mais o programa, mencionando que, além dos 60 quartos, o Hotel contava com uma sala de estar na entrada principal, uma sala de jantar contínua ao estar, lavanderia, copa-cozinha com despensa, administração, rouparia, garagem coberta para veículos, banheiros coletivos, depósito, escada e um elevador, de acordo com as duas imagens subse-

quentes. Não havia suítes com banheiros privativos, o que seria um luxo para a época. A escada possuía um posicionamento centralizado em relação ao *hall* e existia um local para elevador.

A diferença principal entre o segundo pavimento e o terceiro, imagem abaixo, seria a varanda, coberta por uma plana sustentada por dois pilares, que funcionava como um mirante. Existe um *hall* de chegada em cujas proximidades estão os banheiros coletivos masculino e feminino, o depósito e uma área de serviço. Os 28 quartos em cada pavimento provocam ritmo e volume na fachada pelas suas dimensões diferenciadas.

A laje plana impermeabilizada proposta por Atilio C. Lima não foi executada. Foi utilizada uma cobertura de telha de barro tipo Marselha, que ficou atrás da platibanda construída com uma decoração de altos e baixos relevos.

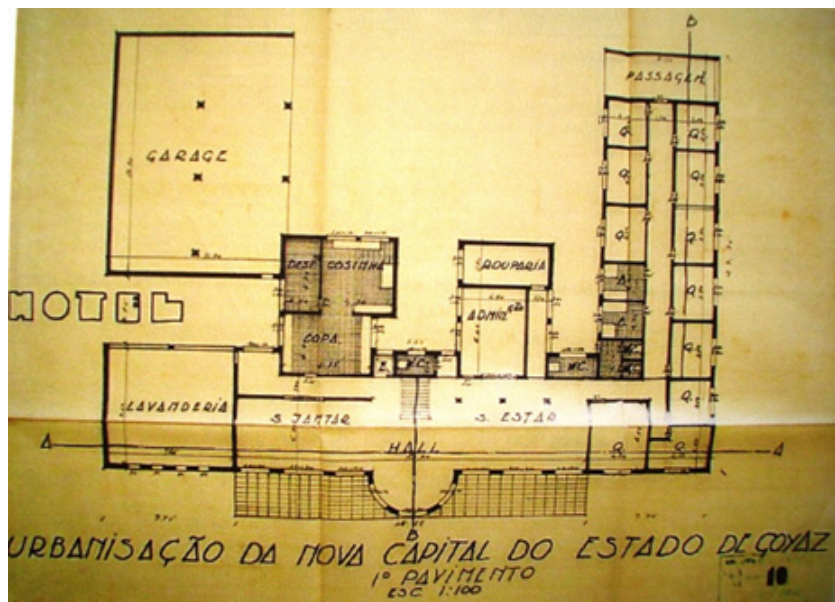


Imagem 88: Planta do Pavimento Térreo do projeto original de Atilio Lima para o Grande Hotel – 1933/1935. Fonte: DINIZ, 2007, p. 177.

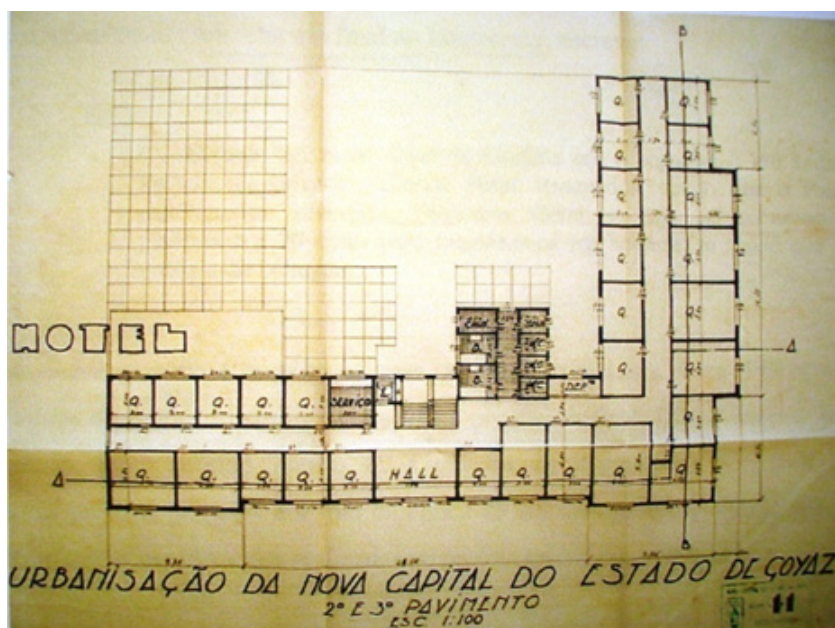


Imagem 89: Planta do 2º e 3º Pavimentos do projeto original de Atilio Lima para o Grande Hotel – 1933/1935. Fonte: DINIZ, 2007, p. 177.

O Grande Hotel era o ponto de encontro de personalidades, políticos e intelectuais que vinham conhecer a nova capital e muitas vezes se reuniam para fazer negócios, fechar contratos ou para eventos comemorativos, como carnavais, *réveillons* etc. Segundo menciona o Relatório do Superintendente ao titular da Fazenda do Estado:

Este edifício vem sendo dotado de todas as acomodações exigíveis para a sua função. Temos empregado metuculoso esforço para que seja uma obra que preencha plenamente sua função – conforme o compreendemos – facilitar o ingresso de elementos de fóra para o Estado e facilitar com boas instalações a estadia de quantos tenham negócios a tratar com o Governo [...] (ALVARES, 1942, p.123).

De acordo com o levantamento histórico, somente a partir de 1980, quando o INSS se apropriou do edifício, definiu-se um programa de necessidades que melhor atendesse às funções burocráticas do órgão federal, imagem abaixo, com grande quantidade de salas para além das circulações horizontais e verticais, e banheiros feminino e masculino em cada pavimento.

Grande Hotel

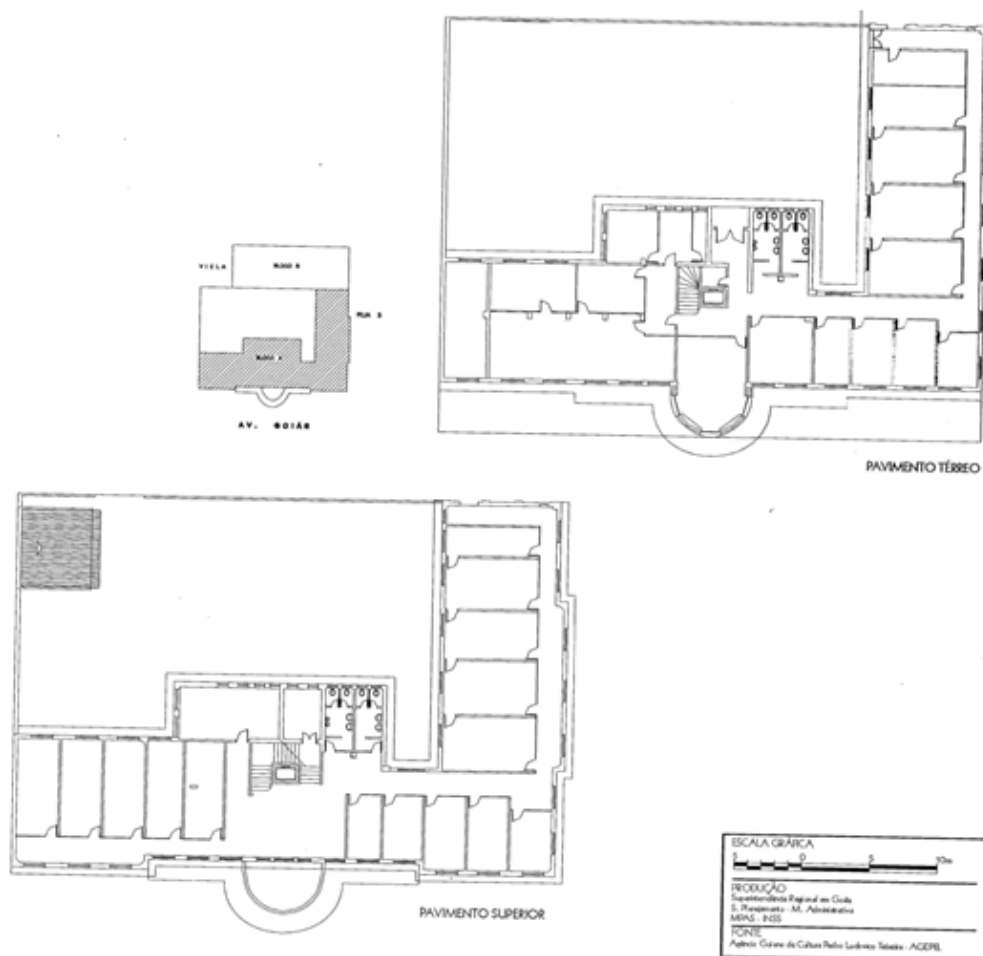


Imagem 90: Planta Pavimento Térreo e Pavimento Superior apropriado pelo INSS em 2003.

Fonte: Acervo IPHAN.

Em 2004, com o evento da Casa Cor, foi elaborada uma proposta de modificação nos três pavimentos. A parte do edifício voltada para a Avenida Goiás foi disponibilizada para o INSS e a outra parte continuou para uso próprio, que é a lateral direita, na rua 03. Esta foi isolada por uma parede sem abertura nos três pavimentos, podendo ser vista nas três plantas que se seguem.

No pavimento térreo, algumas paredes foram demolidas e estão indicadas na planta por paredes tracejadas. Também está indicada a parede que isola o INSS.

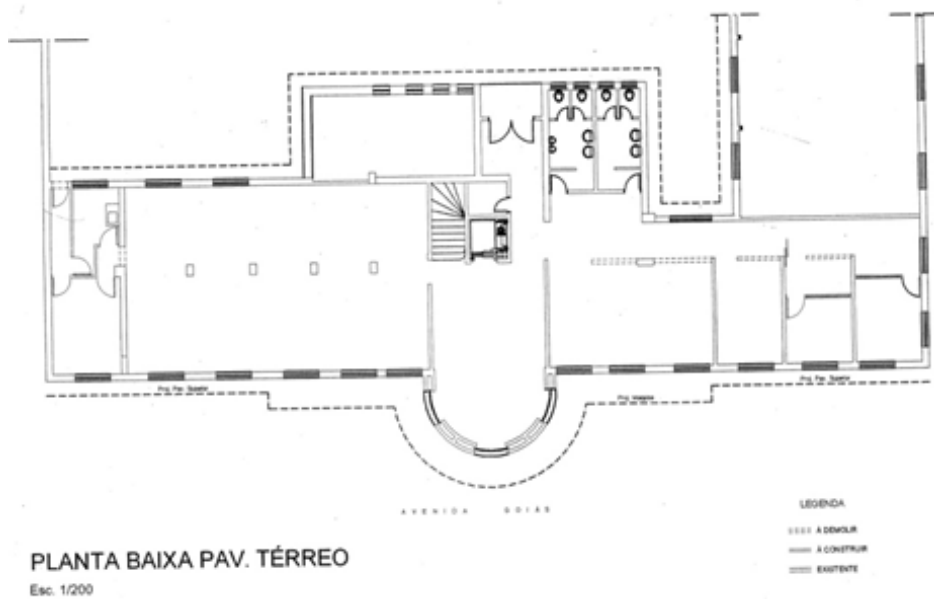


Imagem 91: Planta Pav. Térreo, modificação para execução da Casa Cor, em 2004.
Fonte: Secretaria Municipal de Cultura.

No primeiro pavimento, muitas paredes foram demolidas para ampliar mais os espaços para os ambientes e a parede que separa o INSS:

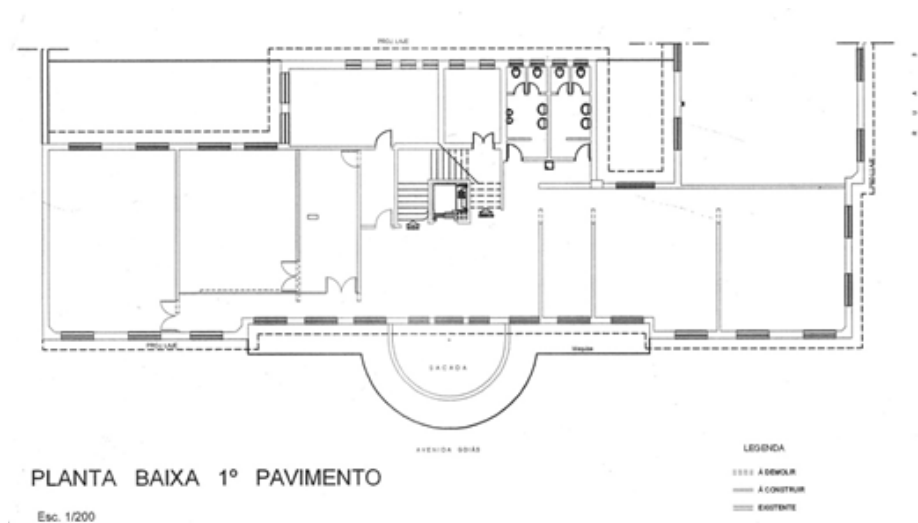
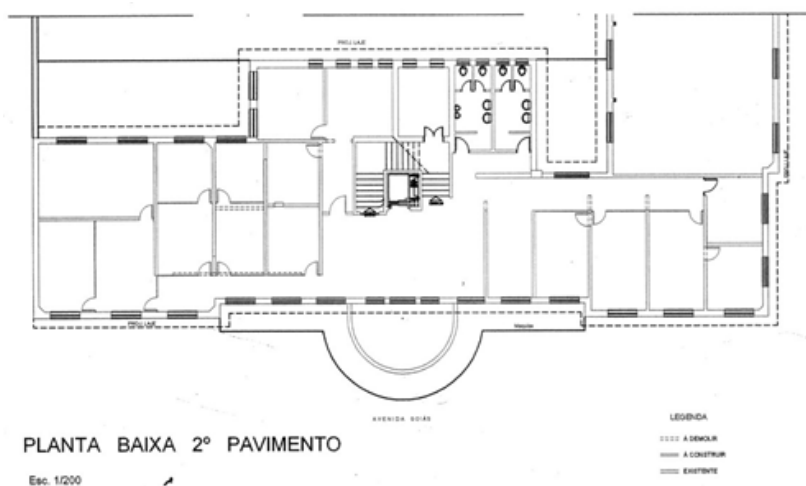


Imagem 92: Planta 1º Pav. com modificação para execução da Casa Cor, em 2004.
Fonte: Secretaria Municipal de Cultura.

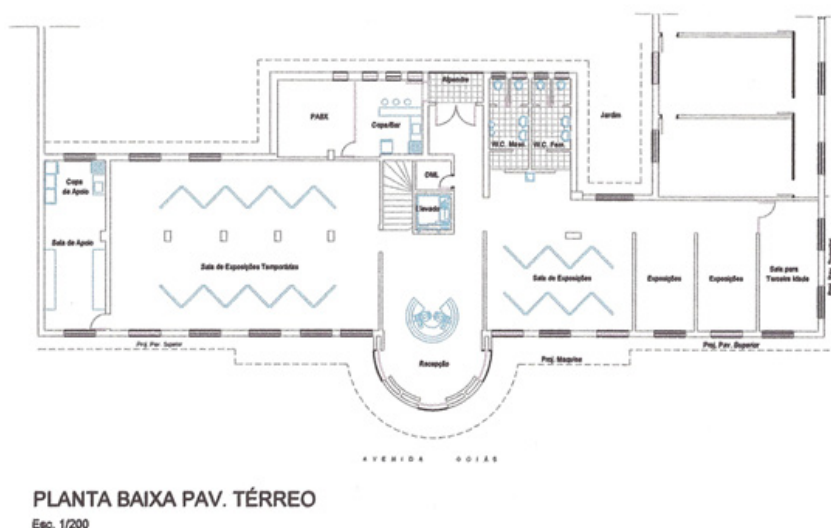
Imagem 93: Planta 2º Pav.
com modificação para execução
da Casa Cor, em 2004.
Fonte: Secretaria
Municipal de Cultura.



Após a finalização da Casa Cor, foi proposta outra planta de modificação para atender ao Centro de Memória e Documentação. Foram aproveitados os espaços já definidos, mas com novo *lay-out* e algumas alterações.

Conforme o Relatório da Secretaria Executiva do Conselho e da chefe da Divisão de Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da cidade de Goiânia, Sheila Martins, o Programa de Necessidades do Centro de Memória e Referência possui doze ambientes no Pavimento Térreo: Recepção, Salão de Exposição Temporária, Sala de Apoio, Cozinha de Apoio, D.M.L., Sala para Terceira Idade, Copa/Bar e Bazar, de acordo com a imagem abaixo.

Imagem 94: Planta Térreo
– Centro de Memória
e Referência de Goiânia,
em 2004.
Fonte: Secretaria
Municipal de Cultura.

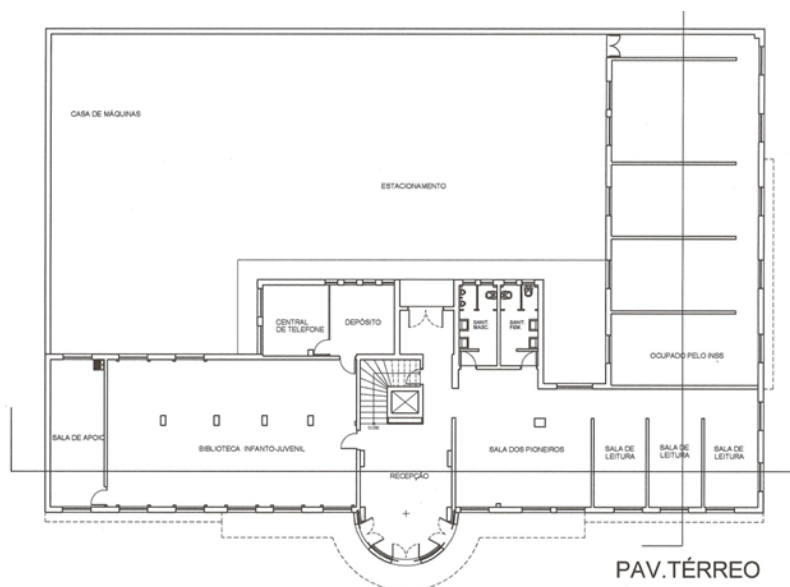


A planta do primeiro pavimento propôs treze ambientes: café, sala de exposição, biblioteca, sala de leitura e consulta do acervo, sala de reunião do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de Goiânia, discoteca, sala para cursos e educação patrimonial, comunicação audiovisual, sala de controle, estúdio de vídeo e fotografia e copa.

Verificando o Programa de Necessidades desse departamento e fazendo análise do levantamento arquitetônico cedido pela Secretaria de Infraestrutura nos dias atuais, tem-se, em cada pavimento, ambientes para atividades voltadas para o incentivo da arte, da cultura e da memória.

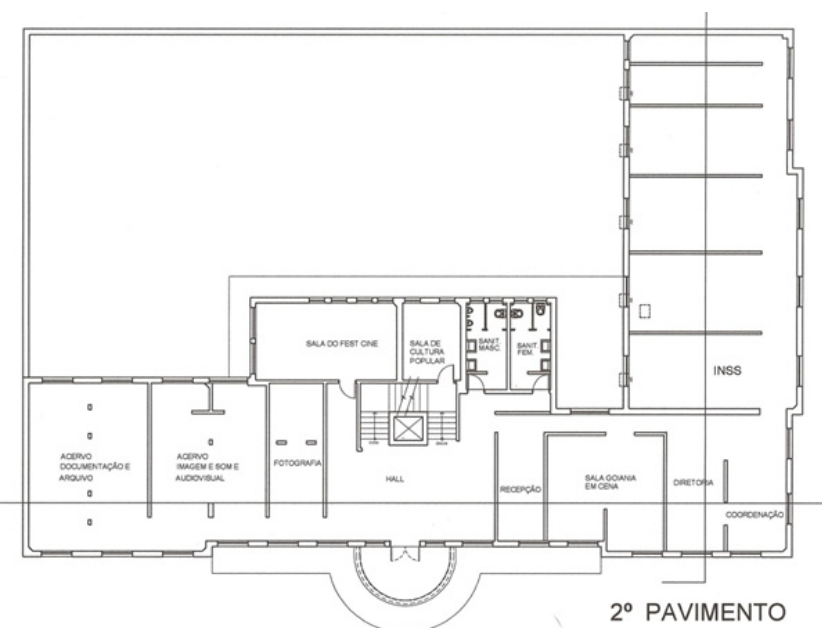
No pavimento térreo, conforme imagem subsequente: recepção, banheiros, sala dos pioneiros, três salas de leitura, biblioteca infanto-juvenil, sala de apoio, central de telefone, depósito, estacionamento e casa de máquinas.

Imagem 97: Levantamento
Arquitetônico / Planta Pav.
Térreo, em 2012.
Fonte: SEINFRA.



No primeiro pavimento, imagem a seguir: hall, sanitários masculino e feminino, recepção, sala de cultura popular, sala do "fest cine", sala de fotografia, sala do acervo de imagem e som e audiovisual, sala de acervo e documentação e arquivo, sala "Goiânia em Cena" e sala da diretoria e coordenação.

Imagem 98: Levantamento
Arquitetônico / Planta 1º Pav.,
em 2012.
Fonte: SEINFRA.



No segundo pavimento, o INSS não cedeu os sanitários, imagem abaixo, dificultando o adequado funcionamento das atividades. Os ambientes são: sala de ensaio, copa, sala de pintura, depósito, sala de desenho, sala de artes, sala de projeção de filmes.

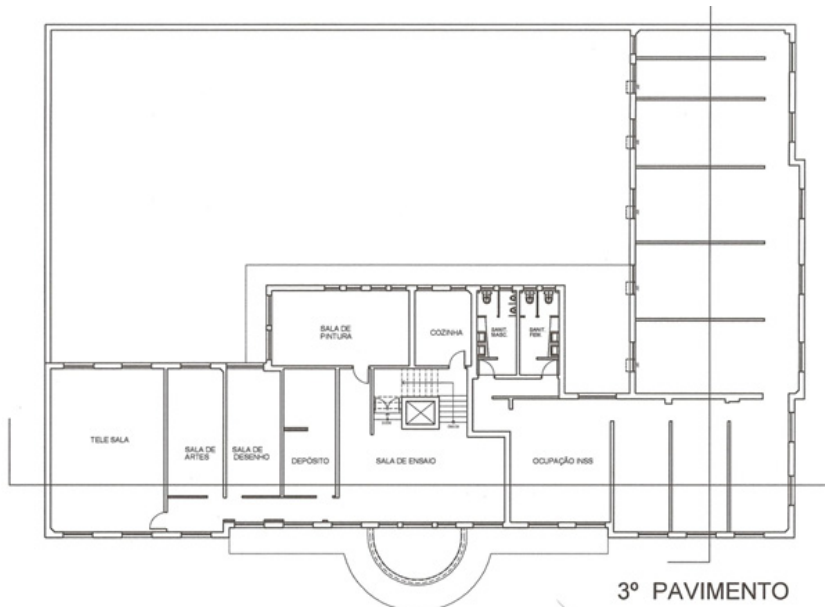


Imagem 99:
Levantamento Arquitetônico
– Planta 2º Pav., em 2012.
Fonte: SEINFRA.

3.2.2. A Volumetria e as Fachadas

O Grande Hotel possui três pavimentos distribuídos num volume retangular. Embora com características mais simplificadas, é possível identificar nessa obra o estilo *art déco*: a horizontalidade integrada à paisagem e à topografia, a simetria, o acesso centralizado marcado por um volume cilíndrico (imagem a seguir) através de um *hall*, acima dele um guarda-corpo compondo uma varanda no pavimento superior e a presença de uma platibanda emoldurada com panos de alvenaria em alto e baixo-relevo.

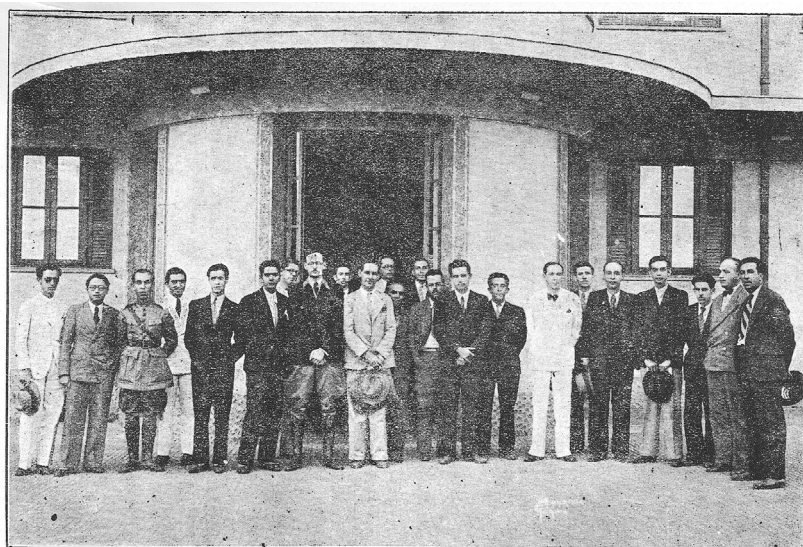


Imagem 100: Acesso principal
com três portas no volume circular
– Inauguração do Grande Hotel.
Fonte: Monteiro, 1938.

Possui um tratamento volumétrico com predominância de cheios sobre vazios, utilização de uma varanda semiembutida, iluminação cenográfica (uso do neon), emprego de conjunto de molduras como meio de expressão arquitetônica, utilização de platibanda escondendo o telhado, presença de caracteres tipográficos nomeando o edifício, e a racionalidade. A horizontalidade e volumetria expressam monumentalidade e imponência, representando poder. A presença de duas marquises enfatiza as linhas e superfícies horizontais, acentuando a horizontalidade. As janelas são de madeira, com quatro panos de vidro retangulares e venezianas na parte lateral. Não houve uma implantação que buscasse valorizar a utilização da esquina; somente ocorreu ênfase na fachada principal voltada para a avenida Goiás.

Verificando a proposta de Atilio Corrêa Lima para a fachada do Grande Hotel, na imagem abaixo, é possível verificar que existe uma diferença entre o que foi construído e o que foi projetado, como na imagem subsequente.



Imagem 101- Projeto original de Atilio Corrêa Lima para o Grande Hotel-1933. Fachada principal.

Fonte: DINIZ, 2007, p.175.



Imagem 102:
Edifício executado
em 1937, com
alterações do
projeto original.
Fonte: Secretaria
de Planejamento.

De acordo com o jornal *O Popular*, de 02.05.2004, na reportagem “Mudanças ao Longo de Décadas de História”, as principais diferenças são cinco: as portas da entrada principal além de sua estrutura, as dimensões das janelas e seu *design*, a presença da platibanda no projeto de Coimbra Bueno, letreiro junto à platibanda do prédio e as janelas circulares do projeto de Correia Lima.

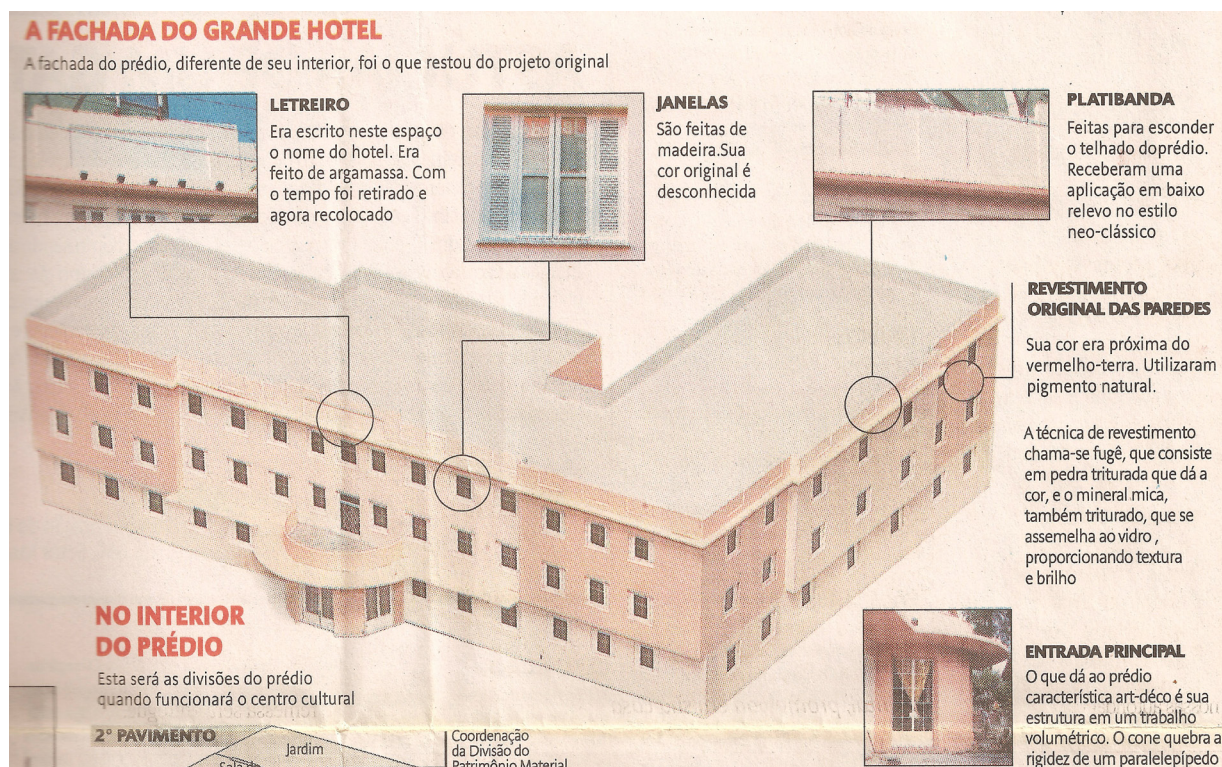


Imagem 103: Diferenças entre o projeto original de Atilio Lima e a obra construída.

Fonte: O Popular, 2004.

Dentro dessa perspectiva, começando pela porta de entrada principal, no projeto de Atilio Lima havia uma laje circular (marquise) sobre a porta principal, servindo de proteção para os carros, e não o volume circular construído posteriormente na administração de Coimbra Bueno.

Existia uma porta de entrada marcando o acesso principal e não três portas – uma frontal e duas laterais no semicírculo. Após uma escadaria, o edifício não tinha o mesmo nível que o terreno, diferentemente do que foi construído.

Houve alterações na composição das esquadrias da fachada: eram retangulares, mais horizontais e foram desenhadas e confeccionadas com predomínio vertical. Segundo Atilio Lima, a proposta original continha, na lateral esquerda e direita, quatro janelas referentes às duas do 1º pavimento e às duas do 2º pavimento; no térreo, à esquerda, quatro janelas redondas

tipo escotilha; e, na lateral direita, duas janelas seguindo o alinhamento dos outros pavimentos. De acordo com a imagem acima, o que ocorreu foi a colocação de três janelas nas laterais referentes ao 1º e 2º pavimentos e a retirada das janelas circulares da lateral esquerda.

A inserção de uma platibanda trabalhada em baixo relevo no estilo neoclássico, mas que traz referência ao *Art Déco*, como mostra a mesma imagem, foi uma solução dos Coimbra Bueno para esconder o telhado, juntamente com o letreiro incorporado na platibanda em argamassa. Para a arquiteta e pesquisadora Anamaria Diniz, em depoimento ao jornal *O Popular*, em 24 de outubro de 2012, na matéria “A polêmica do *Art Déco*”:

Atilio teve algumas idéias sem levar em conta se seria possível ou não executá-las. Aquela proposta para o Grande Hotel era inviável. Não havia no Brasil tecnologia disponível para fazer tal armação de concreto impermeabilizado. Ele viu essa técnica na Europa, que tem outro clima e adequações arquitetônicas completamente diferentes. Ainda hoje é difícil fazer isso aqui, imagine nos anos 1930 ?

Em relação às janelas previstas por Atilio Lima, a sua instalação também trazia dificuldades. Diniz relata na mesma matéria jornalística que “Eram grandes janelas envidraçadas. Imagine o transporte desse material: primeiro de trem, depois em carros de boi por uma estrada de rodagem precária. Claro que quebraria tudo”.

De acordo com o levantamento dos dias atuais, é possível verificar que pouco se modificou a volumetria do edifício, comparando-o às fotos da década de 1930 e 1940. O edifício foi executado com duas janelas na lateral direita do térreo, podendo-se verificar, portanto, três alterações ao longo desses 76 anos nesta parte do edifício, de acordo com as quatro imagens que se seguem.



Imagem 104: Fachada Grande Hotel, abertura de porta na lateral direita do térreo, década de 1940.
Fonte: Arquivo Hélio de Oliveira.



Imagem 105: Fachada Grande Hotel, abertura de duas portas na lateral direita do térreo, década de 1940. Fonte: Arquivo Hélio de Oliveira.



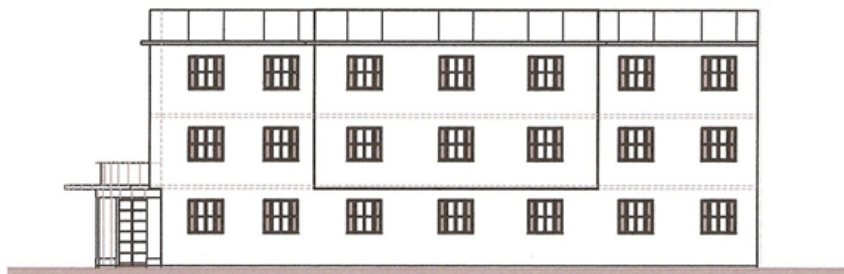
Imagem 106: Fachada frontal e lateral do Grande Hotel, Av. Goiás esq/ com Rua 03, autor desconhecido, década de 1940. Fonte: Acervo MIS/GO.



Imagem 107: Fachada frontal do Grande Hotel em 2012, Av. Goiás. Fonte: Secretaria de Infraestrutura.

Ao comparar a fachada da década de 1940 com a dos dias atuais, pode-se verificar que foi fechada a porta no térreo.

Imagem 108: Fachada Lateral do Edifício do Grande Hotel em 2012, Rua 03.
Fonte: SEINFRA.



FACHADA RUA 03

Conforme as imagens a seguir, as representações dos cortes do edifício permitem visualizar o pavimento térreo, a laje do primeiro pavimento, a laje do segundo pavimento e a cobertura, a localização do acesso vertical através da escada no meio do edifício, para facilitar a circulação dentro do edifício, e situada em frente à porta de entrada com o mesmo fim.



Imagem 109: Corte Longitudinal do edifício do Grande Hotel, em 2012.
Fonte: SEINFRA.



Imagem 110: Corte Transversal do Edifício do Grande Hotel, em 2012.
Fonte: SEINFRA.



Imagem 111: Volume semicilíndrico no acesso principal.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2011.



Imagem 112:
Esquadrias da fachada da Av. Goiás.
Fonte:
SEINFRA, 2012.

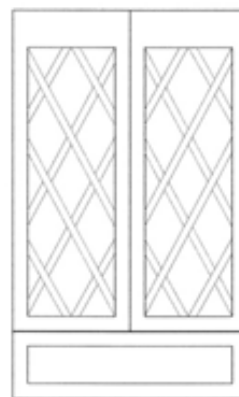


Imagem 113: Esquadrias da fachada da Rua 03.
Fonte: SEINFRA, 2012.

As janelas foram confeccionadas em madeira e são originais, imagem abaixo, com duas folhas fixas com veneziana e duas móveis. Sua cor original é desconhecida.



Imagem 114:
Detalhamento das esquadrias da fachada da Rua 03.
Fonte: SEINFRA, 2012.



3.2.3 .*Materiais e Técnicas Construtivas*

De acordo com Diniz (2007, p. 181), no momento em que Corrêa Lima projetou o Grande Hotel, o urbanista já conhecia os conceitos da Nova Arquitetura divulgados pelos modernistas, em particular as ideias de Le Corbusier. Por essa razão, propõe a introdução de técnicas construtivas inovadoras para a região, como, por exemplo, a laje plana impermeabilizada.

Verifica-se também o emprego de materiais e técnicas construtivas modernas, como o uso da estrutura mista de concreto armado e alvenaria, com todos os pavimentos feitos em laje de concreto armado; escada de concreto armado; alvenaria tipo e tijolos cerâmicos, telhado com estrutura de madeira e cobertura com telhas tipo Marselha com cumeeira, emassadas com massa de cimento. A técnica utilizada para o revestimento original das paredes chama-se fugê, que consiste em pedra triturada que dá a cor, e o mineral mica, também triturado, que se assemelha ao vidro, proporcionando textura e brilho.

No exterior todas as paredes externas foram embocadas e rebocadas à massa rústica colorida com injeção de malacacheta. A Superintendência de Obras cita no Relatório de 1936, o amplo uso do “pó de pedra” ou “pó mineral” no Grande Hotel: todas as paredes externas foram embocadas e rebocadas à massa rústica colorida, com injeção de malacacheta (GOIÂNIA, *ART DÉCO*, 2010, p.127).

Nos interiores também há a presença de materiais inovadores, como o acabamento de parede em Platex (placas de aglomerado de fibras de madeiras resinosas com alta durabilidade) e pintura feita com National Tex (acabamento texturizado, resistente, flexível, pesado, decorativo, contendo agregados duros e chips de mármore); nos *halls*, um revestimento que imitava pedra lavável e, no piso, o uso do taco; o *hall* de entrada de pastilhas de cerâmica; e escadas e corredores de um material denominado Linoleo (revestimento de materiais renováveis). Segundo documenta o Relatório do Superintendente ao titular da Fazenda do Estado, quando descreve os materiais empregados durante o exercício de 1935, que justificavam as verbas empregadas na construção do edifício, explica que os edifícios iniciados em 1934 ainda não tinham sido terminados, porque o objetivo era mantê-los avançando ao mesmo tempo para que pudessem ser terminados na mesma época.

Estado da obra em fins de 1934:

Levantadas as paredes do 1º pavimento e principiado o assentamento do taipal para concretar a laje do segundo pavimento. Concretada a laje de impermeabilização.

Situação em 31 de Março de 1936:

1) Concreto armado: foi adotada estrutura mixta de concreto e alvenaria. a) Todos os pavimentos feitos em laje de concreto armado. b) Escada feita de concreto armado.

2) Alvenaria de tijolos: foi feita toda ela com argamassa de cimento e areia, saibro e areia, conforme a carga que elas sustentavam.

A espessura da parede também variou proporcionalmente à carga:- espessura mínima das paredes externas – 25 cmts.; espessuras mínimas das paredes internas carregadas – 15 cmt.; espessura mínima das paredes internas não carregadas – 10 cmt.

Assim garantimos: segurança contra agentes atmosféricos (humidade, insolação, etc.), estabilidade, isolamento de sons, etc.

3)Telhado: de telhas tipo Marselha com cumieiras tomadas a massa de cimento.

9)Instalação de água: feita para água fria em todos os quartos e fria e quente para os banheiros e apartamento. Para dar uma idéia do volume destas instalações, basta dizer que quando foi da ligação d'água no edifício, só os canos de água fria consumiram 4.000 litros para encherem, e acresce que os tubos de água quente equivalem a aproximadamente 1/5 dos de água fria.

10)Pintura: a) O refeitório foi pintado com Platex de desenho moderno.

b) As salas de estar pintadas a National Tex com desenhos também, modernos.

c) Os hall e corredores: imitação de "cimile-pierre" lavável.

d) Quartos: pintados a "Stick B" lavável e em cores variadas.

e) Portas internas dos quartos: pintadas a meio esmalte marfim-branco.

11) Aparelhos Sanitários: Além dos aparelhos coloridos dos apartamentos foram colocados:

11 banheiras de 5 ½ pés de comprimento, com abas quadradas e embutidas por saias de alvenaria a estuque-lustro, com ferramentas niqueladas; 9 bidês de louça estrangeira Keramag tipo luxo, com chuveiro, água quente e fria.

E quatro registros niquelados; 75 lavatórios de louça Keramag, com torneira e um registro niquelado e um sifão de chumbo; 22 chuveiros niquelados com registros para água quente e fria; 1 chuveiro amarelo, para empregados; 69 espelhos para lavatories; 18 w.c. de louça matarazzo; 14 caixas de descarga, de ferro fundido; 2 caixas de descarga silenciosas em privadas duolamente sifonadas.

12) Fogão: foi instalado um tipo econômico para lenha, com 2,00 x 0,80 cmts., com forno e serpentina para aquecimento d'água.

13)Bar: Montado e mobiliado um com todos os requisitos modernos, dotados de geladeira e em peça guarnecida por lambris de madeira de nossa fabricação.

14)Apartamentos: foram instalados quatro: dois com uma sala e dois quartos, todos revestidos á imitação da damasco e um banheiro colorido-um azul e outro rosa – revestido a ladrilhos de mármore.

Os quartos e salas com instalação de luz, força elétrica, telephone e campanhia. Dois lavatórios para os quartos e um filtro para água. O banheiro possui um conjunto colorido. Um de ferro esmaltado, composto de : uma banheira embutida, um lavatório com pedestal, um bidet com chuveiro, uma saboneteira, uma privada sifonada, uma caixa silenciosa, e um chuveiro niquelado com registro de água quente e fria, dotado ainda de dois pontos de luz e uma chaminé de ventilação.

15) Aparelhos elétricos: foram colocados plafoniers nos quartos e corredores, arandelas, dois lustres de ferro batido nos hall de entrada, lustres com cinco bacias na sala de jantar, 2 lustres compostos de discos de vidro nos hall do 2º e 3º pavimentos, lanternas de ferro batido para exterior.(ALVARES, 1942, p.123)

No ano de 1936, foram publicados dois editais de concorrência pública para o arrendamento do hotel e estes editais sempre vinham acompanhados das especificações para o serviço do Grande Hotel, fornecidas pela superintendência das obras da nova capital. Em Monteiro (1938), podemos verificar, no primeiro edital do dia 12 de março de 1936 em anexo,

que foram utilizados os seguintes materiais: no piso dos ambientes, em geral foram utilizadas "(...) peças pavimentadas a taco, serão enceradas", o *hall* de entrada foi "pavimentado a pastilhas de cerâmica, as escadas e corredores levarão uma passadeira de "linoleum" ou de fibra ou similar" (...). Para a iluminação externa e o letreiro luminoso foi utilizado o gaz neon, colocado na fachada do edifício e indicado para ficar iluminado durante todas as noites.

As principais intervenções foram: modificação do revestimento de pó de pedra com malacacheta num tom de cinza-arroxeadado ou lilás para textura; retirada da inscrição Grande Hotel, em alto-relevo, da platibanda sobre o acesso principal; abertura de vão para ligação e acesso à edificação do lote vizinho; construção de anexo, alamedado e guarita. (GOIÂNIA, *ART DÉCO*, 2010, p.127).

3.2.4. Interiores (Restaurante, Bar e Escada)

O referido primeiro edital do dia 12 de março de 1936 mostra com detalhes a descrição dos seguintes mobiliários na organização interna do Grande Hotel:

IX

Os quartos menores serão mobiliados com uma cama para solteiro, tipo Patente, ou similar, um guarda-roupa, uma mesinha de cabeceira, uma mesa para toilette e uma cadeira, tudo em estilo moderno e lustrado.

Os quartos grandes terão uma cama para casal, um guarda-roupa e um guarda-vestido, que poderão ser em um só móvel, duas mesinhas para cabeceira, uma mesa para toilette e duas cadeiras, tudo de modelos semelhantes aos anteriores.

Dos quarto apartamentos, dois terão quartos mobiliados para casal e dois para solteiros.

Todos terão uma sala de estar com uma mesa de centro, duas poltronas e um sofá, de madeira lisa ou estofados.

A sala de visitas sera mobiliada com três grupos modernos, sendo um estofado. Terá uma mesa para jornais e quatro cadeiras.

Os halls do segundo e terceiro pavimento, terão, cada um, dois grupos compostos de uma mesa, dois sofás e uma poltrona, tudo de vime.

A sala de jantar terá mesas e cadeiras em número suficiente para atender a todos os hóspedes, de acordo com a capacidade da sala. Terá ainda um guarda-talheres de centro de sala (MONTEIRO, 1938, p.418).

É possível verificar a presença da modernidade com traços *art déco*, tanto no exterior quanto no interior. Existe na imagem abaixo, que mostra onde funcionava o restaurante do Grande Hotel, uma distribuição do *lay-out* de forma funcional, a fim de otimizar os espaços; a disposição das luminárias de teto na parte central e o seu formato geométrico numa composição de metal e vidro; a utilização do revestimento de parede com motivos a meia altura, que produz um efeito decorativo ao ambiente e uma atmosfera discretamente cálida, remetendo de maneira simples aos espaços *art déco*.

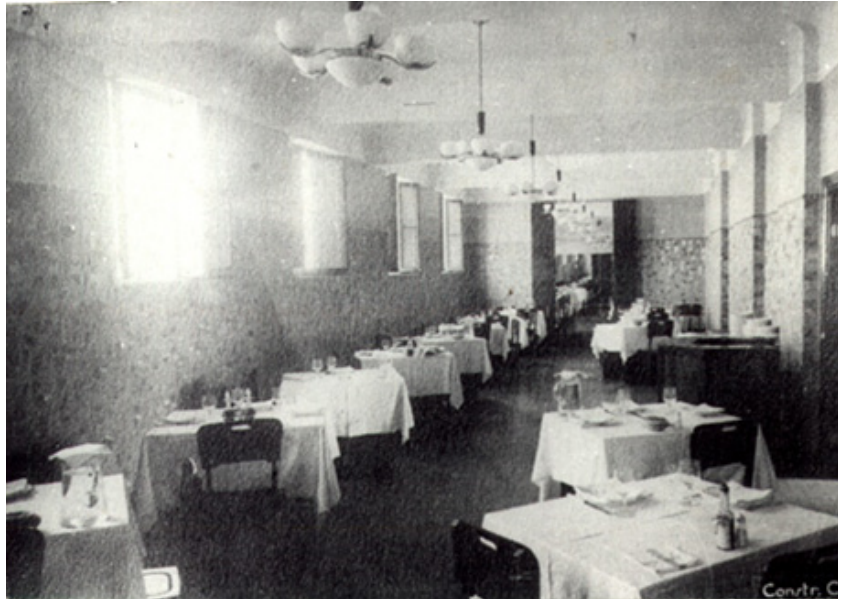


Imagem 115:
Restaurante do Grande Hotel,
autor desconhecido, 1937,
Goiânia – GO.

Fonte : Acervo Museu da
Imagem e Som de Goiânia.

O ambiente do bar foi mobiliado como citado: " com todos os requisitos modernos, dotados de geladeira e em peça guarnecida por lambris de madeira de nossa fabricação", conforme imagem que se segue, oportunizando uma atmosfera de aconchego. As mesinhas redondas são de madeira e as cadeiras de vime.



Imagem 116: Coquetel
de inauguração do bar,
no interior do Grande
Hotel, em 1937.
Fonte: Monteiro, 1938.

Grupo tirado no bar do "Grande Hotel", após o "cocktail" inaugural.

O balcão em madeira, imagem subsequente, possui um *design* com linhas orgânicas e puras, e um tubo de aço emoldura, embeleza e se configura como um ponto de apoio para seus usuários.



Imagem 117 : Balcão do bar,
no interior do Grande Hotel,
década de 1930.
Fonte: Acervo da Sec.
Municipal de Cultura.

Sobre o levantamento fotográfico atual dos interiores do Edifício do Grande Hotel, pouquíssimo foi encontrado. É grande a ausência de objetos, mobiliários, de referências materiais que contem a história desse importante patrimônio. O único objeto localizado até então é esta cadeira de madeira, imagem abaixo.



Imagem 118: Cadeira original utilizada
no restaurante do Grande Hotel, década de 1930.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2012.

A escada é a única parte preservada no interior do prédio. Nos seus vãos, encontra-se o único vestígio do piso original, em madeira (taco), que se espalhava por quase todos os cômodos, e o corrimão de metal com detalhes em curvas, conforme as três imagens que se seguem.



Imagem 119: Piso da original da escada do Grande Hotel, em 2012.
Fonte: SEINFRA.



Imagem 120: Piso descaracterizado no hall do 1º Pavimento, em 2012.
Fonte: SEINFRA.



Imagem 121:
Corrimão da
escada original
do Grande Hotel,
em 2012.
Fonte: SEINFRA.

No percurso destes dez anos, existe um questionamento: como um tombamento dessa natureza, aplicado pelas instâncias municipais, representado pelo órgão de proteção local, fragilmente aprova uma exposição, como a Casa Cor de 2004? A Casa Cor é uma amostra com grande variedade de propostas de ambientes interiores, que diferentes tipos de profissionais transformam: paredes são derrubadas e erguidas, pisos, metais, louças, iluminação e pintura são modificados etc. E, ao chegar o final da exposição, na entrega do edifício, considera-se que foi elaborada uma ação de preservação do bem? Mesmo que o bem não estivesse preservado originalmente, não se deveria preservar o seu estado de conservação até o seu tombamento federal? Mesmo porque, antes disso, ele é tombado como patrimônio histórico de Goiás através da Secretaria de Estado da Cultura (DECRETO Nº 4.943/1998, PROCESSO 16204654) e pelo município.

Diante disso, vale lembrar com Lemos (1981,p.85) que: "O tombamento é um atributo que se dá ao bem cultural escolhido e separado dos demais para que, nele, fique assegurada a garantia da perpetuação da memória". Tal reforça a indignação da triste situação em que se encontra o edifício do Grande Hotel - além de o bem tombado não poder ser destruído o que se espera é que qualquer intervenção necessite ser analisada e autorizada pelos órgãos competentes.

As alterações permitidas no edifício do Grande Hotel reduziram, portanto, o significado cultural das suas dimensões e natureza, uma vez que aconteceram em todo o interior do edifício e por uma grande diversidade de materiais de revestimentos, dificultando qualquer

reversão e impedindo futuras ações de conservação, em franco contraste com as orientações da Carta Internacional de Burra (1999, p.12), e em conformidade com o que ocorreu no Palace Hotel de Campinas. A Carta menciona:

Alterações

15.1. Podem ser necessárias alterações para se reter o significado cultural, mas elas são indesejáveis onde reduzam esse significado cultural. A quantidade de alterações num sítio deve ser guiada pelo significado cultural desse sítio e pela sua apropriada interpretação.

Quando forem consideradas alterações, deve ser explorada uma gama de opções para se procurar aquela que minimiza a redução do significado cultural.

15.2. As alterações que reduzem o significado cultural devem ser reversíveis, e devem ser revertidas logo que as circunstâncias o permitam. As alterações reversíveis devem ser consideradas como temporárias. As alterações não reversíveis só devem ser usadas como último recurso e não devem impedir as futuras ações de conservação.

15.3. Não é aceitável, em geral, a demolição de fábrica significativa de um sítio. No entanto, nalguns casos, podem ser apropriadas demolições menores, como parte da conservação. A fábrica significativa removida deve ser reinstalada logo que as circunstâncias o permitam.

CAPÍTULO 4

O HOTEL DOM BOSCO

4.1. Histórico e Contexto

Segundo Palacín (1989,p.113), o progresso em Goiás veio a acontecer somente após 1940, com a implantação de Goiânia, o desbravamento do Mato Grosso goiano, a campanha nacional denominada “Marcha para o Oeste”, que atingiu o auge na década de 50 com a construção da Brasília. A urbanização que ocorreu depois da década de 50 não foi acompanhada paralelamente pela indústria, como geralmente ocorre, mas pelo êxodo rural, causado pelo aumento da população na zona rural, devido à medicina profilática, à busca pelas facilidades de comunicação e a pressão dos meios de comunicação visual. Nesse momento, na economia goiana, o setor primário relativo à agricultura e à pecuária aumentou simultaneamente (no lugar de diminuir) em relação aos setores secundário (indústria) e terciário (serviços).

A ausência de capitais e de uma tradição empresarial tornou a ação do governo insubstituível para promover o desenvolvimento. Com isso, em 1950, ocorreria a criação do Banco do Estado e da CELG. Consta também dessa década a inauguração do Aeroporto Santa Genoveva.

O Hotel Dom Bosco foi construído por Guerino Luiz Mariano, também proprietário do terceiro hotel particular de Goiânia, chamado Hotel Itajubá. Foi inaugurado em 9 de agosto de 1956, tendo como primeiro arrendatário, por 17 anos, Aguinaldo França e seu filho, Rubens França.

O Sr. Guerino vinha de uma família de imigrantes italianos que se erradicou no interior de São Paulo, em Jardinópolis, e que tinha como principal atividade o comércio e a indústria. Quando chegou a Goiânia, em 1944, possuía um depósito de cerveja em Goiânia e uma cerâmica de telhas em Nerópolis-GO. Casou-se com Istelina Silva, enfermeira, nascida em Trindade-Go, em 1945, com quem teve quatro filhos: Túlio Roberto Mariani, Ronaldo Mariani, Ida Mariani e Paulo Fernando Mariani.

Quando se casou com Istelina, em 1945, surgiu a oportunidade de comprar uma grande área de esquina, com vários lotes, entre a Avenida Araguaia e a Rua 04. Primeiro, ele construiu um sobrado em um lote na Avenida Araguaia para abrigar a família, em 1947. Depois de alguns anos, teve a ideia de construir um prédio destinado a um hotel, pois, naquela época, o Sr. Guerino percebera que existia falta de hotéis em Goiânia. Como era muito conhecido na cidade à época, não foi necessário fazer propaganda de que o hotel que estava sendo construído era para ser arrendado.

Segundo entrevista concedida por Rubens França, em 19 de março de 1993:

Meu pai, Agnaldo França, candidatou-se como um dos interessados em locar o prédio para o hotel. E parece-me que Seu Guerino, naquela época, tinha um pretendente que ele já era inquilino dele, lá no Hotel Itajubá: seu Jorge Machado. Mas o Jorge achou o aluguel caro, então ele desistiu. E meu pai ficou como primeiro candidato e deu certo.

Após a construção do hotel, em 1956, este foi arrendado e, neste mesmo ano, foi feita uma singela inauguração, porque, segundo Rubens: “a gente estava um pouco sacrificado com a montagem do hotel. A gente deixou de fazer qualquer solenidade, qualquer comemoração.” Mas a entrevista de Istelina já menciona que “houve um jantar de inauguração” para o qual foram convidados.

No primeiro semestre de 1956, antes da inauguração do hotel, foram feitos pequenos anúncios no jornal *O Popular* de 27/04/1956, antecipando que, dentro em breve, seria inaugurado o Hotel Dom Bosco, com um ambiente de conforto, distinção e cordialidade, conforme o anúncio que segue:



Imagem 122: Anúncio no jornal *O Popular* de 1956.
Fonte: Arquivo *O Popular*.

Posteriormente, no mesmo Jornal, em 09/08/1956, ocorreu o anúncio de inauguração do hotel, com uma chamada que dava ênfase ao conforto, distinção e fino tratamento:



Imagem 123: Anúncio no Jornal *O Popular* de 1956.
Fonte: Arquivo *O Popular*.

Neste mesmo ano, foi inaugurado o Hotel Presidente, com grande quantidade de anúncios e reportagens no jornal *O Popular* da época, podendo-se perceber a diferença entre os dois hotéis: enquanto o Presidente se apresentava como o que há de mais moderno, o Hotel Dom Bosco, modestamente (pequenos anúncios), se apresentava como um ambiente familiar.

Segundo entrevista da Sra. Istelina, concedida em julho de 1993, já com 73 anos:

Famílias tradicionais do interior de Goiás... Naquele tempo, era um hotel familiar que nós conservamos até hoje esse nome de hotel familiar. E também os viajantes que preferiam o nosso hotel por causa da maneira de tratá-los – como diziam eles. Eles sentiam como se estivessem na sua própria casa. Eles preferiam um hotel central, se sentiam como se estivessem em casa, então mantinha aquela freguesia estável. O hotel sempre normal à sua ocupação, em face que, nos outros hotéis, faziam aquela propaganda pra estarem sempre lotados e o Hotel Dom Bosco nunca precisou de propaganda.

Segundo depoimento da filha do proprietário, Ida Mariani, “uma das características do Hotel era a preferência em receber pessoas ligadas às famílias tradicionais, vindas do interior, e a preservação de um ambiente familiar. E isso se mantém até os dias atuais, chegando à terceira geração de hóspedes”.

Por volta de 1969, o Sr. Guerino resolveu entrar na justiça para requerer o hotel, uma vez que os arrendatários estavam tendo dificuldades de pagar o aluguel, tanto o do sobrado quanto o do hotel. E para cumprir esse objetivo era necessário justificar qual seria a nova ocupação do imóvel, no caso proposta para um Centro de Línguas, que não foi viabilizada. Conforme o documento assinado por advogados de ambas as partes, o fim do litígio (em anexo) só ocorreu em 27 de novembro de 1973. O Sr. Guerino perdoara a dívida, ficando com os móveis e utensílios.

Entretanto, segundo relato de Sr Rubens em entrevista, depois de alguns anos, em 1973, foi feito um acordo e o Sr. Guerino comprou todos os móveis do hotel. Assim o Sr Agui-naldo França pôde desocupar o prédio e entregá-lo à família Mariani, que deu prosseguimento à sua administração. A maioria dos funcionários foi conservada. Mas o sistema de refeições foi alterado, pela crise econômica da época: se antes eram ofertadas três refeições – café da manhã, almoço e jantar – passou a ser oferecido apenas o café da manhã.

A administração do hotel foi assumida por Ronaldo Mariani de 1974 a 1979, segundo Sônia Mariani, sua esposa. Reformou o prédio, que necessitava de manutenção; após, de 1979 até 1994, o Sr. Guerino ficou à frente do hotel, com a Sr^a Istelina; depois, a filha, Ida Mariani, em 1994; de 1998 a 2002, seu filho Ronaldo retorna; e seu neto Leandro, juntamente com sua mãe Ida e seu irmão Marcelo, dirigem o hotel até os dias atuais.

Na década de 70, ainda é possível perceber a propaganda do Hotel Dom Bosco na lista telefônica conforme imagem abaixo, referida à direção da família Guerino e ressaltando que a clientela se sentiria como se estivesse em sua própria casa.



Imagem 124: Reprodução do anúncio do hotel na lista telefônica, década de 1970.

Fonte: GALLI, 2005.

Segundo entrevista com o Sr. França:

uma coisa que animou muito foi a construção de Brasília, foi na mesma época. Então, Goiânia foi um sustentáculo para a construção de Brasília e isso nos ajudou muito. Então, o hotel não teve problema: no primeiro mês ele ficou lotado. E nós tivemos o cuidado de manter um nível muito bom de hóspedes.

Trata-se de um hotel atualmente com uma área construída de 2.203,69 m², com a área do térreo de 901,24 m², área do 1º pavimento de 700,13 m² e área do 2º pavimento de 602,32 m², com uma taxa de ocupação de 100% do terreno.

Construído a partir da adaptação de um sobrado incorporado à área, a parte de serviços do sobrado entrou para a área do hotel e a parte de cima ficou preservada, sempre para ocupação pelos arrendatários ou por quem se encontrava na direção do hotel. Portanto,

considera-se que possui três pavimentos, com recepção, sala de estar, sala de TV, escritório, quartos, apartamentos, banheiros coletivos servidos com água quente e fria, duas salas íntimas, um restaurante e área de serviço. Possui um acesso por escadas para os hóspedes e uma previsão para elevador que ainda não foi utilizada. Não possui garagem própria, mas oferece aos hóspedes e aos funcionários um serviço de estacionamento em uma garagem nas proximidades do hotel.

Os principais hóspedes são filhos e netos de antigos hóspedes do hotel, que mantêm a tradição da escolha de um lugar em que possam se sentir em casa, com clima familiar.

Dentro do Plano Diretor de Goiânia, o Hotel Dom Bosco ocupa os lotes 79, 81, 118, 116 da quadra 52, de um terreno com área de 991,47 m², na Avenida Araguaia com a Rua 4, Setor Central. Sua posição é estratégica, que visa facilitar aos hóspedes a proximidade das atividades administrativas que se localizam no entorno da Praça Cívica, as de comércio, que se situa nas ruas paralelas e as da Igreja Sagrado Coração de Maria, no quarteirão abaixo, para hóspedes católicos.

À época da inauguração do hotel, a Avenida Araguaia era via de mão dupla, possibilitando ao hóspede o acesso direto à Praça Cívica. A Rua 4 é perpendicular à Avenida Goiás e paralela à Avenida Anhanguera, próxima à via de escoamento da cidade, que é a Avenida Independência, conforme imagem a seguir.



Imagem 125: Identificação do Dom Bosco Hotel no plano urbanístico.
Fonte: Graeff, 1985(apud MANSO, 2001, p. 91).

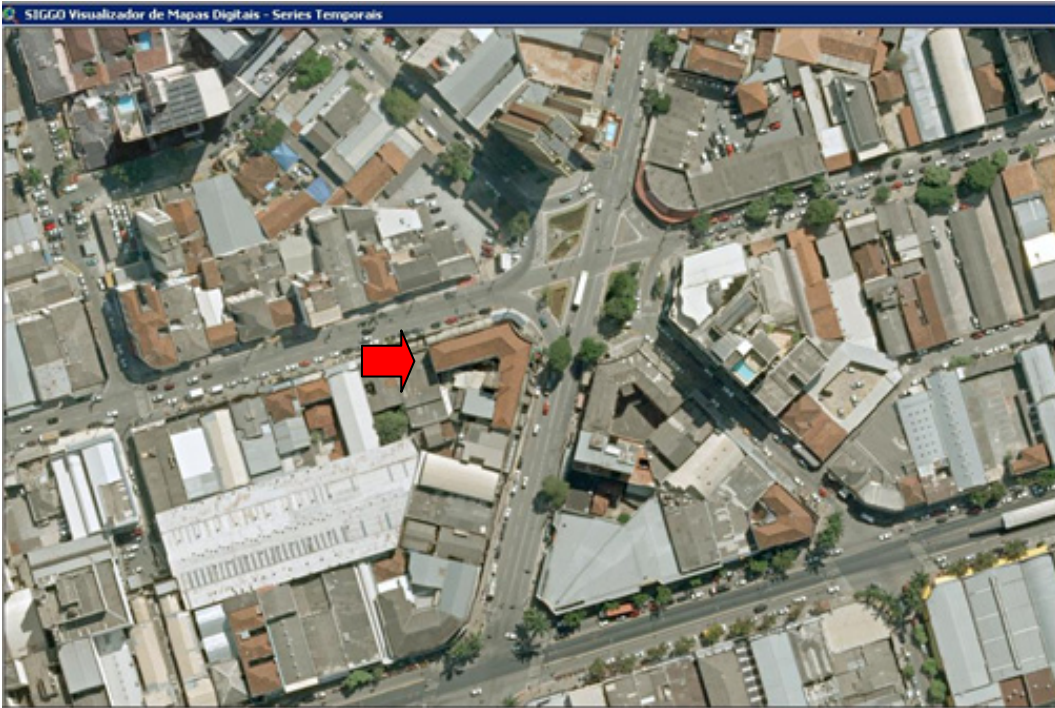


Imagem 126: Aerofoto situação do Hotel Dom Bosco, 2011.
Fonte: DVCAD, da DRINF, da SEMDUS.



Imagem 127: Aerofoto localização do Hotel Dom Bosco, 2011.
Fonte: DVCAD, da DRINF, da SEMDUS.

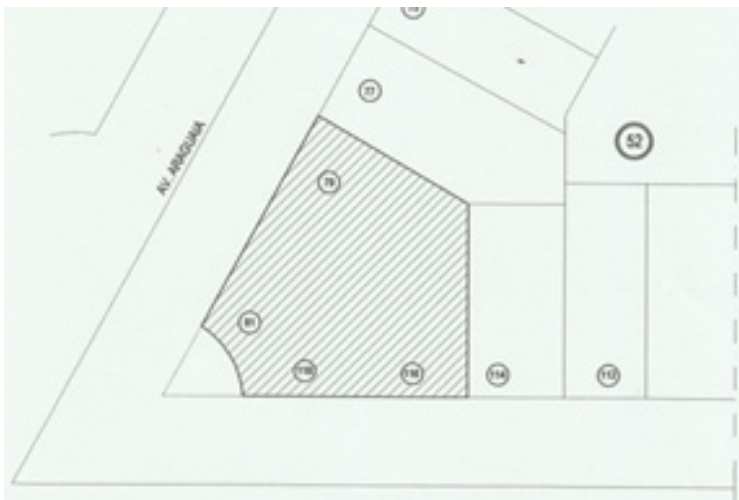


Imagem 128: Desenho da Planta de Situação do Hotel pelo engenheiro civil Marcelo da Cunha Moraes.
Fonte: Arquivo SEPLAN.

Existe um pequeno largo na interseção da Avenida Araguaia com a Rua 4, para onde conflui também a Rua 20, configurando um espaço com cinco esquinas de quadras. A maior parte dessas esquinas foi ocupada por hotéis. Na imagem que se segue é possível visualizar a construção do Hotel Dom Bosco e, ao seu lado, o Hotel Araguaia. Nos anos seguintes, foram construídos o Hotel Augustus e o Hotel Kananxué.

4.2. Descrição e Análise do Hotel Dom Bosco

4.2.1. O Partido e o Programa de Necessidades (Planta original e modificações)

Para analisar o partido arquitetônico e o programa de necessidades do Hotel Dom Bosco é necessário reconstruir as várias fases do edifício até sua configuração final.

O proprietário, quando comprou o terreno, já idealizou que a construção seria por etapas, conforme relato da Sra. Istelina, sua esposa: “Primeiramente ele fez a parte térrea que é a parte comercial. Ele fez a laje e ficou em torno de dois anos parado sem construir o resto porque... ele, o Guerino, não gostava de dívida. Então, ele ficou parado esperando que ele tivesse dinheiro para ele terminar de construir dois pavimentos.” Primeiro, o serviço foi executado por um senhor, um construtor goiano, que ergueu o sobrado e depois as lojas.

Além da Sra. Istelina, o Sr Rubens França também menciona, em memória, de quando vinha em visita a Goiânia: “Pelo que eu sei ... aquela parte de baixo do hotel, a parte comercial, já tinha o sobrado onde ele morava. Quando ele construiu o hotel, ele construiu de maneira a conservar o sobrado.”

Devido a esse planejamento, o proprietário posicionou o sobrado na lateral esquerda do terreno, para possibilitar maior aproveitamento do restante para outras construções, conforme imagem a seguir.

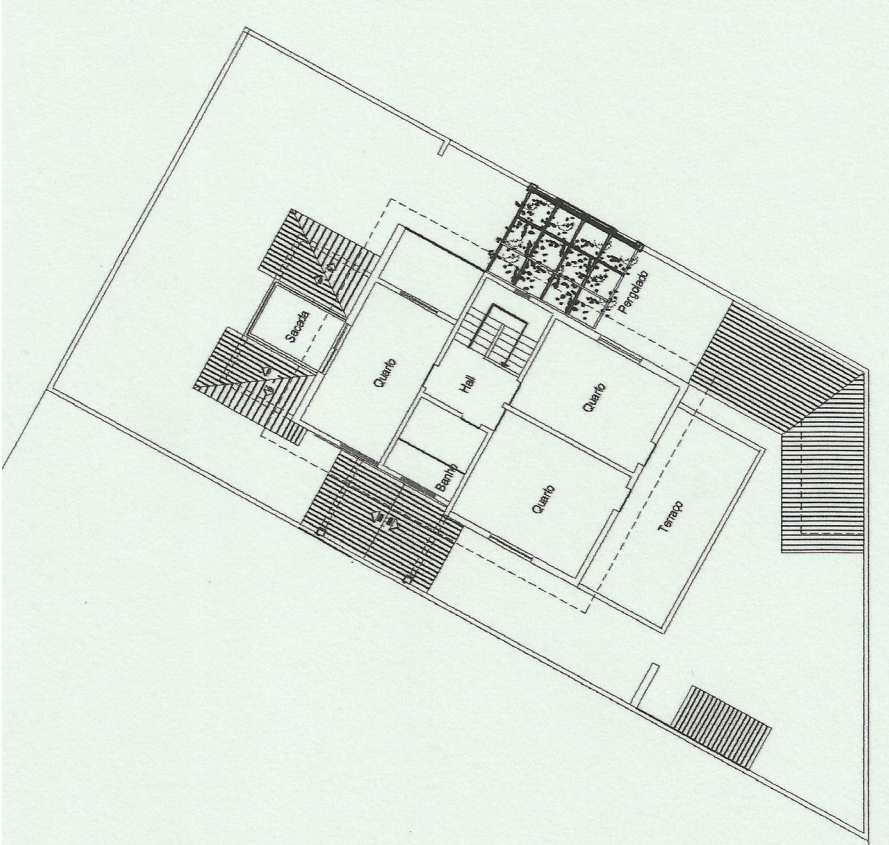


Imagem 129: Planta Térreo do Sobrado, 1947.

Fonte: Desenho de Daniella Moreira Rocha, 2013.

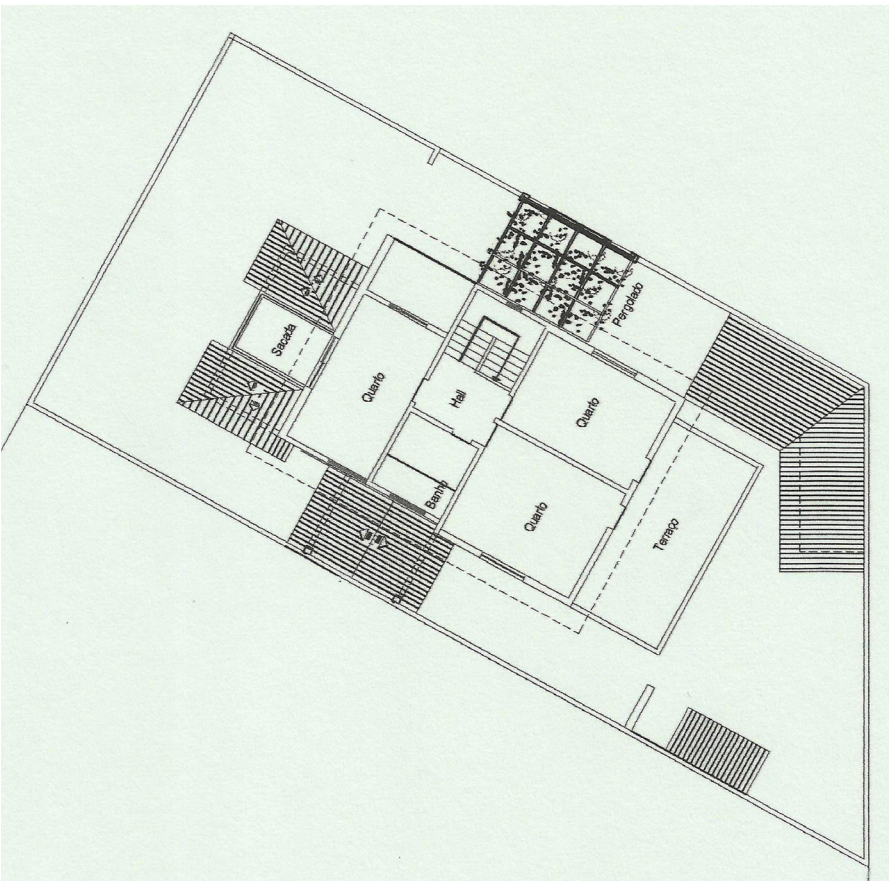


Imagem 130: Planta Pav. Superior do Sobrado, 1947.

Fonte: Desenho de Daniella Moreira Rocha, 2012.

O Sobrado (1947)

O programa de necessidades do sobrado era o de uma habitação unifamiliar, em torno de 230,00 m², construída em meados de 1947. A sua concepção de planta e o seu partido arquitetônico seguiam uma organização espacial setorizada, conforme os padrões da arquitetura moderna. Neles é possível verificar o setor social, o setor de serviços no térreo e, no pavimento superior, o setor íntimo. No térreo, com área em torno de 117,85 m², os ambientes eram: varanda, sala de estar, escritório, sala de jantar, copa, cozinha, área de serviço, dependência de empregada e um pergolado usado para cobrir um espaço destinado à garagem. Existia uma circulação pelas duas laterais da edificação, facilitando o acesso de serviço. No pavimento superior, com área de aproximadamente 70,43 m², se encontravam: um pequeno *hall* ao final da escada, um banheiro, três quartos, uma sacada e um terraço. Era um projeto que trabalhava com soluções que integram o paisagismo à edificação, como as áreas de vegetação e de transição que trazem ventilação, iluminação, sombreamento, como o jardim de inverno em frente ao escritório, o pergolado que garante sombra ao veículo e o terraço do primeiro pavimento.



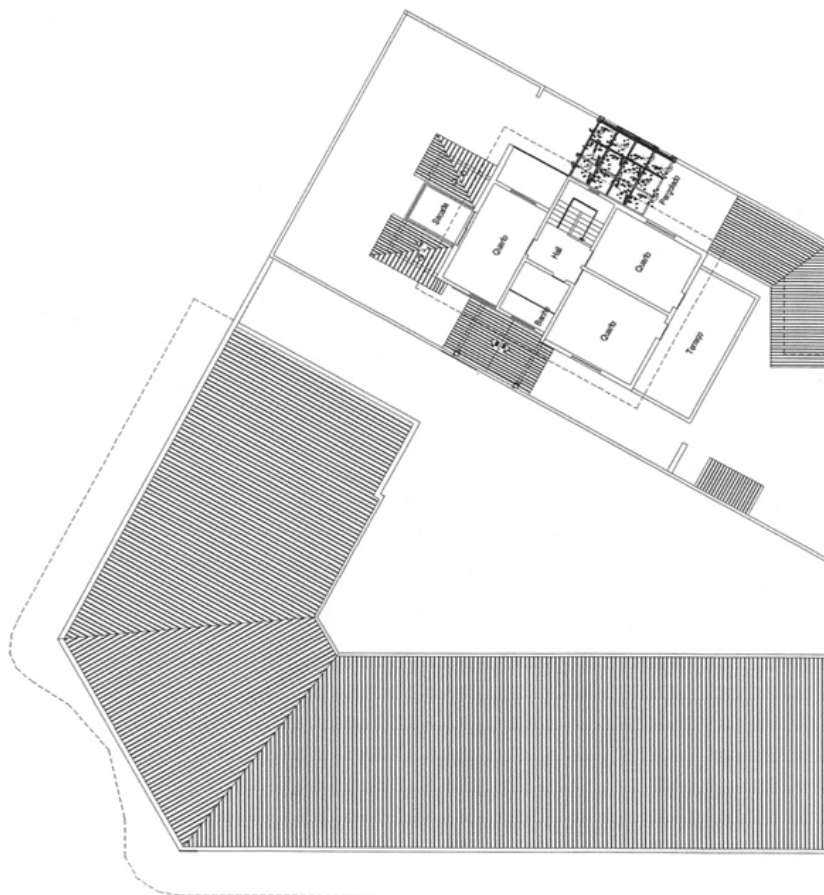
Imagem 131 Planta Baixa: Térreo do sobrado e lojas comerciais, em 1953.
Fonte: Desenho de Daniella Moreira Rocha, 2013.

TÉRREO SOBRADO E LOJAS

Área Sobrado: Térreo (117,85) + Pav. Superior: (110,65) = 228,50 m²

Área Lojas : 455,51 m²

Área Total Construída: 684,01 m² / ESC.: 1:250



PLANTA PAV. SUPERIOR SOBRADO - Área: 70,43 m²
 PLANTA DE COBERTURA LOJAS / ESC.: 1:250

Imagem 132: Planta Pav. Superior do Sobrado e cobertura das lojas comerciais, em 1953.

Fonte: Desenho de Daniella Moreira Rocha, 2013.

Considerando que a data do final da construção do hotel foi 1955 e que o Sr. Guerino esperou por volta de dois anos para reunir o dinheiro para prosseguir a obra, o final da construção das lojas pode ter ocorrido em 1953. Para visualizar essa etapa, foi elaborada uma integração entre a planta do sobrado, reconstruída através de uma planta de 1969 encontrada no arquivo da SEPLAN, com o levantamento atual das oito lojas existentes, que praticamente não sofreram alterações significativas, conforme imagem anterior.

O Sobrado e o Hotel (1956)

De acordo com a apólice da Brasil Companhia de Seguros Gerais (anexa), com vigência no período entre 26 de abril de 1956 e 26 de abril de 1957, a ocupação do edifício era: loja de tapeçaria e congêneres, estúdio fotográfico, oficina de relojoeiros e lojas de instrumentos e artigos dentários. A construção segurada era a do térreo, em alvenaria e com cobertura de telhas de barro. As lojas já estavam edificadas e alugadas pelo menos a partir dessa referida data.

Segundo relato de Rubens França: “em 1955, o hotel estava em construção e deveria ser entregue no mês abril ou maio de 1956, mas isso não aconteceu”. Como a inauguração do hotel ocorreu em agosto, provavelmente a finalização do edifício e entrega aos arrendatários ocorreram até julho, quando a parte frontal da residência já estava modificada pelo acréscimo de duas lojas, totalizando dez lojas no térreo, e a construção da portaria (entrada e recepção) e a incorporação do sobrado ao corpo do edifício do hotel também já estavam finalizados, conforme imagem que abaixo.

No térreo, toda a parte do sobrado foi incorporada às funções do hotel, ligadas ao setor social e de serviço. Portanto, a sala de estar se tornou a sala de TV, o escritório se manteve, a sala de jantar foi ampliada para restaurante com um depósito e um almoxarifado, foram aproveitadas as dimensões da copa e da cozinha, a lavanderia ficou ao lado da dependência de empregada e foi construído um pequeno banheiro ao lado da escada e na área de serviço. O desenho arquitetônico foi uma reconstituição da área ampliada do sobrado juntamente com a área destinada às lojas comerciais.



No primeiro pavimento, conforme se pode ver na imagem que se segue, a área do sobrado foi preservada. Os demais ambientes ganharam uma distribuição que, naturalmente, os integrou ao partido arquitetônico do hotel. Neste piso, se encontram 25 quartos, uma sala para convívio com sacada, uma rouparia/depósito, três baterias de banheiros coletivos

(feminino e masculino), um *hall* de circulação em frente à escada com uma grande esquadria/painel de vidros fixos e móveis, favorecendo a iluminação e a ventilação. Os dois corredores possuem espaços / *hall* com esquadrias, permitindo adequada entrada de ventilação e iluminação, além da sala de convívio, que possui um painel com elementos vazados diante da sacada com a mesma finalidade.

Segundo Rubens França, quando ele assumiu o hotel, a única modificação ocorrida foi a reforma para incorporar um apartamento, ou seja, um quarto com banheiro.



Imagem 134: Planta do 1º Pav. do sobrado adaptado ao 1º Pav. do hotel, em 1955. Fonte: Desenho de Daniella Moreira Rocha, 2013.

O segundo pavimento do hotel não possui vínculo com o sobrado. É possível verificar nele um quarto com banheiro, levando a entender que esse é o único apartamento existente na planta original. As soluções do segundo pavimento são praticamente parecidas com as do primeiro pavimento, com poucas alterações.

Nesse piso, se encontram 25 quartos, uma sala para convívio com sacada, um apartamento, uma rouparia/depósito, três baterias de banheiros coletivos (feminino e masculino), um *hall* de circulação em frente à escada com uma grande esquadria/painel de vidros fixos e móveis que favorece a iluminação e a ventilação. Os dois corredores também possuem espaços / *hall* com esquadrias, permitindo a adequada entrada da ventilação e iluminação, além da sala de convívio, que possui um painel com elementos vazados diante da sacada com a mesma finalidade de ventilação e iluminação.

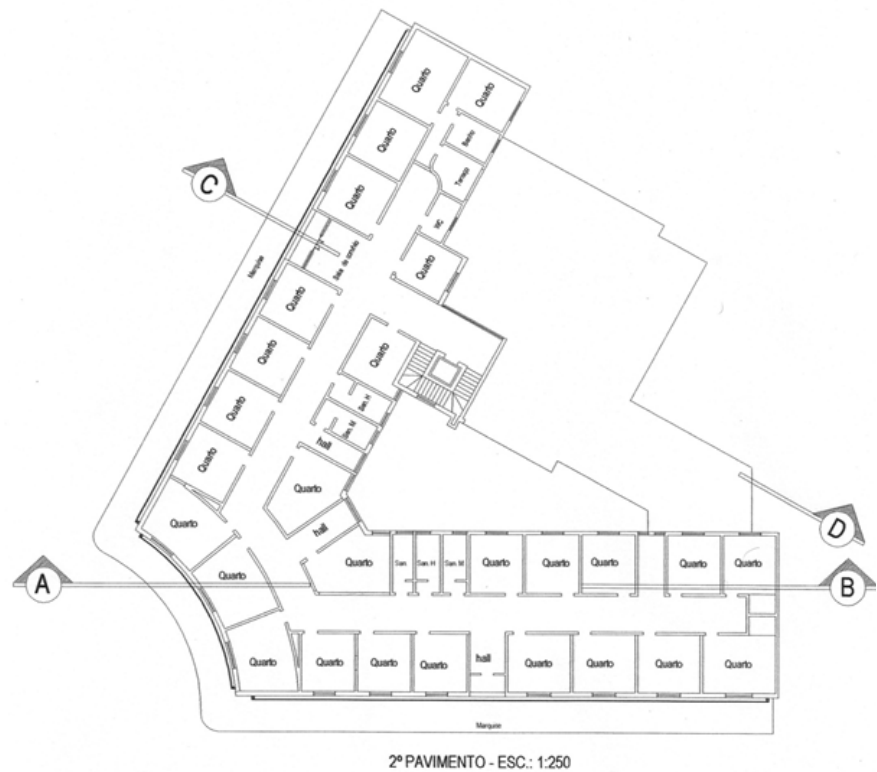


Imagem 135: Planta do 2º Pav. do hotel, em 1955.
Fonte: Desenho de Daniela Moreira Rocha, 2013.

No Corte AB da imagem abaixo, veem-se, no térreo, a área destinada às lojas e, no primeiro e no segundo pavimentos, os quartos e suas esquadrias e o posicionamento das águas do telhado.



Imagem 136: Corte AB do Hotel, em 1955.
Fonte: Desenho no cad. de Lais, 2013.

No corte CD, visualizam-se três alturas de telhados: o mais alto é o do segundo pavimento do hotel; a "água" do meio é o do sobrado; e a "água" mais baixa pertence à área de serviço do hotel.



Imagem 137: Planta do 2º Pav. do hotel, em 1955.
Fonte: Desenho no cad. Lais, 2013.

Em 1969, o Sr. Guerino entrou na justiça para receber o hotel do arrendamento. Para justificar o seu objetivo para com o imóvel, contratou um engenheiro, Marcelo da Cunha Moraes, com a proposta de reformar o prédio para um curso de línguas, de acordo com a imagem abaixo. Na verdade, essa reforma não foi executada, pois, conforme já se disse, o Sr. Guerino entrou em acordo com os arrendatários e resolveu auxiliá-los comprando todos os móveis existentes no hotel. O conjunto de plantas dessa reforma foi encontrado nos arquivos da SEPLAN, mostrando-se útil para a remontagem das plantas originais, que não foram encontradas. O projeto vem com a convenção da reforma, isto é, indicando paredes existentes, paredes a demolir (em amarelo) e paredes a construir (em vermelho).

A Proposta de Adaptação para um Curso de Línguas (1969)



Imagem 138: Planta Baixa Térreo, proposta para o Curso de Línguas, em 1969.
Fonte: Prefeitura Municipal de Goiânia- Desenho cad., Lais, 2013.

Imagem 139: Planta do 1º Pav.,
proposta para o Curso de Línguas,
em 1969.

Fonte: Prefeitura Municipal de
Goiânia- Desenho cad., Lais, 2013.

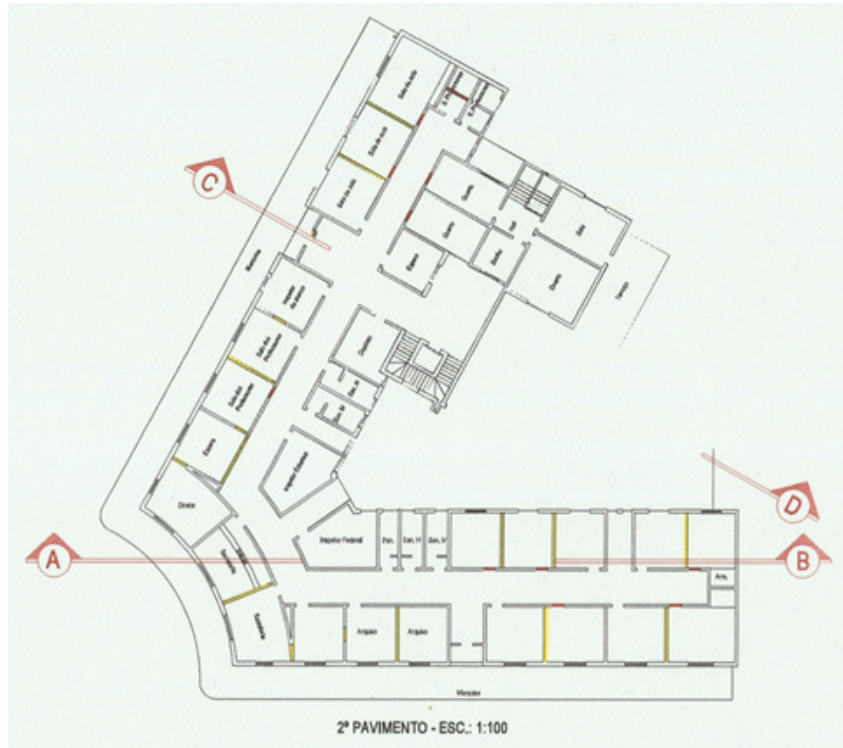


Imagem 140: Planta do 2º Pav.
proposta para o Curso de Línguas,
em 1969.

Fonte: Prefeitura Municipal de
Goiânia- Desenho cad., Lais, 2013





Imagem 141: Corte AB, proposta para o Curso de Línguas, em 1969.

Fonte: Prefeitura Municipal de Goiânia- Desenho cad., Lais, 2013

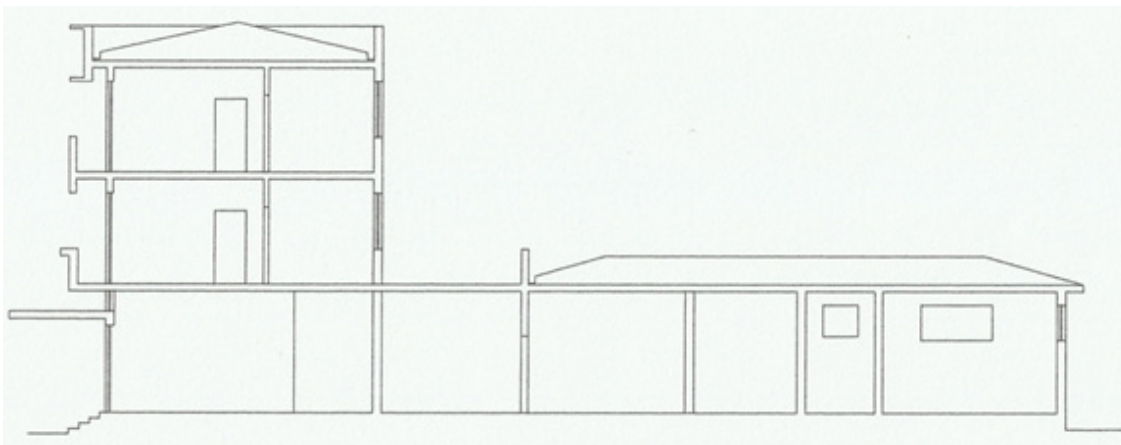


Imagem 142: Corte CD, proposta para o Curso de Línguas, em 1969.

Fonte: Prefeitura Municipal de Goiânia- Desenho cad., Lais, 2013.

Proposta de Modificação em março de 2010

Em março de 2010, a arquiteta Adriana Veiga Borba fez um desenho arquitetônico para um alvará de aceite do hotel. Provavelmente, o desenho constituiu uma proposta para regularizar modificações ocorridas nos últimos anos e propor soluções para ambientes sem utilização e outros, que foram demolidos.

O programa de necessidades que consta neste conjunto de plantas é como se segue: no pavimento térreo, mantêm-se o espaço das lojas, a recepção, sala de TV, escritório com banheiro, copa, cozinha, restaurante e, na recepção, o aproveitamento da área em frente (seta) com um banheiro.

Imagem 143: Planta Baixa
Térreo do Hotel,
em 2010.
Fonte: Prefeitura
Municipal
de Goiânia

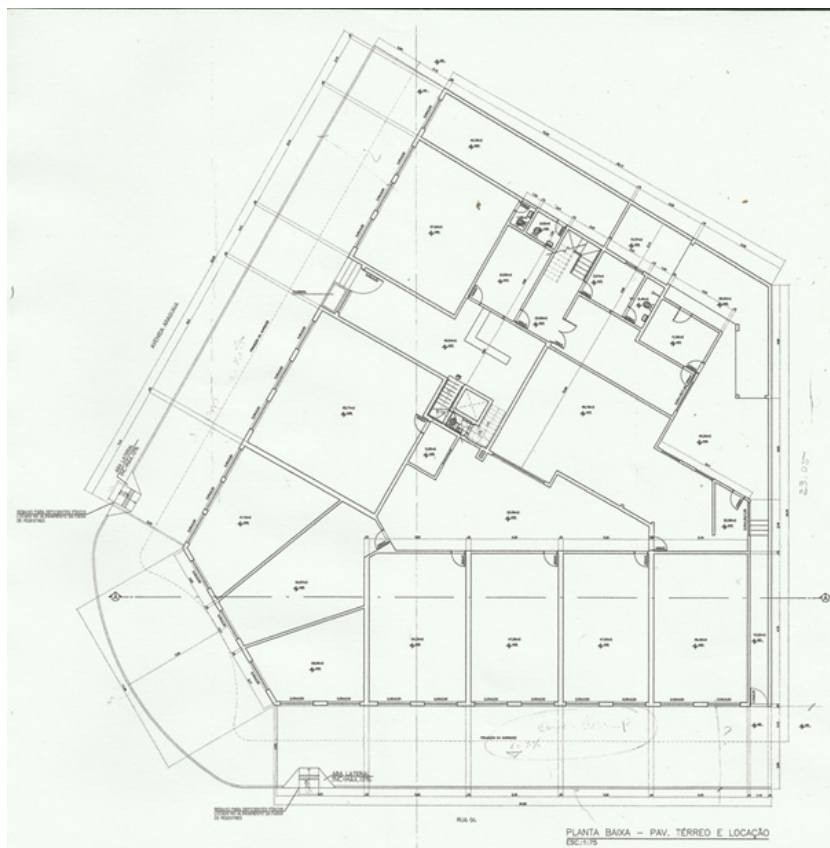


Imagem 144: Planta Baixa
do 1º pavimento do Hotel
Dom Bosco, em 2010.
Fonte: Prefeitura
Municipal de Goiânia



O 1º pavimento é composto de 24 apartamentos com tamanhos que variam entre 8 m² a 14 m², dois quartos, uma sala de convívio, um depósito/rouparia. Os banheiros femininos e masculinos coletivos foram extintos. A área destinada ao sobrado foi transformada em quatro ambientes, um *hall* e uma escada.

O 2º pavimento é composto de 24 apartamentos com tamanhos que variam entre 8,0 m² e 14,0 m², dois quartos, uma sala de convívio, um depósito/rouparia, um banheiro completo. Os banheiros femininos e masculinos coletivos também foram extintos.



Imagem 145: Planta Baixa
2º pavimento do Hotel
Dom Bosco, em 2010.
Fonte: Prefeitura
Municipal de Goiânia



Imagem 146: Fachadas da Avenida Araguaia e Rua 04 e um Corte A-A do Hotel Dom Bosco, em 2010.
Fonte: Prefeitura Municipal de Goiânia

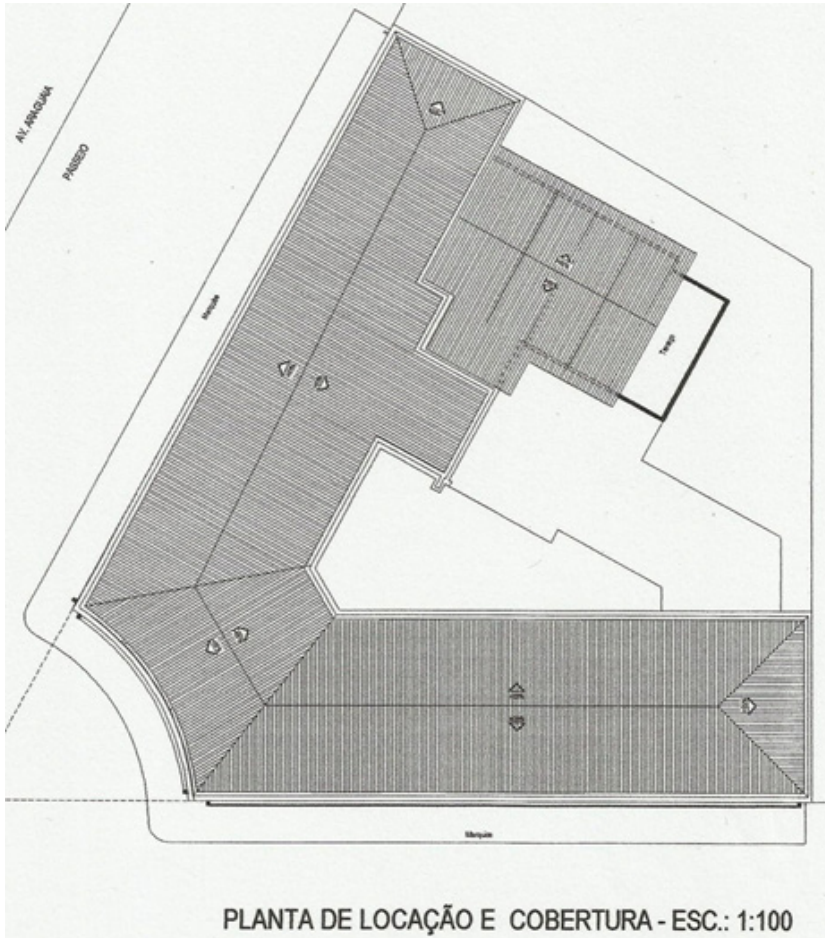


Imagem 147: Planta de Locação e Cobertura do Hotel Dom Bosco, em 2010.
 Fonte: Prefeitura Municipal de Goiânia -Desenho no cad. Daniella Moreira Rocha, 2010.

4.2.2.A Volumetria e as Fachadas

A edificação unifamiliar projetada para a família Mariani, imagem a seguir, possui as características dos sobrados neoclássicos que foram construídos em Goiânia.



Imagem 148: Vista Frontal do sobrado da família Mariani, em 1947.
 Fonte: Acervo da família Mariani.

Imagem 149: Lateral direita do sobrado da família Mariani, em 1947.
Fonte: Acervo da família Mariani.



Imagem 150: Lateral esquerda do sobrado da família Mariani, em 1947.
Fonte: Acervo da família Mariani.



Imagem 151: Detalhe do portão de entrada principal do sobrado da família Mariani, em 1947.
Fonte: Acervo da família Mariani.



O Hotel Dom Bosco está implantado em um terreno de esquina, uma característica tipicamente *art déco*, um recurso cenográfico que tem como objetivo a valorização do edifício.

O Hotel Dom Bosco apresenta as seguintes características do *art déco*, conforme imagem a seguir: horizontalidade integrada à paisagem, simetria, acesso através de *hall*, pilares arredondados em pares, marcando um ritmo no pavimento térreo (lojas), tratamento volumétrico com predominância de cheios sobre vazios, utilização de varandas semiembutidas, guarda-corpo com elementos circulares em ritmo e acabamento nas laterais de pequenos arabescos, janelas circulares que lembram escotilhas, emprego de conjunto de molduras nas três fachadas e sobre as platibandas como meio de expressão arquitetônica, utilização de platibanda escondendo o telhado, presença de caracteres tipográficos nomeando o edifício, e a racionalidade. A horizontalidade e a volumetria expressam monumentalidade e certa imponência.

Em entrevista, a Sr^a Istelina menciona que “no início a pintura foi branca, parte interna e externa, e depois foi mudando”.



Imagem 152: Fachada Frontal do Hotel Dom Bosco.

Fonte: Acervo da família Mariani.



Imagem 153: Hotel Dom Bosco na Av. Araguaia com mão dupla.

Fonte: Acervo da família Mariani.



Imagem 154: Hotel Dom Bosco.
Fonte: Acervo da família Mariani.



Imagem 155: Hotel Dom Bosco, 1950.
Fonte: Acervo Hélio de Oliveira.



Imagem 156: Edifício do Hotel Dom Bosco em frente
à Praça Antônio Lisita, Araguaia eq. c/ Rua 04.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2013.



Imagem 157: Fachada Frontal do Hotel.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2013.



Imagem 158: Detalhe da Fachada Frontal.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2013.



Imagem 159: Entrada do Hotel Dom Bosco pela lateral na Avenida Araguaia.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2013.



Imagem 160: Detalhe da Fachada Lateral na Avenida Araguaia.
Fonte: Daniella Moreira Rocha.



Imagem 161: Detalhe do desenho do Guarda-corpo da sacada.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2013.



Imagem 162: Fachada Lateral na Rua 04.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2013,

4.2.3. *Materiais e Técnica Construtiva*

De acordo com o Memorial Descritivo elaborado a partir de levantamento feito em campo juntamente com um engenheiro, tem-se o que se segue.

- Estrutura, vigas, pilares, lajes e escada, em concreto armado.
- Alvenaria de tijolos cerâmicos.
- Argamassa de assentamento de cal, cimento e areia.
- Telhado: estrutura (tesouras, terças e ripamentos) em madeira de lei, telha cerâmica tipo francesa, calhas, rufos e condutores em chapa galvanizada.
- Instalações hidro-sanitárias:
- *Esgoto sanitário*: foram utilizadas tubulações de barro vitrificado e caixas de passagem de alvenaria de tijolo comum, interligadas à rede pública (conforme talão de medição nº 1457, do Departamento de Serviço de Esgoto Sanitário de Goiânia, 1955);
- *Rede de água fria*: foram utilizadas tubulações e conexões de ferro galvanizado, rosqueadas e reservatório de água de cimento amianto. Os metais (registros, torneiras, válvulas) eram em bronze com acabamento cromado.
- Paredes e tetos pintados com tinta PVA sobre massa corrida, na cor branca.
- As portas de madeira, pintadas com tinta à óleo sobre massa corrida na cor cinza.
- As esquadrias de ferro eram pintadas com esmalte sintético na cor cinza.
- Os rodapés pintados com tinta esmalte sintético na cor marrom.
- Os quartos tinham o piso revestido com tacos de madeira (peroba rosa).⁹
- Os corredores eram revestidos com cerâmica vermelha São Caetano e parte em taco de peroba.
- As escadas eram revestidas com piso de granitina na cor vermelha, assim como os rodapés.
- Os banheiros tinham os pisos revestidos em cerâmica.
- O *hall* de entrada do hotel tinha o piso de granito com tabeiras e detalhes em granitos de cores variadas.
- *Instalações elétricas*: tubulações e caixa de passagem de ferro. Condutores elétricos, fios e cabos de cobre com capeamento de tecido betuminoso. Tomadas e interruptores embutidos do tipo mini toc.

Locais onde foram adquiridos os materiais para a construção do hotel, conforme notas fiscais da época, em anexo :

Casa do Barata – (Matriz na Avenida Araguaia – Centro – Goiânia e Campinas): loja de material de construção: ferragens em geral, material elétrico, tinta, vernizes, artigos sanitários e também artigos para marcenaria, chapas galvanizadas etc.;

Manoel Joaquim Nogueira- Ind. e Com. Boca da Mata – (Av. Goiás – Centro – Goiânia): depósito de madeira;

A Econômica Ltda – (Avenida Anhanguera – Centro – Goiânia): loja de materiais para construção e ferragens em geral;

Fábricas de portas de aço onduladas "Brasil" – (Rua Eduardo Marques – Uberlândia – Minas Gerais): loja de aparelhos, máquinas e artefatos de metais;

Sociedade Goiana de Indústria Ltda. – SOGIL – (Rua 09 – Centro – Goiânia): loja de material básico de construção;

Casa Iracema (Avenida Anhanguera – Centro – Goiânia): loja de materiais de construção;

Framil Ltda. (Santo Amaro – São Paulo): materiais para construção: cal, cimento, telhas, ferro, madeiras, tijolos, portas, venezianas, tintas, areia, pedregulho etc.;

Fábrica de Móveis Luso Brasileira Ltda. (Rua Tamoios – Belo Horizonte – Minas Gerais): loja de móveis e cadeiras de todos os tipos.

4.2.4. Interiores

Para o funcionamento do hotel em 1956, Rubens e Aguinaldo França foram para Belo Horizonte, Minas Gerais, fazer o orçamento do mobiliário. Adquiriram todo o mobiliário em uma só loja de nome Fábrica de Móveis Luso Brasileira Ltda.



Imagem 163: Selo da fábrica fixado nos móveis do hotel, 1956.
Fonte: Mobiliário da família Mariani.

Através das pesquisas feitas, foi encontrada a relação das mercadorias pertencentes a Aguinaldo França e existentes no Hotel Dom Bosco quando da época da sua instalação:

QUANTIDADE ESPÉCIE

MÓVEIS

- 1 Cristaleira com portas de correr
- 1 Balcão-bufê c/ portas de correr
- 15 Mesas tamanho 1 x 1
- 55 Cadeiras de madeira com assento revestido em couro
- 2 Cadeiras para crianças c/ assento em plástico
- 1 Mesa comum c/ gaveta
- 1 Balcão de portaria c/ gavetas e portas de correr
- 1 Chaveiro de madeira
- 9 Cadeiras cromadas c/ assento e encosto em plástico
- 53 Camas de solteiros
- 8 Camas de casal
- 6 Guarda-roupas de casal
- 40 Guardaroupas de solteiro
- 53 Colchões de mola de solteiro
- 8 Colchões de mola de casal
- 5 Sofás de madeira c/ encosto e assento em plástico
- 15 Poltronas de madeira c/ encosto e assento em plástico
- 51 Mesinhas pequenas para quarto
- 56 Cadeiras de madeira c/ assento e encosto de madeira
- 61 Criados-mudo
- 47 Porta-malas
- 4 Cômodas c/ gavetas
- 2 Camas de armar c/ alcochoado
- 72 Travesseiros
- 1 Conjunto composto de 1 sofá e 2 poltronas
- 1 Guarda-roupa de casal de pinho
- 2 Caixas de madeira para depósito
- 1 Escrivaninha
- 1 Estante

DIVERSOS

- 1 Cofre de tamanho comercial
- 1 Geladeira grande de 4 portas
- 1 Televisão ARTEL
- 1 Fogão a gás marca Brasil
- 1 Fogão a lenha, marca Etera, grande
- 1 Bomba centrífuga c/ motor, para água
- 1 Seta luminosa – HOTEL DOM BOSCO
- 2 Enceradeiras
- 1 Máquina de escrever marca Mercedes
- 3 Aparelhos telefônicos comuns
- 1 Aparelho telefônico tipo ASS-1311 p/3 ramais
- 1 Arquivo pequeno p/ fichas

Depois que os proprietários, Srº Guerino e Srª Istelina, faleceram, o Hotel Dom Bosco entrou em inventário que ainda continua até os dias atuais. A administração, durante esse processo, ficou a cargo da filha, Ida Mariani, e seus dois filhos Leandro e Marcelo Mariani. Por diversos motivos, não lhes foi possível disponibilizar nenhuma foto dos interiores do hotel em seu período inicial.

As fotos dos interiores que foram disponibilizadas são da década de 1990, tiradas por Ronaldo Mariani, que administrava o hotel à época.



Imagem 164: Quarto do hotel, 2006.
Fonte: Acervo da família Mariani.



Imagem 165: Quarto hotel.
Fonte: Acervo da família Mariani.



Imagem 166: Recepção Hotel
Dom Bosco, 2006.
Fonte: Acervo da família Mariani.



Imagem 167: Restaurante, 2006.
Fonte: Acervo da família Mariani.



Imagem 168: Sala de Estar do Hotel
Dom Bosco, 2006.
Fonte: Acervo da família Mariani.



Imagem 169: Apartamento 2º
pavimento. Hotel Dom Bosco, 2006.
Fonte: Acervo da família Mariani.

Imagem 170: Sala de Convívio
no 2º pavimento, piso
modificado e nova pintura, 2006.
Fonte: Acervo da família Mariani.



Imagem 171: Apartamento em 2006,
piso modificado.
Fonte: Acervo da família Mariani.



Imagem 172: Entrada do Hotel Dom Bosco.
Fonte: Daniella Medeiros Rocha, 2012.



Imagem 173: Sala de Estar do Hotel Dom Bosco.
Fonte: Daniella Medeiros Rocha, 2012.



Imagem 174: Estar da recepção,
utilizando poltronas
do mobiliário de 1956.
Fonte: Daniella Medeiros Rocha, 2012.



Imagem 175:
Balcão da recepção em madeira
e detalhes em rãdica.
Fonte: Daniella Medeiros Rocha, 2012.

Imagem 176: Estar da recepção, utilizando poltronas do mobiliário de 1956.
 Fonte: Daniella Medeiros Rocha, 2012.



Imagem 177: Porta do poço do elevador e escada de acesso aos pavimentos superiores.
 Fonte: Daniella Medeiros Rocha, 2012.



Imagem 178: Piso da escada do hotel e rodapés em granitina nas cores verde (piso) e bege (espelho e rodapé) e guarda-corpo em metal tubular.
 Fonte: Daniella Medeiros Rocha, 2012.



Imagem 179: Esquadria basculante de ferro com vidro martelado e janela de vidro fixo canelado no hall da escada.

Fonte: Daniella Medeiros Rocha, 2012.



Imagem 180: Detalhe do vidro fantasia.

Fonte: Daniella Medeiros Rocha, 2012.



Imagem 181:

Porta de correr em madeira e vidro, preservada, entrada para o restaurante.

Fonte: Daniella Medeiros Rocha, 2012.

O painel em meia parede, que funciona como elemento de transição entre a sala de convívio do pavimento superior e a sacada, compõe-se de uma porta em ferro e vidro com desenhos geométricos e orgânicos, dois retângulos verticais em madeira pintada e vidro fixo de cada lado, formando uma malha quadriculada. Em cima, um elemento vazado pré-moldado de concreto em malha circular. O acabamento do peitoril é em granitina. Esse elemento favorece a entrada de luz no ambiente, além de permitir maior visibilidade e melhorar a integração visual e física dos dois ambientes: sala e sacada.



Imagem 182: Painel em alvenaria, metal, madeira, vidro e concreto.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2012.



Imagem 183: Parte superior do painel decorativo.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2012.



Imagem 184: Detalhe da sacada em frente à sala de convívio no 1º piso.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2012.

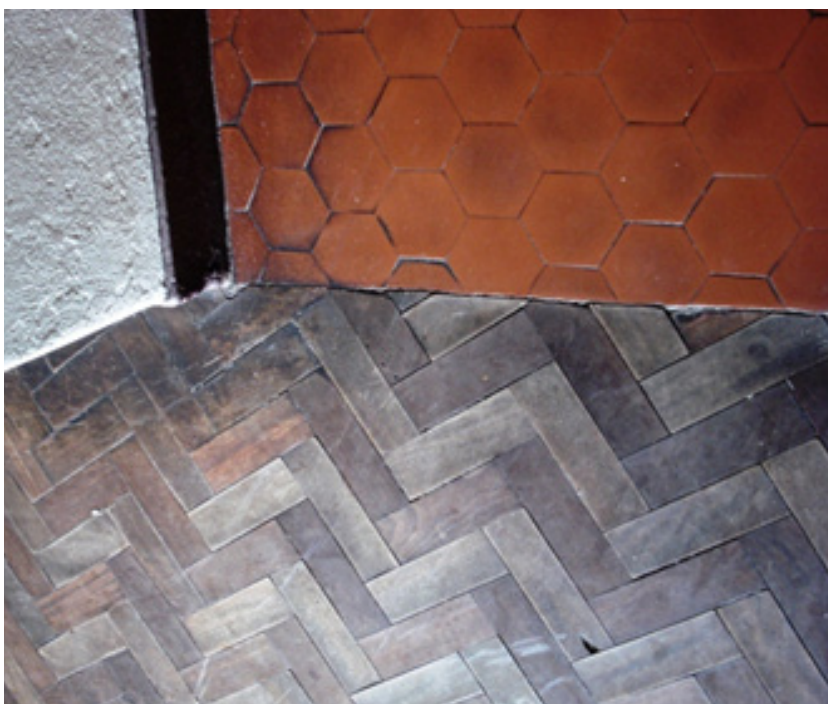


Imagem 185: Detalhe do piso da sala (taco) e piso da varanda (cerâmica São Caetano).
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2012.

O acabamento de teto (roda teto) com altura de 20,0 cm em argamassa de cimento e areia é pintado de branco, como nos rodapés, só que esses foram pintados de marrom e estão presentes nos pavimentos superiores. Representam uma solução de baixo custo.



Imagem 186: Detalhe do acabamento teto, 1º pavimento.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2012.



Imagem 187: Hall na lateral do corredor do 1º pav., local para entrada de iluminação e ventilação.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2012.



Imagem 188: Poltrona com acabamento original, 1955.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2012.



Imagem 189: Sofá de três lugares com acabamento modificado.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2012.



Imagem 190: Poltrona com acabamento original, 1955.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2012.



Imagem 191: Quarto com duas camas e pia instalada posteriormente.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2012.



Imagem 192: Guarda-roupa em madeira, 1956.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2012.



Imagem 193: Cômoda em madeira, 1956.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2012.



Imagem 194: Cabeceira da cama
de solteiro em madeira, 1956.
Fonte: Daniella Moreira Rocha, 2012.



Imagem 195: Criado- mudo de 1955, em madeira, com acréscimo de fórmica na superfície.

Fonte: Daniella Medeiros Rocha, 2012.

Para um ambiente *déco*, a iluminação é ponto fundamental. O tratamento dos ambientes interiores se diferencia de acordo com os objetivos almejados. Para a sala anterior à sacada, o objetivo era a entrada de luz, uma vez que o estilo busca uma atmosfera clara, mas envolvente. Assim, foram trabalhados jogos de luz e sombra proporcionados pelas esquadrias e vãos.

Também, para a decoração em estilo *art déco*, a diversidade de materiais é outro ponto importante. O Hotel Dom Bosco é uma manifestação tardia do estilo em Goiânia, o que explica o uso de materiais diferenciados daqueles da década de 1930: se antes as esquadrias eram de madeira, as esquadrias do Dom Bosco são de ferro.

Através dos estudos do traçado urbanístico de Atilio Corrêa Lima e das circunstâncias políticas, sociais e econômicas geradoras dessa proposta para Goiânia, não podemos pensar em *art déco* apenas no aspecto da edificação em si. Mesmo se conferimos características barrocas ao traçado de Goiânia, é inegável a presença do moderno, e o que ocorreu de moderno nos projetos esteve imbricado com o *art déco*, seja em detalhes do mobiliário urbano, seja na implantação dos edifícios ou mesmo nos seus interiores, como é o caso do edifício do Hotel Dom Bosco. Esses interiores goianos constatarem características da modernidade, mas com simplicidade, racionalidade e singeleza, reflexo das circunstâncias da época.

A partir desse rico levantamento do Hotel Dom Bosco, cabem reflexões sobre como um edifício particular desprovido de qualquer tipo de legislação de proteção ao patrimônio se mantém em 57 anos com um nível satisfatório de preservação. Encontramos nesse Hotel fachadas com pouquíssimas alterações; nos interiores, encontramos preservadas as esquadrias, portas, revestimentos de piso e parede dos banheiros, piso do primeiro pavimento em taco; mesmo frente as alterações ocorridas pelas reformas, mais presentes no segundo pavimento, este também se conservou. Quanto aos mobiliários, muitos exemplares ainda podem ser encontrados, como camas, guarda-roupas, criados e cômodas.

Um fator relevante para explicar essa conservação do edifício ao longo do tempo parece dizer respeito a uma questão sociocultural-econômica da prática de uma empresa familiar que evitou a venda do bem e soube compreender o lugar estratégico - centro de Goiânia - como um lugar de comércio rentável para um hotel. Além de manter o mesmo programa de necessidades e o respeito à memória de seu Guerino Mariani.

Essa mesma questão da empresa familiar, no entanto, uma vez que o imóvel não é tombado oficialmente, pode constituir, quem sabe, um empecilho à conservação do bem no futuro, dado que, à disposição de uma família, essa tem o direito de ampliar, adequar ou mesmo demolir o edifício quando lhe aprouver.

A constatação dessa pesquisa nos leva a indicar novas pesquisas que possam elucidar quais são as características peculiares do processo de proteção ao patrimônio histórico e artístico nacional e de que forma esses agentes implementam as práticas de preservação cultural no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao eleger para estudo três edificações hoteleiras das décadas de 30 e 50, a intenção do trabalho era nelas identificar o estilo *art déco*: quais elementos arquitetônicos se apresentavam, como eles eram constituídos nos seus aspectos funcionais a partir do programa de necessidades, das técnicas construtivas e formais, volumetria, fachada e ambiente interior de cada um deles: o Palace Hotel (Campinas), o Grande Hotel e o Hotel Dom Bosco.

Para essa leitura, a pesquisa buscou reconstruir o passado dessas edificações por meio de sua contextualização histórica, entrevistas e fotografias antigas, documentos e análises de fotos e plantas, tanto em relação ao momento inicial da construção de cada uma, quanto nos seus momentos mais significativos e nos dias atuais.

A modernidade do *art déco* foi reconhecida no partido arquitetônico das três obras, traduzindo a integração de problemas artísticos, funcionais e técnico-construtivos decorrentes das exigências programáticas e dos meios de realização da obra. Buscaram utilizar novas técnicas construtivas e novos materiais: foi adotada a estrutura mista de concreto e alvenaria no Grande Hotel, no Hotel Dom Bosco e no Palace Hotel de Campinas; os edifícios se implantaram nos lotes buscando um efeito mais cenográfico, a horizontalidade e a monumentalidade com as devidas proporções; houve predominância de cheios sobre vazios; houve a utilização de platibandas para esconder o telhado, com a descrição do nome do hotel em alto-relevo, revelado em prospecção de cor; o guarda-corpo sempre trabalhado com elementos em formas orgânicas, elementos em formatos de círculos, semicírculos e volutas; a disposição das luminárias de teto na parte central e o seu formato geométrico, numa composição de metal e vidro; distribuição do *lay-out* de forma funcional; piso de madeira recorrente; janelas de madeira com vidros fantasia tipo *boreaux* coloridos, seguidos de vidros lisos transparentes; venezianas ou madeira com veneziana que possibilitavam o controle de entrada de luz; portas de madeira com bandeiras de vidro fantasia; tratamento volumétrico; utilização de ladrilho hidráulico; varandas semiembutidas; guarda-corpos com elementos circulares em ritmo e acabamento nas laterais de pequenos arabescos. Especialmente o mobiliário denota o estilo, que, no caso do Palace Hotel, possivelmente veio de fora, como para a maioria das outras edificações da época.

Nas três edificações elegidas, tanto no Palace Hotel de Campinas, quanto no Grande Hotel ou no Hotel Dom Bosco, se a pesquisa percebeu esse estilo *art déco*, a modernidade, conforme exposto, sua presença se configurou, no entanto, de forma bastante peculiar, ou

seja, imbricada à tradição não só urbanística, de que o projeto inicial de Goiânia é um exemplo, vez que elaborado dentro da tradição e da modernidade, mas também da própria cidade de Goiânia, cujas edificações, especialmente as residências, ainda àquele tempo selecionavam bastante o estilo neocolonial.

Parte disso pode ser atribuída aos contextos da época em que essa arquitetura hoteleira foi erguida: enquanto o Palace Hotel de Campinas, de 1938, compartilhava com o Grande Hotel inaugurado oficialmente em 1937 a efervescência inicial da implantação de Goiânia, o Hotel Dom Bosco, de 1956, esteve presente na mobilização de Goiânia para a construção de Brasília, em 1960.

Se a euforia era ainda a de um tempo novo, os dois primeiros hotéis tinham por função acolher os que vinham de fora para ajudar a formar politicamente esse novo tempo, ao passo que o Hotel Dom Bosco tentava recuperar para os que também vinham de fora aquilo que em outro lugar haviam deixado: a família, o ambiente acolhedor de um tempo que estava fadado a desaparecer no horizonte do desenvolvimentismo nacional.

Em Berman (2008, p.24), "o moderno é um estado de dinamismo, mudança, ambiguidade e transitoriedade". Sendo assim, considera-se que abraça uma realidade contraditória onde tradição e ruptura, razão e ambiguidade se encontram. É nesse terreno híbrido que surge o estilo *art déco* em Goiânia, ressaltando que ele apresenta um sincretismo singular que concilia um rico repertório de influências somado a características e materiais disponíveis e peculiares de seu lugar e época. Por onde ele caminhou, manifestou uma face moderna, que não ousou romper com a tradição, mas buscou incorporá-la.

De maneira que, ao lado da modernidade, desvelam-se as marcas do tradicional nos hotéis escolhidos: a cobertura com estrutura em madeira e telha colonial; as pequenas dimensões dos quartos do Palace Hotel, por exemplo; a execução dos três edifícios no nível da calçada; e as formas de apropriação do espaço interno. Essas formas de apropriação ficaram claras especialmente no Hotel Dom Bosco, dado que, oriundo de um sobrado de estilo neocolonial, apresenta-se como o emblema da mudança quando se transforma, nos anos 50, em uma edificação de estilo *art déco*. E, mais que as outras edificações hoteleiras estudadas, sua distribuição espacial buscava o tratamento hospitaleiro, interiorano, com a intenção de deixar os hóspedes como se estivessem em casa.

A cidade de Campinas (1938), transformada em bairro de Goiânia com o seu advento, tinha à disposição dos visitantes do Palace Hotel o padrão de hospedagem da época, considerando as devidas proporções. Campinas tinha aproximadamente 14.000 habitantes à época, mas o Palace Hotel, situado numa praça (Praça Coronel Joaquim Lúcio, personagem líder abastado do lugar porque senhor de muitas fazendas), foi local de eventos e festas da alta

sociedade do tempo e de comícios políticos, realizados do alto de sua sacada. Daí se percebe como eram as relações hierárquicas de poder e o poder de certas famílias desse tempo.

Quanto ao Grande Hotel, quando, em 28 de setembro de 1933, Pedro Ludovico encarregou a firma P. Antunes Ribeiro e Cia representada por Atilio Corrêa Lima a iniciar a construção dos dois prédios, o Palácio do Governo e a Prefeitura, incluiu na lista um hotel (Grande Hotel) porque sabia da necessidade desse tipo de estabelecimento como sustentáculo na construção da Nova Capital. O Grande Hotel, portanto, já nasceu com objetivos políticos de ser local de ponto de encontro de negócios, autoridades, de eventos, de reuniões e festas da população. Tanto que a data marcada em decreto para o Lançamento da Pedra Fundamental de Goiânia, que ocorreu no bairro de Campinas, foi o dia 24 de outubro de 1933, a mesma data da Revolução de 1930, para deixar registrado que Goiânia era um dos frutos políticos desse momento nacional.

O Grande Hotel, uma construção moderna e inovadora para a época, desde o início de seu funcionamento esteve submetido à hierarquia do interventor, ou seja, foi um espaço controlado, com arrendamento estabelecido por decreto. Tanto que, quando deixou de servir às suas funções políticas, aos poucos passou para outras mãos estatais (caso do INSS) ou para o comércio lojista.

Depois da década de 1950, segundo Galli (2005, p.66), o crescimento da hotelaria goianiense foi significativo. Goiânia tinha vinte e um estabelecimentos desse gênero, entre eles (citando alguns): o Hotel Glória, propriedade de Jarbas Bittar; o Goiânia Palace Hotel construído por Elias Calixto Calil Neme no estilo *art déco*; o Hotel Presidente, construído pelos irmãos Rassi. O Hotel Dom Bosco, construído por Guerino Mariano e tendo como arrendatário Aguinaldo França e como gerente seu filho Rubens França, no estilo *art déco*, mantém suas fachadas praticamente preservadas, e funciona até hoje como hotel.

Esses hotéis foram referências na história da construção de Brasília, servindo como apoio, acolhendo trabalhadores e empresas construtoras da Nova Capital (Novacap), uma vez que havia uma escassez de hotéis. As pessoas que vinham do interior de Goiás e de outros estados com a intenção de trabalhar, ou mesmo para se estabelecer em Goiânia ou em Brasília, se tornavam, às vezes, até mensalistas, ficando anos como clientes do hotel. Ainda hoje, o Hotel Dom Bosco tem preferência por receber pessoas vindas de famílias tradicionais interioranas, estabelecendo uma relação com seus hóspedes de muita proximidade e respeito.

Esta pesquisa, portanto, respondeu às suas perguntas iniciais – de que forma o *art déco* se manifestou nas construções dos nossos primeiros hotéis goianienses? Ele traduziu a modernidade vivenciada naquela época juntamente com o seu discurso? E nos ambientes interiores, o *art déco* também esteve presente?-

Entretanto, novas investigações ainda podem ser feitas a partir desse universo, principalmente as que envolvem as memórias dos pioneiros, as fotografias, os jornais antigos e também o processo de regionalização do estilo ou de sua aproximação com outros estilos anteriores ou posteriores.

Isso porque o *art déco* amiúde se manifesta com as peculiaridades de cada lugar, como ressaltou esta pesquisa e também afirma o *design* industrial carioca, Márcio Alves Roiter (2010, p.19), que pesquisa o *Art Déco* Marajoara, aproximando inúmeros artefatos decorados desse estilo produzidos na Ilha de Marajó, na Amazônia Brasileira, entre 400 e 1350, do estilo *art déco*. Também a *design* e pesquisadora Lia Mônica Rossi (2010, p.29) verificou a presença do *art déco* em Campina Grande e em pequenas vilas ao longo das rodovias nordestinas, no sertão da Paraíba, e propõe e executa, com uma equipe, um Projeto de Recuperação de Fachadas. Encontra, assim, uma regionalização do *art déco*, que ela denominou *Art Deço* Sertanejo.

Essas investigações apontam para a continuidade da pesquisa, quando perguntas como – o *art déco* possui elementos recorrentes na sua manifestação nos edifícios em Goiânia ou, mesmo na temática de hotéis, chega a encontrar uma regionalização própria? Poderia encontrar uma expressão, mesmo que modesta, de um *art déco* produzido no cerrado? – precisam ainda ser respondidas.

Outra questão a ser mencionada diz respeito à questão do tombamento federal desse estilo em Goiânia, quanto aos imóveis que são referência juntamente com o traçado urbanístico de Goiânia e o centro de Campinas. Existe uma preocupação concentrada nas fachadas do patrimônio tombado, mas pouco se concentra em garantir a preservação dos ambientes interiores. Registros trazidos nesta investigação, como a reforma do Palace Hotel de Campinas e a reforma do Grande Hotel efetuada pela Casa Cor, devem ser objeto de pesquisas e reflexão futuras. É inquietante pensar no patrimônio arquitetônico ou na memória cultural que chegarão às próximas gerações goianienses.

Portanto, as investigações precisam continuar, mais dados devem ser levantados, novas fontes encontradas para que se possa tecer um registro desse manto da história de Goiânia. Fica uma esperança para o futuro na fala de quem muito já se dedicou a essa área, Kátia do Carmo: “Eu acho que, no futuro, pode ser até que esse tombamento receba outro tratamento, uma arquitetura mais renovadora no interior, mas que guarde o registro do passado”.

REFERÊNCIAS

- ALVARES, Geraldo Teixeira. *A luta na epopéia de Goiânia: uma obra da engenharia nacional*. São Paulo: Associação Paulista de Imprensa; Jornal do Brasil, 1942.
- AMARAL, Aracy. Surgimento da abstração geométrica no Brasil. In: AMARAL, Aracy (Coord. Edit.). *Arte construtiva no Brasil*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 1998. (Coleção Adolpho Leirner).
- ARGAN, Giulio C. *Arte moderna*. Tradução: Denise Bottman e Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ARTE: O GUIA VISUAL DEFINITIVO. Consultoria editorial: Andrew Graham-Dixon; Tradução: Eliana Rocha. São Paulo: Publifolha, 2011.
- BADAN, Rosane C. *O mobiliário como testemunha da História de Goiânia*. 2004. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*. Tradução: Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BRESLER, Henri. O *art décoratif* moderno na França. In: *Anais do Seminário Internacional Art Déco na América Latina*. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo, 1997.
- CAMPOS, Francisco Itami. Os operários na construção de Goiânia. *Jornal Opção*. Ano 1, v.19, n 11, 24 out. 1980.
- CARTA DE ATENAS. Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM). Atenas, 1933. Disponível em: <portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=233>. Acesso em: 15 jul. 2013.
- CARTA DE BURRA. Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS). Burra, 1980. Disponível em: <portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=251>. Acesso em: 7 jul. 2013.
- CARTA DE VENEZA. Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos (ICOMOS). Veneza, 1964. Disponível em: <portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=236>. Acesso em: 15 jul. 2013.
- CHAUL, Nars Nagib Fayad. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. 3.ed. Goiânia: Editora UFG, 2010.
- CHAVEIRO, Eguimar Felício. *Goiânia, uma metrópole em travessia*. 2001. Tese de Doutorado. Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.
- CHUVA, Márcia Regina Romero. *Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 30-1940)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- COCCHIARALE, Fernando. Da adversidade vivemos. In: FERREIRA, Glória. (org.). *Crítica de Arte no Brasil: temáticas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Funarte, 2006, p. 499-508.

COELHO, Gustavo N. *A modernidade do art déco na construção de Goiânia*. Goiânia: Ed. do Autor, 1997.

_____. *Art déco: uma vertente da modernidade*. Goiânia: Ed. Vieira /Trilhas Urbanas, 2000.

CONDE, Luiz; P. F.; ALMADA, Mauro. Introdução. In: *Rio de Janeiro (cidade). Guia da arquitetura art déco no Rio de Janeiro*. 3. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.

DAHER, Tania. *Goiânia: uma utopia européia no Brasil*. Goiânia: Instituto Centro Brasileiro de Cultura, 2003.

DINIZ, Anamaria. *Goiânia de Atilio Corrêa Lima (1932-1935) – ideal estético e realidade política*. 2007. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, Brasília.

DUNCAN, Alastair. *Art déco complete*. London: Thames e Hudson, 2011.

FABRIS, Annateresa. *Arquitetura eclética no Brasil: o cenário da modernização*. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes (ECA), Universidade de São Paulo (USP), 1993.

GALLI, Ubirajara. *A história da hotelaria em Goiás: dos pousos dos bandeirantes ao século XXI*. Goiânia: Ed. da UCG; Contato Comunicação, 2005.

GOIÂNIA ART DÉCO. Acervo arquitetônico e urbanístico – Dossiê de tombamento. Goiânia: Instituto Casa Brasil de Cultura, 2010.

GOMBRICH, Ernst H. *A história da arte*. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GOMES, Horiestes. *Reminiscência da campininha: 200 anos (1810-2010)*. Goiânia: Editora Teixeira, 2012.

GONÇALVES, Alexandre Ribeiro. *A Construção do Espaço Urbano de Goiânia (1933-1968)*. 2002. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

GRAEFF, Edgar Albuquerque. *Goiânia: 50 anos*. Brasília: DF: MEC- SESU, 1985. (Série: Oito vertentes e dois momentos de síntese da Arquitetura Brasileira).

_____. *Uma sistemática para o estudo da teoria da arquitetura*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006.

HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JÚNIOR, Oscar Sabino. *Goiânia Global*. Goiânia: Oriente, 1980.

LEMOS, Carlos A. C. *O que é Patrimônio Histórico*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1981.

MANSO, Celina F. A. *Goiânia: uma concepção urbana, moderna e contemporânea – um certo olhar*. Goiânia: Edição do Autor, 2001.

MARI, Marcelo. *Estética e política em Mário Pedrosa (1930-1930)*. 2006. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

MELLO, Márcia M. *Goiânia: cidade de pedras e de palavras*. Goiânia: Editora da UFG, 2006.

_____. *Moderno e modernismo: a arquitetura dos dois primeiros fluxos desenvolvimentistas de Goiânia*. 2006. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo da Universidade de São Paulo, São Paulo.

MONTEIRO, Ofélia. S. N. *Como Nasceu Goiânia*. São Paulo: Empresa Gráfica dos Tribunais, 1938.

MORAIS, Sérgio. *Empreendedor Imobiliário e o Estado: o processo de Expansão em Direção Sul (1975-1985)*. 1991. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, Brasília.

NEY, Licardino de Oliveira. *Um Lutador*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1975.

PALACÍN, Luís; MORAES, Maria S. *História de Goiás*. 4 ed. Goiânia: Ed. da UCG, 1986.

PESAVENTO, Sandra J. *Exposições universais: espetáculos da modernidade do século XIX*. São Paulo: HUCITEC, 1997. (Estudos Urbanos. Série Arte e Vida Urbana).

Revista Mensal Oeste – Comemorativo do Cinquentenário da Fundação de Goiânia. Goiânia: Universidade Católica de Goiás; Caixa Econômica Federal, 1983. (Reprodução fac-similar de 23 fascículos da *Revista Oeste*, publicados em Goiânia no período de julho de 1942 a dezembro de 1944).

RIBEIRO, Maria E. J. *Goiânia: os planos, a cidade e o sistema de áreas verdes*. 2000. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.

ROITER, Márcio Alves. A influência Marajoara no *Art Déco* Brasileiro. *Revista da Universidade Federal de Goiás*. Goiânia, Ano XII nº 8, p.19-27, julho 2010.

_____. *Rio de Janeiro art déco*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

ROSSI, Lia Monica. *Art Déco sertanejo e uma revitalização possível: Programa Campina Grande. Déco*. *Revista da Universidade Federal de Goiás*. Goiânia, Ano XII nº 8, p.28- 33, julho 2010.

SCHWARTZMAN, Simon. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

SEGAWA, Hugo. Modernidade Pragmática: arquitetura no Brasil dos anos 1920 a 1940. *In: Anais do Seminário internacional art déco na América Latina 1*. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo, 1997.

TAMBINE, Michael. *O design do século*. Trad.: Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Editora Ática, 1996.

TEIXEIRA, Pedro Ludovico. *Memórias; autobiografia*. Goiânia: Livraria Editora Cultura Goiana, 1973.

UNES, Wolney. *Identidade art déco de Goiânia*. Goiânia: Instituto Casa Brasil de Cultura, 2008.

UNES, Wolney. Descobrindo Patrimônios. *Revista da UFG*. Goiânia, ano12, n.8, p.55-60, Jul., 2010.

FONTES DOCUMENTAIS

1. ARQUIVO HISTÓRICO ESTADUAL DE GOIÁS

Folha de Goiaz. Ano de 1939.

Correio Oficial de 08 / 07/1933.

Correio Oficial de 28/02/1936.

Correio Oficial, de 21/04 /1937.

Folha de Goiaz de 26/09/1939.

2. CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO JAIME CÂMARA (CEDOC)

Jornal O Popular. Ano de 1938.

Jornal O Popular de 27/04/1956.

Jornal O Popular de 09/08/1956.

Jornal O Popular de 20/04/2003.

Jornal O Popular de 02/05/ 2004.

Jornal O Popular de 24/10/2012.

Jornal O Popular de 12/05/ 1938.

Jornal O Popular de 19/07/92.

Jornal O Popular de 19/01/98.

PARECER nº 027/02- GAB/PROJUR/IPHAN

RELATÓRIO DA SECRETARIA EXECUTIVA DO CONSELHO MUNICIPAL DE CULTURA.

3. ARQUIVOS PESQUISADOS

Arquivo Histórico Estadual.

Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos da Brasil Central da PUC-GO.

Biblioteca da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano Sustentável.

Biblioteca Cora Coralina do Município de Goiânia-GO.

Centro de Documentação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da PUC-GO.

Centro de Documentação da Organização Jaime Câmara (CEDOC).

Museu da Imagem e Som do Estado de Goiás.

Secretaria Infraestrutura do Município de Goiânia-GO.

4. ENTREVISTAS

MARIANI, Istelina – Depoimento [julho, 1993]. Entrevistadora: Arquivista Maria Terezinha Campos Santana. Goiânia, 1993.

FRANÇA, Rubens– Depoimento [março, 1993]. Entrevistadora: Arquivista Maria Terezinha Campos Santana. Goiânia,1993.

ALMEIDA, João de – Depoimento [Setembro, 1993]. Entrevistadora: Arquivista Maria Terezinha Campos Santana. Goiânia, 1993.

MARIANI, Ida – Depoimento [Janeiro, 2013]. Entrevistadora: Daniella Moreira Rocha. Goiânia, 2013.

PAIVA, Kátia do Carmo de. Depoimento [Janeiro, 2013]. Entrevistadora: Daniella Moreira Rocha. Goiânia, 2013.

OLIVEIRA, Hélio de Oliveira. Depoimento [Janeiro, 2013]. Entrevistadora: Daniella Moreira Rocha. Goiânia, 2013.

OLIVEIRA, Maria Benedita Chagas. Depoimento [Janeiro, 2013]. Entrevistadora: Daniella Moreira Rocha. Goiânia, 2013.

FREITAS, Maria Bárbara de. Depoimento [Janeiro, 2013]. Entrevistadora: Daniella Moreira Rocha. Goiânia, 2013.

GOMES, Horiestes. Depoimento [Janeiro, 2013]. Entrevistadora: Daniella Moreira Rocha. Goiânia, 2013.

IMAI, Sônia. Depoimento [Janeiro, 2013]. Entrevistadora: Daniella Moreira Rocha. Goiânia, 2013.

ANEXO 1

TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

As entrevistas que fundamentaram o trabalho são apresentadas aqui e a seguir um pequeno texto que contextualiza lugar, dia e circunstância em que aconteceu o encontro com cada entrevistado. Na lista abaixo está a sinalização usada durante as transcrições e o entrevistado é identificado pela letra inicial de seu nome.

Legenda de sinalização:

P. fala da pesquisadora

... pequena pausa

(...) silêncio

< > informação incluída pela pesquisadora durante a transcrição

- - para explicação/informação extra sobre o assunto trazida pelo informante

() para vícios de linguagem do entrevistado e pesquisadora

Itálico para liberdades da fala, como erros de concordância e outras

Dona Maria e Hélio de Oliveira

O texto abaixo é o resultado de uma entrevista com o casal **Maria Benedita Chagas de Oliveira** e do **Sr Hélio de Oliveira**, um dos primeiros fotógrafos do início de Goiânia que se encontra com boa saúde e memória aos 83 anos e possuem um acervo 65.000 fotos históricas da cidade. O encontro aconteceu no dia **23 de janeiro de 2013**, na casa onde eles moram há 58 anos no bairro de Campinas, dia em que o filho Hélio de Oliveira Filho, quem administra o acervo, localizou e me vendeu as fotos históricas de Campinas colocadas na pesquisa.

P. Dona Maria a senhora se lembra da sua infância, como era a praça?

M. A praça... Eu achava a praça linda, era muito florida, bem decoradinha, com os canteiros com murta paradinha... tinha os arcos, bem podadinho, tinha um relógio de quatro faces, a iluminação era com globos e a praça era bem iluminada. A praça era maior, porque foi tirada parte da praça de um lado e de outro e tinha uma fonte luminosa, tinha peixes, tinha cágado, os bancos eram de granito, era bem diferente do que é a praça hoje. Então, a gente ia à igreja e quando a gente voltava íamos brincar um pouquinho na praça.

P. A igreja era a Matriz?

M. É a Matriz

P. E nesta época era o primeiro coreto ainda?

M. Não era outro coreto. O Helinho tem a fotografia, ele pode te mostrar a fotografia do coreto, era um coreto bonito ele era aberto...

P. É o mais antigo?

M. Não é o mais antigo, o mais antigo é esse atual < depois da revitalização >, agora eles desmancharam o outro coreto... nos domingos tinha retreta aí no coreto, na época da política eram aonde eles faziam os comícios, brincavam o carnaval na praça, era bem diferente a praça da minha época...

P. Nesta época, que construções tinham na praça, o que a senhora se lembra?

M. Na praça as construções... Tinha o Palace Hotel, à casa do Licardino, tinha a "Móvel Tupi" <loja>, tinha a Cadeia, a gente naquela época falava Cadeia, na esquina tinha o Goiânia Hotel, tinha a casa do Sr Jamil Nem, tinha a Princesa que era uma casa dos Libaneses...

P. Era comércio?

M. Era comércio.

P. Era comércio de quê?

M. Era comércio de tecido, do outro lado tinha um bar com mesas de sinuca e tinha um posto...

P. Como se chamava este bar?

M. Não lembro o nome do bar, eu não lembro... e do outro lado, do lado do Palace Hotel tinha um cinema, em frente tinha um cinema... tinha três bares, tinha uma barbearia e uma engraxataria, naquele tempo o povo engraxava sapato - era terra, tinha que limpar o sapato - então eram as construções.

P. Embaixo do Palace Hotel nesta época, o que é que tinha?

M. Tinha um salão de cabeleireiro do Alagoano, só tinha este salão de cabeleireiro... a praça era só isso, só essas construções.

P. A senhora lembra qual cor que era < o Hotel >?

M. Sempre, quase, pintado de amarelo. Hoje eu nem reparei que cor que está à gente quase que não presta atenção nestas coisas mais. Mas, quase sempre pintado de amarelo.

P. O que é que acontecia nos fins de semana, na praça?

M. Tinha o "vai e vêm", as moças rodava por dentro e os rapazes rodavam por fora e ali muitos casais namoraram e casaram. E esses bares eram bem frequentados, o pessoal aqui de Campinas sentava lá tomavam lanche... todo mundo se conhecia naquela época, então não tinha este pavor, este medo que tem hoje. Você senta num lugar e já fica olhando do lado, naquela época não, era tudo muito calmo.

P. E a senhora lembra-se de conhecer alguém que está relacionada à história do Hotel < o Palace >? Quem arrendou? Quem era proprietário? A senhora sabe de alguma coisa?

M. Os que arrendaram aí... tinha o Sr Antônio, mais eu não sei o sobrenome dele, foi vários anos ele ficou aí... mais ou menos uns cinco anos e depois teve esse "Neném Gordo" e depois passou para o Campinas Hotel. Construíram o Campinas Hotel e ele foi dirigir o Campinas Hotel. Dessas duas pessoas eu me lembro de bem e dessa Dona Rosa que foi a primeira que dirigiu o Palace Hotel, ela tinha duas filhas que eram minhas amigas, então a gente sabe quem era que morava aqui.

P. Ela que era viúva?

M. Ela era viúva...

P. A senhora lembra o nome do marido dela?

M. Eu tenho a impressão que esse Gebrin, era marido dela. Ah está... que é esse Ramos Gebrin, a gente vai conversar com a Dona Bitá... (aí) ela vai confirmar, porque ela falou que iria lembrar porque ela tem alguma coisa escrita... porque ela tem o nome da esposa escrito.

P. A senhora já chegou algum dia entrar no hotel e o que é que a senhora lembra?

M. Já, várias vezes. Ah... eu tinha tias que morava no interior, e vinham e ficavam hospedadas.

P. E como era? Entrava e tinha uma recepção...

M. Tinha, tinha uma recepção do hotel, um balcão e depois tinha uns corredores... mas... era

muito simples o hotel.

P. Tinha suítes?

M. Não. Era só quartos

P. E os banheiros eram coletivos?

M. Banheiros coletivos... mas tinha festa, de vez em quando tinha bailes no Palace Hotel. Eu me lembro de uma vez que minha tia já era moça e foi no baile... eu era menina! Fui e me sentei na janela aqui de lado < mostrando a janela na foto do Palace Hotel da época > e fiquei olhando os outros *dançar* como era fácil de subir... eu subi < na janela e ficou sentada, já que as paredes eram largas servindo de assento > mas só por peraltice de criança mesmo. Fui para olhar o baile... mais sempre acompanhada de uma prima, de uma vizinha.

P. Era um lugar que tinha uns eventos?

M. Era o local que tinha uns eventos aqui em Campinas e nesta Móvel Tupi tinha uma salão que tinha bailes lá. Na praça tinha um terreno vago entre a Cadeia e o Móvel Tupi, ali tinha um parque... tinha canoinha tinha diversos jogos lá, de vez em quando o pessoal se reunia lá. E foi um lugar que por muitos anos eles ocuparam o terreno lá. Até as festas do Atlético eram feitas ali, hoje é Hospital Santa Lúcia, onde é o Hospital Santa Lúcia, aquele terreno ali < indicando na foto da Praça >.

P. E a senhora chegou a participar de algum discurso, de algum sermão, onde as pessoas estavam no Palace Hotel e as pessoas na praça... a senhora chegou a participar de alguma coisa?

M. Não, sempre tinha as Procissões do Encontro que aconteciam ali e as pessoas ficavam na praça por perto do hotel ouvindo o sermão dos padres.

P. E estas procissões eram organizadas pelos padres da Matriz...

M. Ali era um lugar que reunia maior quantidade de pessoas... E a igreja... a igreja antiga nossa! Não tinha um lugar para o sermão! Você já viu fotografia da igreja? Não tinha... < lugar para o sermão > eles faziam o Encontro no Hotel < o Palace >. Depois eles construíam o Gustavo Hitter, onde é o Gustavo Hitter era a casa dos padres, (aí) de vez em quando as procissões começaram acontecer por lá e depois passou para a igreja e depois deixou de acontecer no Palace Hotel.

P. Na parte de baixo da praça... tinha o ponto de ônibus para o centro, (então) ali era cheio de carro durante o dia... (então) este ponto de ônibus era para vans ou ônibus?

M. Ônibus mesmo < chamavam jardineira >.

P. Este coreto que esta aqui na fotografia... ele já é o segundo coreto, já descoberto.

M. É esse coreto que esta hoje (aí) é o primeiro coreto daqui. Depois dos anos 40 já foi esse coreto < apontando para a foto da praça com o coreto *art déco*, sem cobertura > Ele é o coreto que eu lembro, na minha infância. Ele era assim aberto. Depois... umas reformas que eles fizeram depois de muitos anos atrás desmancharam e fizeram este coreto que esta aí.

Algumas pessoas votaram por este coreto. Esse coreto aqui, <apontou para a foto > ele fazia parte deste conjunto que era a *art déco*.

P. E a praça pela fotografia era muito bem cuidada, (né)?

M. Era muito bem cuidada nossa praça.

P. (Então)... tinha estes postes como a Senhora havia falado, tinha estes postes, a vegetação, os passeios...

M. Tinha a fonte, tinha o relógio...

P. E o cinema a Senhora frequentava?

M. Frequentava! Naquela época tinha só este cinema aí, depois dos anos 50 construíram o Cine... Campinas.

P. Este se chamava como?

M. Esse aí teve tantos nomes, primeiro foi Cine Campinas depois passou para Cine Tocantins... Caiçara, teve vários nomes. Foi o primeiro cinema.

P. A senhora lembra, dentro do Palace Hotel, como era a recepção?

M. Era tudo de madeira, o mobiliário do hotel era todo <de madeira>, o guarda-roupa, cama...

P. E a senhora *entrou* nos quartos... tinha quarto de casal e quarto de solteiro?

M. Tinha <quartos> de casal e de solteiro.

P. Tinha algum restaurante?

M. Tinha. Tinha uma comida muito boa.

P. E uma sala de estar?

M. Tinha pequenininha, mais tinha.

P. Uma salinha, depois um restaurante e provavelmente os quartos na parte de cima... Nesta parte de baixo aqui < indicando na foto do hotel > era o restaurante, não tinha os quartos... aqui os quartos eram todos em cima e nessa lateral direita... isso seria o que?

M. Aí tinha uma rouparia... era pequena (né).

P. Na lateral direita < indicando na foto a fachada para a Rua Geraldo Ney > essa porta aqui era...

M. Era à entrada do Hotel.

P. (Ah) era aqui... porque ali era o salão e ele se estendia... aqui (então), deveria ser a entrada

e o estar... (então) aqui era o restaurante...

M. A parte toda aí, era restaurante < na lateral esquerda do salão, em frente à Rua 24 de outubro>.

P. Eram duas cores, na fachada e nos frisos? < apontando para a foto em preto e branco, mas com diferença de tom>.

M. Era só amarelo, era o *art déco* que eles falam. Tinham uns frisos mais claros um pouquinho.

P. Com o passar o tempo esses eventos, esses passeios que aconteciam na praça foram mudando... em que época que a praça deixou de ter esse movimento cultural?

M. Há uns 15 anos para cá, mais ou menos, que terminou. De vez em quando vem pessoas com palestras (aí) na praça. Houve época que eles faziam exposições de bordado. Agora de vez em quando, tem uns espíritas que expõe uns livros ali. Mas não tem como vir o pessoal, porque de primeiro vinha em massa, vinha todo mundo de Campinas para ver o acontecimento. Quase não tinha nada.

P. Esta época que começou este primeiro telégrafo, também consta na história, que foi um momento que começou a estrada de ferro, jornais, revista, telefone e o cinema... o que é que a senhora se lembra dessa época, dessas novidades que surgiram?

M. *Vi-os* falando das coisas, mais eu não via nada porque eu era criança, (então) eu quase não saía... mais foi muito bom. Eu tinha dois primos que foram os primeiros na telefonia aqui em Goiânia. Tinha quatro funcionários, < além dos dois primos> meus dois tios trabalharam no telégrafo até aposentar.

P. E a senhora se lembra de algum acontecimento que ocorreu por volta de 1950, na praça? < Seu **Hélio de Oliveira** entra na sala para participar da entrevista >

Entrevistado Hélio de Oliveira

P. O senhor se lembra de se o Getúlio Vargas veio fez algum comício (aí), se ele esteve fazendo discurso no Palace Hotel?

H. Aqui em Campinas ele não fez comício não, ele veio foi numa fazenda... Quincas Borges, aqui em Campinas ele não veio... ele foi à Escola Técnica, tem até foto dele nessa visita.

P. (Então) não teve a presença dele aqui na Praça?

H. Não. Teve foi à presença de J.K. mais não foi na sacada do Hotel, foi dentro de um caminhão, em frente à Difusora < a rádio >.

P. Em que época que foi isso?

H. Na época em que ele foi candidato a senador, em meados 1961.

P. O que tinha (então), conversando com a Dona Maria eram essas procissões... elas partiam daqui ou elas concluíam aqui?

H. Não, a procissão sempre subia a Rio Grande do Sul e descia a 24 de outubro. Às vezes encontrava na praça com outra que vinha lá do convento e (aí) havia preleção.

M. Vinha lá da igreja...

H. Aqui em Campinas todos os candidatos a vereador fizeram comício aqui, esses todos...

P. Certo, aqui na praça (né)? Já esclareceu... porque às vezes a *gente* lê algumas coisas que falam nesta referência (né)? Que o Juscelino teve aí e fez discurso na sacada do Palace Hotel... Mais o Pedro Ludovico sim (né)?

H. Eu acho que eu tenho um retrato disso < a foto se encontra na pesquisa >.

P. < Voltando ao assunto do Palace Hotel > Dona Maria esclareceu que na parte de baixo do lado esquerdo era o restaurante do Palace, do lado direito no centro tinha o salão e do lado direito tinha a entrada. E a recepção ali e os quartos na parte de cima...

H. Eu não me lembro de naquela época ter quarto com suíte.

P. Certo. E naquela época o pessoal comprava os móveis aonde aqui em Campinas, para poder mobiliar, por exemplo, uma casa...?

M. Móveis Tupi.

P. Então a *gente* pode pensar que, no Palace Hotel os móveis vinham dos Móveis Tupi?

H. Talvez até não, porque os Móveis Tupis -loja- veio depois, mais deve ter comprado fora, os móveis tinham do Paraná... mas quem revendia era o Móvel Tupi.

P. Então, provavelmente eles mandaram buscar fora...

H. Não, os primeiros móveis vieram de fora... e depois é (que) vieram estas casas de móveis aqui para Goiânia.

P. E os materiais de construção também vinham de fora?

H. Não, os materiais de construção eram tudo aqui da redondeza, inclusive meu pai teve uma loja de material de construção.

P. Qual que era o nome?

H. O Progresso Goiano, na Avenida 24 de outubro nº 730.

P. E qual era o nome do seu pai?

H. Ozorio de Oliveira. Agora... aqui por exemplo, o Licardinho mesmo, teve uma olaria e produzia tijolos.

P. Qual era o nome desta olaria?

H. Ah, este nome da Olaria eu não me lembro.

M. Nos anos 50, tinha um olaria que chamava João Teles, fornecia tijolos aqui para Goiânia - era perto, aqui saída para Trindade, Setor São José- tinha outra que ficava perto da antiga estrada para Inhumas, tinha várias.

P. E materiais de construção como parte elétrica, hidráulica?

H. No começo a parte hidráulica era meu pai que vendia, vendia muito, mais ai depois veio Casa Iracema.

P. Então esta loja Progresso Goiano...

H. Loja do meu pai. Ela foi fundada em 1936..

P. Então seus pais são daqui?

H. Não meu pai é Mineiro de Buriti Alegre em 1935, meu pai era construtor, fizeram umas 40 casas aqui em Goiânia.

P. Fez aqui em Campinas também?

H. Não fez aqui em Campinas... mais era lá no centro, mais eram casas para aquelas pessoas que vieram morar, as autoridades que vinham de Goiás... Antenor de Amorim, Maximiliano da Mata Teixeira, uma porção de gente... eu tenho inclusive algumas fotos.

P. Isso é importante para mim, porque eu vou aos jornais antigos e *pego* as propagandas das lojas.

H. A loja dele lá em cima tem uma igreja evangélica. A loja dele era um cômodo da igreja, era um lote para cada igreja. Ainda existe mais ou menos um remendo lá até hoje.

P. Quem vinha para cá- para nessa época?

H. Bom no comecinho, todas as autoridades que vinham de Goiás, hospedavam no hotel... quando já tinha construído o Palace Hotel. Mas a gente não pode dizer quem que foi porque eram tantas pessoas que vinham passear em Goiânia... depois começaram a construir hotéis em Goiânia, aí já ficaram lá no centro. Tem uma coisa que você esta dizendo, porque eu estou dizendo Goiânia e Campinas?

P. É verdade parece que são duas cidades...

H. No começo Goiânia era separado de Campinas por uma mata, a gente falava que Goiânia era lá e Campinas era aqui, mas até hoje ainda fala "eu vou lá a Goiânia" e não falo eu vou lá ao centro.

P. É isso (aí) é interessante por causa da história.

H. Ela esta falando < sua filha que entrou na sala e comentou do assunto > que Goiânia era um município, Goiânia não era um município. A Campinas aqui era muito grande pegava Trindade.

P. A Praça Joaquim Lúcio quando o senhor chegou como estava... o passeio, as ruas, a pavimentação?

H. Quando eu cheguei em 1935, já existia a Praça com o passeio só em volta e no meio era terra e quase não tinha árvores tinha só uma plantinha, acho que a Maria tem uma foto que foi tirada por mim que mostra direitinho isso aí.

P. (Aí) depois eu sei que teve uma reforma... não reforma não, porque demoliram alguns prédios. Por exemplo o senhor conheceu a Casa de Câmara e Cadeia com dois pavimentos?

M. Conheci foi toda vida foi naquele local.

P. (Aí) depois foram e demoliram?

H. Não, não demoliram foram melhorando ela...

M. Porque ela era de pau-a-pique.

H. Não a demoliu, foram melhorando, mais em parte foi porque ela era de alvenaria.

M. Tem umas fotografias aqui em casa ainda quando ela estava todo descascando.

P. E o cinema o senhor se lembra de quando tinha?

H. Não, não, quando eu cheguei não tinha cinema, cinema eu lembro.

M. Quando você voltou de Uberlândia já tinha cinema.

H. Não quando eu estava aqui no começo, estava começando... quando nós fomos embora a 1940 começou a construção do cinema e depois eu fui estudar em Uberlândia voltei em 1947... 1948.

M. Você voltou de Uberlândia em 1951.

H. Em 1951 eu já estava trabalhando no jornal, mais foi nesta época, esse cinema uma vez

incendiou, ih tem muita coisa, este cinema passou por vários nomes, Cine Campinas, Cine Rios, Cine Tocantins, Cine Caiçara.

P.E... à noite a praça era iluminada?

H. No começo era uma iluminaçãozinha muito pouca, porque não existia e teve uma época em que Goiânia ficou sem energia elétrica porque a usina do Jaó rodou essa iluminação aqui ela ficou num motor, como um gerador grande e ficava mais ou menos só até às 10hoomin horas, por aí não ficava mais tarde não, porque gastava muito óleo muito diesel, aí desligava. Era até interessante está ligado o motor, daí desligava e dava o sinal, mais um pouquinho desligava novamente para dar o sinal, no terceiro, podiam ascender lamparinas que não tinha mais nada, assim, Goiânia ficou num período de quase dez anos, carente de indústrias, num período de 1945 a 1956 teve problema de abastecimento de energia elétrica. Tinha... tinha energia, mais era assim umas 3/4 de manhã e umas 3/4 à tarde e à noite das 19hoomin horas até as 22hoomin horas, tanto é que houve aí um crime que eles falam: "Que voltou e deu a luz"! < Um caso famoso na época de jornalista que morreu porque fez uma brincadeira no jornal dessa situação da energia elétrica de Goiânia >

M.O homem voltou e deu a luz...

P. Eu ouvi falar sobre isso, eu tenho lido sobre isso...

H. Que, aliás, era conhecido meu, ele tinha um jornal e eu tirava as fotografias para ele. Mas é isso...

P. Hoje está funcionando a Biblioteca Municipal Cora Coralina, e como que vocês vêm? Tem uma utilização como biblioteca, ou o senhor não tem dados sobre isso?

H. Olha, eu não tenho estes dados sobre isso, mais eu vejo muitas pessoas indo lá, mais eu acho ainda uma biblioteca muito fraca, muito pouca coisa para se consultar. Lá, tem muito poucos livros, fizeram aquela reforma toda mais, preservaram só a casca, só por fora, por dentro... eles desmancharam quase tudo, deixaram praticamente só as paredes de fora, depois que foram construindo de novo.

M.É um recinto útil para estudante porque antes não tinha.

Sônia Imai

O texto abaixo é o resultado de uma entrevista com **Sônia Imai**, é servidora do município há 27 anos, foi diretora da Biblioteca Cora Coralina por 15 anos, de 1985 a 2000, quem elaborou o projeto de captação de recursos junto à Embaixada do Japão para a reforma do Palace Hotel e atualmente é bibliotecário do Museu de Arte de Goiânia (MAG), localizado na Rua 01, nº

605, Bosque dos Buritis, Setor Oeste. O encontro aconteceu no dia **27 de janeiro de 2013** na sua sala no MAG.

P. A reforma que ocorreu no Palace Hotel, foi em 1999?

S. Por volta (né)?

P. Como que foi esta reforma, como que foi este processo de busca de recursos, esta experiência que você esteve presente participando?

S. Bom, primeiro surgiu à necessidade da mudança do antigo prédio que não conseguia mais abrigar todos os que procuravam... (né).

P. Esta biblioteca lá em Campinas ficava aonde?

S. Ela ficava na Praça Joaquim Lúcio aonde hoje funciona a Junta Militar < prédio tombado onde funcionava a subprefeitura e Fórum > a Biblioteca Municipal da Goiânia como o prédio era muito pequeno e a gente não conseguia suprir as necessidades dos usuários que na época. Eram mais ou menos 800 alunos/dia, porque Campinas não tinha biblioteca, então a gente atendia Campinas, setores periféricos e também cidades adjacentes, como: Inhumas, Goianira, Trindade. Então, o público era muito grande e o prédio do Palace que ficava do lado oposto do nosso, lá estava desativado estava abandonado e a gente sugeriu este projeto para ver se conseguíamos um espaço maior para abrigar esses usuários que nos procuravam.

P. Naquela ocasião, o professor José Mendonça adquiriu esse Bem *que era* o Palace Hotel...

S. Sim, foi naquela época, (que) ele tinha feito a proposta para a prefeitura e adquiriu este prédio, só que o prédio estava desativado, não sei se por falta de recurso... mas aí eu coloquei este problema que nós estávamos precisando fazer esta mudança...

P. Você como bibliotecária da Biblioteca Cora Coralina, ela já tinha este nome Biblioteca Municipal...

S. Já tinha este nome. A biblioteca começou em 1985 e já com o nome de Cora Coralina. E (aí) na época que a gente tratava desta demanda muito grande, eu tomei conhecimento desse convênio da Embaixada do Japão e fiz um projeto justificando isso que eu te falei, sobre a grande demanda das escolas, essa procura dos alunos, (então) fiz uma pesquisa nas próprias escolas, número de usuários que a gente atendia quantas escolas e mandei. Eles fizeram uma primeira avaliação e vieram fazer uma vistoria. Aprovaram o projeto, a partir de então, a coisa tomou rumo.

P. Os parceiros foram à prefeitura e a embaixada do Japão?

S. Isso, a Embaixada entraria com uma parcela e caso não fosse suficiente para terminar a obra, à prefeitura entraria com a contra partida, (que) foi o que aconteceu.

P. E os técnicos então eram da prefeitura, por isso foram envolvidos a Kátia, a Cida, a Cleomar...

S. É então como o prédio era da prefeitura e a prefeitura tinha este grupo e este prédio sendo histórico então, o prédio teria que ter um cuidado especial, daí entraram estas pessoas que realmente conduziram toda esta reforma.

P. E você assim que concluiu, foi inaugurado em 2000 e qual foi à contra partida da prefeitura, quanto foi?

S. Não me lembro bem, mais eu posso procurar para você em algum documento... mas lá na biblioteca tem uma pasta sobre a biblioteca, sobre este processo que é uma fonte de pesquisa.

P. Esse financiamento era bens tombados ou área cultural?

S. Não. Inclusive na época houve uma cogitação, porque eles nunca tinham antes usado para este fim de reforma, (aí) eles me questionaram bastante sobre isso, (então) eles fizeram uma visita no *in loco*. Eu consegui mostrar os dados do nosso atendimento, mostrei o local antigo que a gente estava atuando e realmente eles constataram que seria interessante fazer essa reforma. Tanto que depois do sucesso que teve nessa reforma... da repercussão... tudo... como a gente pode abrigar melhor esses usuários também viabilizaram outro projeto que era do Marieta Telles < Biblioteca >, que também é um prédio da prefeitura.

P. Foi viabilizado da mesma maneira?

S. Foi.

P. O funcionamento da biblioteca Cora Coralina tem algum vínculo com a parte de baixo do coreto, da Praça Joaquim Lúcio?

S. Não, são funções independentes.

P. E quanto tempo (que) demorou a elaboração do projeto < até > a saída deste recurso... vocês ficaram trabalhando quanto tempo?

S. Nossa isso faz tanto tempo!

P. Aqui < olhando o jornal de 22 de junho 2000 > a recuperação custou R\$ 222 mil, com convênio do Governo Japonês que repassou 83 mil dólares para a obra. Então o restante foi a secretaria de cultura, era o Padre Cesar Garcia . (Então) vocês tiveram total apoio da secretaria...

S. Olha... eu acho que foi um trabalho em conjunto, porque depois que gente apresentou o projeto, houve ajuda da Secretaria para fazer o convênio, houve o pessoal da Secretaria de

Obras. A Embaixada e este pessoal da Secretaria de Obras que foi a Kátia... os arquitetos (que) foram fundamentais, porque sem eles não teria saído (assim) dentro das normas e como a gente não poderia estar mexendo no prédio porque ele é um prédio histórico.

Horiestes Gomes

O texto abaixo é o resultado de uma entrevista com **Horiestes Gomes**, 80 anos, geógrafo e historiador, pesquisador, professor da Pontífice Universidade Católica de Goiás (PUC), escritor, autor do livro "Reminiscência da Campininha" e morador cativo de Campinas. O encontro ocorreu, no dia **03 de fevereiro de 2013**, no auditório do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, centro.

P. Em fins da década de 30, início da década de 1940 como era a Praça Joaquim Lúcio?

H. Eu cheguei a Campinas em novembro de 1939, venho com a minha família de Igarapé, perto de Orlandia, São Paulo, fica às margens do Rio Grande. Meu pai veio com a família praticamente para fazer parte... já e estava aqui os Bariani, o patriarca, que era meu avô com dez filhos (então) faltava à chegada do meu pai e minha mãe e meus irmãos. (Aí) nós chegamos em 1939. Nessa época, eu estava com seis anos de idade, (então) eu era menino... mas recordo da Praça Joaquim Lúcio e o coreto, o segundo coreto que foi inaugurado em 1942 - o anterior é da época do Licardino que foi o intendente - o anterior praticamente é de 1936... 37 e depois... houve a substituição por esse projeto menor do segundo coreto que foi inaugurado em 1942, daquele arquiteto José Neddemeyer, o projeto é dele.

(Então) eu me recordo como menino e depois na sequência dos anos eu desenvolvi toda essa minha vida foi em Campinas. Estudei no Grupo Escolar Pedro Ludovico, minha vivência foi àquela vivência comunitária mesmo de Campinas com relação às famílias, amizades. A Campininha era pequena (né?) terminava na minha época onde começava ali a Mutirão, não existia a Avenida Mutirão, ia até a Avenida Ceará e a Mato Grosso – onde que está o começo da Vila Coimbra, depois você tem a sequência da avenida que foi construída, aí que vem a expansão da Vila Coimbra, Setor Bueno para o outro lado e Jardim América, isso em direção sul (né?); em direção norte, Campinas praticamente situada na parte mais alta da cidade, na zona norte: Vila Santa Helena, Vila Abajá, Vila Operária, depois vai sucedendo àquelas vilas a partir da Vila São José que é a mais antiga da região de Campinas, onde está a Igreja, a Praça. Então, nessa época, toda a Praça Joaquim Lúcio era o referencial da comunidade de Campinas. Campinas tinha três referenciais, (né?): o "Pólo da Igreja" é o tipo de colonização portuguesa, você sabe a igreja representando o poder espiritual depois tinha logo na sequência uma ligação que seria a Praça Joaquim Lúcio e nessa Praça que tinha ali a centralização do poder político, poder judiciário representado pela Cadeia, no caso o poder político representado pelo intendente e tinha a vida comunitária de Campinas, do ponto de vista do lazer, do descanso, do entretenimento que era feito na Praça < representando o segundo "Pólo" >.

Então, desde menino a gente freqüentava a praça, a partir de 1940... 41 já estavam freqüentando a Praça. O que é que a gente vê na Praça? Aquele processo normal de sempre, muito ativa nos finais de semana sábado e domingo e (aí) nós tínhamos a banda no Coreto, em que ela se apresentava. E ali fazia aquele *footing* (né?), em que as moças circulavam e os rapazes ficavam em volta desse meio-círculo e ficava ali toda a rapaziada, o pessoal de idade, os mais idosos, todos iam para a praça. Enfim... o que a gente tem na praça era aquela convergência da representação desse poder político mais representativo pela presença do Licardino Ney até ele deixar de ser prefeito que foi em 1937... 38.

P. Onde ficava a residência dele?

H. Na lateral direita da praça, mais ou menos um pouco pra cá onde está o Cartório do Prado, hoje Antônio Prado, filho dele. Do lado ficava o Hotel Campinas e (aí) você tinha um terreno vago < local do Hospital Santa Lúcia > onde havia várias apresentações até luta de Box eu assisti ali, que era um local onde se instalavam alguma coisa, depois você tinha a Cadeia (né?) naquela época, depois vai ser a Biblioteca Cora Coralina.

P. Essa Casa de Câmara e Cadeia... ela foi demolida ou reconstruída ou reformada?

H. Ela foi reformada (né?). Na verdade os prisioneiros ficavam na parte de cima, não na parte de baixo, não! Subia pela escada na lateral e ficava na parte de cima. Mas não havia possivelmente a presença de presos... a cidade era muito pacata, (né?).

P. A administração do intendente era feita lá <na casa dele>?

H. Era feita na casa dele! E ele tinha um armazém também, mas sortido. A intendência funcionava na própria casa dele, as decisões todas partia dali... era o pólo de convergência toda daquela comunidade, principalmente nos finais de semana. E depois tem o caso do Campo de Dragão de Atlético, que passou a ser outro "Pólo", mas só em época de treinos e jogos. O Atlético começa à criação em 1937, mas na verdade o campo vai se definir como início de campo em 1938, que já teve um pequeno campeonato, não havia Federação Goiana de Futebol. Com a criação... tem o primeiro campeonato que começa em 1942, o campeonato era Atlético x Goiânia- foi criado o Goiânia para ter um rival, um oponente. A história do Atlético apesar de ser criado em 1937, vai se firmando... a inauguração do campo se dá em 1947, de 1937 a 1947 é a fase de afirmação. Ganhou aquela área do Estado, do Antônio Acioly. Ele ganhou essa área para fazer uma espécie de Praça Esportiva, em prol do Esporte em Goiás. Isso é uma determinação que houve, do Pedro Ludovico Teixeira.

(Então) na Praça nós tínhamos aquela alegria, centralizava muito a população. Aquela população mais ordeira encontrava ali na Praça. Então, desde criança até os mais velhos, todos participavam da Praça, então você tinha a Praça da Igreja que era o poder espiritual; com as suas quermesses <festas realizadas pela paróquia> suas barraquinhas que pegavam

exatamente aquelas avenidas como a Rio Grande do Sul e pegava a própria Praça, a Matriz era invertida, a porta principal da Matriz dava para o Gustavo Ritter, depois que faz a inversão. A matriz de hoje, não tem nada haver com a Matriz de antigamente, (né?). Apenas, de certo modo, a localização (né?). (Então) nós tínhamos essa centralização de vida do Campineiro e do outro lado, junto à Praça você tinha o Cine Campinas, primeiro que depois vai ter um incêndio em 1937 e é reconstruído e poucos anos depois passa a ser Cine Tocantins onde hoje tem uma Igreja Universal e do outro lado o Palace Hotel.

O Palace Hotel ele foi realmente dentro da arquitetura... um marco dentro da história da pequena Campininha, pela beleza (né?), que representava realmente ele era e continua sendo, um prédio que cativava. Ele passou a ser um centro de referência do ponto de vista da política- os políticos chegavam até Goiânia para participar dos comícios- ali teve a presença de vários políticos importantes a partir dos nossos... locais, Iris Resende, Pedro Ludovico, Mauro Borges... nós tivemos a presença ali, eu lembro bem de Juscelino Kubitschek; Ademar de Barros... eu não recorro, apesar de que alguns falam, Bariani Ortêncio coloca Ademar de Barros... Vicente Celestino...eu assisti cantar no Cine Tocantins!

P. Que cor era o Hotel, na época?

H. Era uma cor ocre, para o lado de marrom, ocre amarronzado, mais claro um pouco. Lembro muito do Hotel que hoje é o <local> Hospital, o Campinas Hotel era muito bonito, mas o Palace Hotel era dominante. Teve uma época que ele foi alugado, teve um parente pro meu lado, um japonês, casado com uma prima primeira minha, que é irmã do Bariani Ortêncio- que é meu primo- chama Lucília, ele chama Toceo, eles são vivos o casal, ele alugou lá na década de 50 para 60, não foi pra frente não, ele não tinha esse lado administrativo e não conseguiu levar pra frente. Naquela época era muito comum, tinha os hotéis, as pensões para receber o povo de fora. Do lado do posto da praça, você tinha ali a farmácia do Ibraim, você tinha ali uma pensão da mãe do... um político. Do lado você tem ali um retângulo ou um quadrilátero- quanto ao formato da praça?

P. Um quadrilátero.

H. (Então) ela tinha uma ocupação bem representativa, esse pólo de comunicação, facilitou muito a vida das pessoas. As pessoas iam para a Matriz, para a Praça da Igreja ou iam para a Praça Joaquim Lúcio.

P. Era um local de ponto de ônibus?

H. A jardineira saía de lá da praça e tinha também alguns taxis, poucos, eu lembro o Felipe Alexandre era o proprietário de uma jardineira que fazia o trajeto Campinas-Goiânia.

P. O senhor fez alguma refeição no Palace Hotel?

H. Não. Não cheguei...

P. Chegou a entrar lá?

H. Entrei algumas vezes.

P. Como era?

H. Não tinha um acabamento... relativamente dentro daquela arquitetura portuguesa (né?), predominava aquele padrão mais simples. Tinha uma entrada, um pouquinho mais amplo e tinha uma recepção.

Maria Bárbara de Freitas

O texto abaixo é o resultado de uma entrevista com **Maria Bárbara de Freitas** (Dona Bitá), 87 anos, ex- funcionária da prefeitura, Campineira, me recebeu carinhosamente com um pão de queijo quentinho, à moda goiana, feito por ela mesma. A breve conversa aconteceu na manhã do dia **28 de fevereiro de 2013**, em sua residência em Campinas.

P. Dona Bitá qual é a história do Palace Hotel de Campinas?

B.O Hotel era do Licardino, então ele arrumou para seu Hotel- que se chamava Novo Hotel-... mandou buscar o João Manuel. João Manuel, ele e a esposa dele - Madalena Reis- eram muito simpáticos e ela veio e tomou conta do hotel, cozinhava muito bem, eram residentes em Trindade. O apelido dela era Neném era bonita, eu tenho fotografia dela. (Aí) <depois> passou para o Arthur Magalhães, era um senhor de idade, ele tinha uma loja, ele era casado com uma senhora de Trindade, ele era do norte de Goiás. Ele e a esposa tocaram o Hotel. O nome dela era Neném Maria também ela de tradicional família trindadense... e a do João Manoel era Neném também. Nesse momento, ficou conhecido como Hotel Magalhães.

(Aí) veio um irmão do Raul Naves e a mulher dele era Duarte, então o Raul comprou o prédio e deu para o cunhado que era Duarte... (então) ele tocou o Hotel Duarte. (Aí) depois o Raul derrubou e construiu o Palace Hotel. Na mesma época o Licardino tinha do outro lado de cá- que era a casa do meu avô materno, João Clemente de Abreu, sobrinho do Americano do Brasil - ele derrubou e fez o Campinas Hotel, na mesma Praça. Depois disso, o Raul vendeu o hotel para um sírio, eu não sei o nome dele, mas a mulher dele é a Dona Rosa, ela tem duas filhas que moram em Goiânia, uma é casada com um sírio e a outra não. São bem casadas, bonitas e então venderam para Dona Rosa. O marido dela foi passear lá no Líbano, lá ele morreu, e ela ficou viúva com as duas filhas, tomando conta do Hotel. (Aí) ela alugou... era tio do Jorge Abrão... um sírio que era locutor da Rádio Difusora... o Jorge era

sobrinho dessa senhora. Depois eles venderam para a prefeitura e da prefeitura passou a ser Biblioteca Cora Coralina.

Istelina Mariani

O texto abaixo é o resultado do depoimento de **Istelina Mariani**, *in memoriam* esposa de Guerino Mariani, para a entrevistadora a Arquivista Maria Terezinha Campos Santana, para o Projeto do Levantamento da Memória do Hotel Dom Bosco. A entrevista se realizou em **julho de 1993**. Após um mês de procura consegui localizar o contato com pesquisadora que me repassou as três entrevistas em fita cassete, que foram transferidas para DVD e depois transcritas.

P. Istelina, nome completo da senhora?

I. Istelina Silva Mariani.

P. Aonde a senhora nasceu?

I. Em Trindade.

P. E quando foi?

I. Em 14 de agosto de 1920.

P. Estado Civil da senhora?

I. Viúva.

P. Com quem a senhora foi casada?

I. Com Guerino Luiz Mariani.

P. E quando a senhora se casou?

I. Foi em cinco de maio de 1946.

P. Qual era a atividade profissional do marido da senhora?

I. Era um industrial.

P. E ele era de onde?

I. Jardinópolis, São Paulo.

P. E quando ele veio para Goiânia? A senhora tem mais ou menos uma idéia? Foi em 1933 a inauguração de Goiânia.

I. 1944, em Goiânia.

P. E ele fazia o quê, na época?

I. Comerciante e industrial. Tinha uma cerâmica e tinha um comércio, depósito de cerveja,

que ele trabalhava.

P. Aonde?

I. Aqui em Goiânia ele vendeu esse comércio e foi dedicar exclusivamente à cerâmica. Era solteiro quando nós nos conhecemos, ele já havia comprado e ele precisava se casar para ele tomar conta (né?) da indústria e solteiro ele não tinha condição. O sócio dele que era Anísio de Sousa que veio de Minas, Zona da Mata. Ele veio com a família e ficava tomando conta dos negócios e ele ficava na indústria. Isso foi quando nós nos casamos, já lembro em 1945.

P. E essa indústria era aonde?

I. Em Nerópolis, cerâmica de telhas.

P. E quando a senhora se casou, a senhora foi morar aonde?

I. Lá na cerâmica.

P. E depois?

I. Depois de seis meses, depois de tudo organizado, (aí) então mudamos para Goiânia.

P. Para qual local?

I. Para a rua 04 (quatro).

P. Como surgiu essa idéia de construir um hotel?

I. Pelos estudos... o que nós notamos é que primeiro lá era um sobrado...

P. A senhora se lembra de quem teve a idéia de construir a partir do próprio sobrado existente?

I. Seu Guerino mesmo. Porque não ficava bem se ficasse desmembrado, sendo o sobrado e o hotel no mesmo terreno.

P. Ele quando estava construindo... ele teve a ideia de tomar conta do hotel?

I. Não, ele nunca teve esse interesse por isso eu não incentivei porque nossos filhos estavam pequenos.

P. Quantos filhos a senhora têm?

I. Quatro. Três homens e uma mulher. Não seria bom ambiente para os filhos... então eu não incentivei. Eu achei melhor que ele alugasse e quando os filhos estivessem maiores (aí) sim... (então) podia retomar o prédio. Para nós seria difícil morar, educar as crianças convivendo com pessoas estranhas. Eu não ia sentir bem se nós mesmos tomássemos conta, por esse motivo.

P. A senhora, por acaso, se lembra da construção dele, do hotel?

I. Me lembro sim. Primeiramente ele fez a parte térrea, que é a parte comercial, ele fez a laje e ficou em torno de dois anos parado sem construir o resto porque ele o Guerino, não gostava de dívidas, então ele ficou parado esperando que ele tivesse parado esperando que

ele tivesse... para ele terminar de construir dois pavimentos. Como vivíamos de aluguel, então surgiu esse negócio de comprar aquele lote (né?), na época foi um grande negócio que veio nas mãos dele e porque uma área grande de esquina e ele ficou muito contente com aquilo que apareceu que ele comprasse. Ele, então primeiro ele falou que tiraria doze metros do terreno e construiria uma residência para nós... como ele fez. Ele fez um sobrado e depois de três, quatro anos por aí então veio a idéia de construir um prédio que seria um hotel porque não havia em Goiânia (né?), estava com falta de hotel em Goiânia.

P. Isso em que ano?

I. Isso em torno de 1951, mais ou menos.

P. Ele construiu um sobrado e do sobrado...

I. O sobrado ele construiu em 1947.

P. Então, nos primeiros anos era só um sobrado no terreno vago...

I. E depois de três, quatro anos (aí) ele construiu o prédio, que aqui emendou... a residência com o prédio do hotel.

P. No caso que nos nossos estudos o Grande Hotel foi um engenheiro de fora que veio e construiu o hotel e o Hotel Dom Bosco? A senhora lembra... por acaso se foi um engenheiro de fora, quem empreitou?

I. O construtor... ele fez uma empreita para o construtor, aqui de Goiânia mesmo.

P. A senhora tem notícia de alguma planta da construção?

I. Tenho, tem a planta.

P. Esta com a senhora?

I. Sim, está guardada.

P. Então, depois de dois anos ele terminou o resto da construção... e foi finalizada em <ano>?

I. Em torno de 1953. Ele entrou em 1953. Meu filho nasceu em 1950... estava iniciando < a construção> e quando ele estava com três anos ele < o Hotel> estava pronto...deve ser em torno de 1953...

P. Como é que o hotel foi parar nas mãos do seu Rubens?

I. Não foi propriamente ele, foi o pai dele. Ele estava incorporado à família como gerente. Os contratos todos eram no nome do pai.

P. Qual era o nome do pai?

I. Sr Rubens.

P. Naquela época seu Guerino colocou algum anúncio sobre o hotel para alugar?

I. Não, porque naquela época todo mundo conhecia... ele era muito amigo do seu... ele disse

que tinha um parente dele que veio do interior e queria alugar o hotel.

P. E na inauguração do hotel, saiu nos jornais?

I. Eu me lembro de só que nós fomos convidados para o jantar como inauguração.

P. E depois que o hotel foi arrendado?

I. Mudamos para a Avenida Tocantins, casa alugada. Ele achava mais vantagem morar em casa alugada. Embora, eu não apoiava, mas... ele gostava. Ele disse que quando a gente enjoava de uma casa tinha a oportunidade de ir embora. E de lá fomos para a Rua 5 com a 20, depois da 5, fomos morar na 96 atrás do centro administrativo e da 96 nós fomos para São Paulo e ficamos quatro anos em São Paulo e de São Paulo viemos para Brasília e de Brasília saiu à demanda...

P. Demanda do hotel?

I. Porque eles pagavam o valor... no fim eles moravam lá, pagavam só a parte do sobrado que era a residência deles e o hotel ficava de graça.

P. Saiu em dezembro de 1978. E depois quem assumiu?

I. Foi meu filho.

P. Qual era o nome dele?

I. Ronaldo Luis Mariani.

P. Ele é o mais velho?

I. É o terceiro.

P. E ele conservou os mesmos empregados que tinham naquele ambiente?

I. Conservou. Tem um que está lá até hoje.

P. Qual é o nome dele?

I. Valdeci.

P. E nessa época o hotel servia refeições?

I. Servia. Incluía na diária as duas refeições: café da manhã, almoço e jantar. Na época...

Quando nós retomamos a direção, quando seu Rubens entregou, não servíamos mais... a refeição era café da manhã incluso na diária.

P. Depois que a senhora retornou as refeições?

I. Continua só o café da manhã, o restante... particular. Se fosse particular as refeições eram opcionais.

P. A senhora fez algum tipo de reforma?

I. Nos primeiros tempos que a senhora assumiu... o que é que aconteceu lá em 1975... 76, mais ou menos?

I. Desde que entramos, foram reformas. Porque o prédio estava todo defasado precisando de pintura... os esgotos estavam todos dando vazamento, canos estourados. Muita...muita dificuldade. Por causa desse prédio até abateu cinco centímetros dos vazamentos de esgoto. Fomos mexer com os esgotos depois fomos mexer com a portaria, depois reformar a parte que era residência... transformar em apartamentos para aumentar, reformar a piscina.

P. Isso aí é na década de 1970?

I. É sabe que reforma é mais demorado que a construção. Tinha área descoberta dando vazamento, precisando de cobertura. E depois na década de 1990 a início de 1992... foi à reforma do 1º e 2º andar, a metade (né?), reformamos quarto apartamentos.

P. Mantiveram os mesmos móveis?

I. Alguns. Nos apartamentos aproveitamos os guarda-roupas, as portas, trocamos os guarda-roupas embutidos... é só.

P.A senhora se lembra da cor que era o hotel da parte externa e interna, como foi construído? A senhora se lembra?

I. Olha de quatro em quatro anos se pinta,(né?). E ali põe o ocre clarinho, coloca amarelo, amarelinho...no início à pintura foi branca, parte interna e externa. E depois, foi mudando, (né?).

P.E o seu Guerino ficou a frente do hotel com a senhora até que ano?

I. Em torno de 1983.

P.E a senhora assumiu com sua filha?

I. Eu assumi com a minha filha, um gerente e...

P. Qual o nome da filha?

I. Ida Mariani.

P.E o gerente?

I. Valdir de Moura.

P.E os três ficaram na gerência até...

I. Até o ano passado.

P. Quer dizer que até 1992, início de 1992.

I. Isso, até 1992.

P. Depois o Leandro assumiu...

I. Sim, ele assumiu a direção.

P. Seu Guerino faleceu quando?

I. Ele faleceu em 23 de novembro de 1984.< mudando de assunto> O café da manhã era

muito... os fregueses disputavam muito a nossa coalhada, era famosa.

P. E quem preparava essa coalhada?

I. As moças que serviam o café da manhã.

P. Tinha algum segredo?

I. Não.

P. Até hoje ainda tem?

I. Sim. Mas não é tão gostosa quanto no passado. Sabe o que é? No passado não havia leite pasteurizado. Então aquela coalhada no leite "in nativa" dava uma coalhada suculenta...

P. Quem eram os hóspedes do hotel?

I. Famílias tradicionais do interior de Goiás, naquele tempo era um hotel familiar, que nós conservamos até hoje esse nome de hotel familiar e também... os viajantes, que preferiam o nosso hotel por causa da maneira de tratar-nos- como diziam eles. Eles sentiam como se estivessem na sua própria casa. Eles preferiam porque era um hotel central e se sentiam como se estivessem em casa, então... mantia aquela freguesia estável... o hotel, sempre normal à ocupação. Em face que nos outros hotéis faziam aquela propaganda pra eles estarem sempre lotados e o Hotel Dom Bosco nunca precisou de propaganda.

P. A senhora se lembra de alguma família que tenha hospedado lá, de onde vinham? De qual interior?

I. Me recordo de uma que vinha de Palmeiras, não me recordo o nome da família, faz tempo... Morrinhos... tinha muita freguesia no Hotel Dom Bosco... Rio Verde... tinha uma freguesia enorme de famílias... Jataí. Essa cidade mais distantes. As mais perto como Anápolis...

P. Com relação ao quadro de funcionários, existe um uniforme específico?

I. Quando tomamos a direção do hotel a primeira coisa foi uniformizá-los, os funcionários para haver distinção... como o hóspede ia saber se era funcionário, poderia pensar que era uma pessoa da casa.

P. Tinha alguma cor o uniforme?

I. Para os homens era o jaleco azul piscine, as mulheres o amarelo bem clarinho. Depois houve mudança na cor. Mas os homens mantiveram a mesma cor e as mulheres já usaram branco, azul com aventalzinho branco, verde azeitona com enfeitinhos (né?) claros, então já houve mudanças para as camareiras.

P. Era só seu Guerino e a senhora, não tinha outros parentes?

I. Só o Guerino, o gerente e funcionários. Depois que o meu marido morreu, (aí) veio a minha filha assumir a direção... eu estava muito... com a morte dele, sabe a *gente* ficou abatida, cansada, esgotada, então ela... veio tomar a direção. E os funcionários continuaram os

mesmos antigos. E depois, esse gerente que saiu o ano passado, que agora em outubro vai completar um ano (aí), veio a minha irmã.

P. Qual o nome dela?

I. Hélia.

P. Ela trabalha no hotel?

I. Governanta, gerente, sabe?

P. Por quê o Leandro?

I. Os filhos não, porque cada um tinha seu trabalho, não poderia assumir duas coisas ao mesmo tempo. E o Leandro como estudante, ele poderia estudar e tomar a gerência, como neto. Seria uma experiência para ele, um incentivo se ele continuar...

P. Ele é filho de quem? O Leandro.

I. Ele é filho da Ida, que assumiu o hotel quando o pai morreu.

P. Ela assumiu o hotel quando o pai morreu. É uma coisa de pai pra filho mesmo, (né)?

Quando seu Guerino construiu o hotel ele tinha algum nome que ele queria dar ao hotel ou ele deixou por conta da pessoa?

I. Ele deixou por conta da pessoa que alugou o hotel. A pessoa que colocou esse nome e continuou por causa da razão social, da firma. E também como já era um hotel muito conhecido pelo nome, se mudasse o nome...

P. Com relação aos móveis, mobiliários, luminárias foram trocadas não tem mais nenhuma lá, os móveis tem alguma coisa? A senhora se lembra da original <luminária> que tinha aquele... não é um bocal... aquele trabalho no teto?

I. No hotel não tinha. Aquele trabalho no teto só tinha no prédio do sobrado que foi construído antes. No hotel não havia...

P. E as luminárias?

I. Era globo comum.

P. Mesmo no sobrado?

I. No sobrado tinha na sala o pendente com muitas lâmpadas-esse estilo mais ou menos-candelabro e também tinham do lado... arandelas dos lados, na sala de jantar, na sala de visitas, depois no hall de entrada, no hall entre as duas salas também, antes da escada...

P. Era como um candelabro, o lustre?

I. Era também. Depois na sala de jantar, a porta também... depois a gente desmanchou também e fizemos dois apartamentos que hoje é o escritório do Leandro (né?), e a parte da cozinha, cozinha nova, desmanchei a cozinha e a copa e fiz dois apartamentos.

P. É onde é a sala do Leandro e a sala do café da manhã.

I. Não, era a sala de jantar. É a ligação do escritório com a cozinha nova... onde era a sala de chá era a sala de jantar com um quartinho que depois passou a ser um escritório, tirou o quarto e emendou com essa... ficou um... porta onde era a sala de televisão.

Depois a conta de luz foi aumentando tivemos que trocar toda a iluminação.

P. Esse trabalho foi feito aqui em Goiânia?

I. Esse trabalho de trocar a iluminação?

P. Não esse trabalho do teto de gesso.

I. Ah sim. Eu sei que tudo desse sobrado veio de São Paulo, naquele tempo não tinha mão de obra em Goiânia. Vinha tudo de lá sabe... torneiras, vitrôs, a porta de entrada era muito trabalhada, era de ferro e madeira feito no Paraná, era uma porta pesada, muito bonita.

P. O que foi feito dessa porta?

I. Tirou quando reformou para incorporar o hotel e foi colocada numa garagem do meu irmão lá no Setor Aeroporto, veio do Paraná, e de lá ninguém sabe.

P. Era de madeira?

I. Naquele tempo o povo tinha mais capricho com acabamento. Eu gostava muito do estilo barroco. Mas, hoje não pode ter mais esse estilo porque vai muito dinheiro (né?) naquele tempo era barato, vai uma porta daquela hoje comprar, que dinheiro só em madeira o quanto que não dá toda almofadada... é uma porta pesada.

P. Quanto a utilização do hotel, comemorações, eventos, ele prestava esse tipo de serviço?

I. Na época do seu Rubens, houve alguma comemoração, alguma festa. Mas... na nossa época, não. Só um jantar, almoço para família na época do Natal e convidavam alguns hóspedes que moravam no hotel - tomavam parte como uma família - única festividade que nós comemorávamos desde que assumimos a direção do hotel. Era que todo ano fazíamos o Natal, uma festa a altura deles. Uma festa que eles têm inteira liberdade. Procurando fazer um programa bem alegre, festivo para eles. Eles gostavam muito. É uma das razões que seguram muito eles, os funcionários do hotel... é lembrar dessa festa de Natal <sorrisos>. Além do que eles recebem como brindes (né?) como gratificação pelo que eles recebem o ano todo... esforçaram, pelo ano todo de trabalho que sem eles não tem razão de ser. Todo aquele trabalho, aquele serviço, (então) a gente fica muito gratificada. (Então), a gente dá os brindes como merecem e uma festa bem a altura.

P. O hotel tem alguma cor específica, motivo de cartões... papel... cartão... logotipo, existe algum papel da época?

I. Tinha um logotipo com um coração e um prédio no meio, uma figura pequena, miniatura do prédio.

P. Isso quando a senhora assumiu?

I. Tinha um cartãozinho com esse logotipo ,parece que era azul.

P. A senhora tem algum?

I. Aqui não sei. Dá mui trabalho para achar.

P. Lá no hotel deve ter.

I. Sempre tinha um cartãozinho lá para quem quisesse pegar.

P. Os documentos originais do hotel estão lá?

I. Escritura tem; habite-se, que eles dão.

P.E as fotos externas e internas tem? E do sobrado? É porque futuramente vamos precisar para fazer reproduções.

I.O Leandro já separou. Nós morávamos fora essa época. Mas, também não tinha razão de estar visitando.

P. Sobre seu Guerino... ele assumiu outra atividade?

I. Não. Há muito tempo ele já havia deixado de exercer qualquer função, ele já tinha trabalhado muito e agora ele queria descansar. Não queria preocupar com mais nada. E surgiu o hotel, para ele foi muito bom, ele se distraiu bastante... ninguém pode ficar sem uma ocupação.

P.A senhora sabe do nome de algum hóspede que mesmo depois da saída de Rubens, continuou no hotel?

I. Que eu me lembre, até pouco tempo tinha um de Palmeiras que todo mês ficava uma semana, dez dias, tratando de negócios... morreu.

P.O nome do engenheiro?

I. Ele era construtor. Não me lembro do nome.

P. E o contador do hotel?

I. Não me lembro.

Rubens França

O texto abaixo é o resultado do depoimento de **Rubens França**, *in memoriam*, filho de Aginaldo França, que arrendou o Hotel Dom Bosco do proprietário Guerino Mariani, aos 71 anos na época, para a entrevistadora a Arquivista Maria Terezinha Campos Santana, para o Levantamento da Memória do Hotel Dom Bosco. A entrevista se realizou em **junho de 1993**.

P.O Grande Hotel foi o pioneiro, o primeiro hotel de Goiânia, o segundo foi o Marmo Hotel. O senhor se lembra em que ano foi isso do Marmo Hotel?

R. Não, eu não tenho (assim) muita certeza, não. Porque a primeira vez que eu vim para Goiânia foi em 1940, Goiânia tinha sete anos. Então, a Avenida Anhanguera, por exemplo, tinha doze prédios e um deles era o Marmo Hotel, quer dizer que quando eu vim para aqui já existia o Marmo Hotel. Então, eu não tenho uma idéia (assim) da época da construção dele, mas foi logo depois do Grande Hotel.

P. Nome completo?

R. Rubens França.

P. Endereço.

R. Rua 59 A, nº928, Setor Aeroporto.

P. Local e ano de nascimento?

R. Orizona, em 1922.

P. Estado Civil do senhor?

R. Casado.

P. Quantos filhos?

R. Quatro.

P. Como o senhor disse anteriormente, em 1940 o senhor veio aqui para Goiânia. O que o senhor veio fazer aqui?

R. Vim fazer o "Tiro de Guerra" da capital.

P. Certo. E o senhor veio com a família?

R. Não, era moço, jovem, tinha meus dezessete anos nessa época. (Então) eu vim e fui residir com uma tia e o marido dela, era um dos empresários sócios da empresa de força e luz de Goiânia. Fui trabalhar no Café Central, ali que eu morava, lá em cima. EU trabalhava na empresa e à noite eu fazia o "Tiro de Guerra".

P. Isso em 1940?

R. Eu fiquei em Goiânia em 1940... 41... 42 e 43. Saí em 1944.

P. Para onde?

R. Para o Rio de Janeiro, um ano e meio.

P. E depois?

R. Depois eu voltei para a minha terra Orizona, lá eu comprei um cartório e fui tabelião seis anos. Depois eu me casei, mudei para Inhumas onde fiquei... foi em 49,50. Em 1951 fui nomeado Fiscal de Renda do Estado. Então, eu fiquei seis anos. Deixei para assumir o Hotel Dom Bosco. Meu pai mudou para Goiânia em 1955 e ficou um ano, sem fazer nada. E foi na época de construção do prédio lá do Dom Bosco. Ele candidatou-se em um dos interessados

em locar o prédio do hotel. Parece-me que o Guerino naquela época, tinha um pretendente que ele já era inquilino dele lá do Hotel Itajubá: seu Jorge Machado. Mas o Jorge achou o aluguel caro, então ele desistiu. Meu pai ficou como primeiro candidato. E deu certo! Nesse tempo eu morava em Pires do Rio. Ele foi lá, a minha procura e falou: “eu estou com um negócio aí com o senhor Guerino Luis Mariani sobre o hotel e para que eu possa assumir essa responsabilidade eu preciso de você.” Então, eu era Fiscal de Renda... lá em Pires do Rio e não podia dizer não para o meu pai. O único filho homem era eu. (Então)... *poxa* eu vou deixar a minha carreira para ser uma coisa que eu nunca pensei: ser hoteleiro. Eu não podia falar não para meu pai, ele estava muito interessado e acabei concordando com ele: “Se o senhor necessita do meu trabalho e da minha companhia... o senhor pode contar”.

P. Qual era o nome do seu pai?

R. Aguinaldo França.

P. Em que ano foi isso?

R. Que ele me procurou? Foi no final de 1955. O hotel estava em construção. (Aí), o hotel ficou para ser entregue no mês de abril ou maio, mas isso não aconteceu. Então já fui procurando... vim à Goiânia fazer uma visita à construção lá pra ver, estudar aquilo, saber o que era necessário para montar o hotel.

P. O senhor sabe quem construiu o hotel?

R. Construtor, senhor de idade. Morava na Fama <Bairro> não me lembro do nome dele. Pois é... continuando, vim até a construção, verifiquei o número de quartos que tinha. Naquele tempo o Guerino só fez um apartamento muito grande, um só, o restante era tudo quarto. Então um banheiro coletivo... e eu vim examinar aquilo para saber tudo que era necessário para fazer a montagem do hotel, tomei nota daquilo tudo direitinho e no fim do ano, fomos para Belo Horizonte, eu e meu pai e lá fizemos a compra todinha da montagem do hotel.

P. Eram quantos quartos mais ou menos?

R. Eram cinquenta quartos e um apartamento. Hoje ele tem... quando deixei... deixei com dois apartamentos. Tinha muito banheiro e havia condição de aproveitar um quarto grande com um banheiro então eu abri uma porta e fiz um quarto com um banheiro, assim que deixei o hotel.

P. Foi para Belo Horizonte...

R. Lá nós fizemos uma compra de tudo: rouparia, talheres, móveis, tudo.

P. Quando?

R. Em agosto de 1956...

P. O senhor lembra o dia?

R. Meados do mês. Exatamente o dia, não me lembro. Foi uma inauguração simples, a gente

era muito bem relacionada, na época. (Então), eu já tinha as pessoas que desejavam morar no hotel e aquilo facilitou muito. Foi só abrir o hotel eu já... não tive problema. Uma coisa que me animou muito foi a construção de Brasília, foi na mesma época. Então, Goiânia foi um sustentáculo para a construção de Brasília, e isso nos ajudou muito então o hotel não teve problema; no primeiro mês ele ficou lotado. E nós não tivemos esse problema. E tivemos o cuidado de manter um nível muito bom de hóspedes, eu tinha até pouco viajante nessa época. Viajante era um problema. Os hóspedes que freqüentavam o hotel eram mais do Estado, das cidades do interior. Isso me facilitava manter um ambiente muito bom, de muita moral. Muito familiar, eu tive muito cuidado com isso! Um estabelecimento como um hotel, apesar de que mesmo assim, sempre tem um probleminha, muito pouco, mas teve. Essa foi a nossa história e lá ficamos 17 anos.

P. De 1956 a 1973?

R. Foi de agosto de 1956 a dezembro de 1973.

P. Nesse dia que foi inaugurado, teve alguma cerimônia?

R. Não. Não teve solenidade nenhuma.

P. Só abriram as portas.

R. A gente nessa época já estava um pouco sacrificado com a montagem do hotel. Agente deixou de fazer solenidade, qualquer comemoração.

P. E empregados que serviam o hotel?

R. Eram mais ou menos vinte e dois empregados. O que a gente dava de refeição nesse tempo! (Então)... nós os primeiros quatro anos, nós demos refeições. Não lembro se a gente deu mais que quatro anos. Depois a despesa veio aumentando muito. Na reforma do contrato já teve um aluguel mais caro, compreendeu? A despesa era muita, (então) a gente resolveu ficar só com o café da manhã e o pernoite e assim nós ficamos até terminar.

P. O senhor Guerino alugou para o senhor e para o pai do senhor e nunca mais tomou conhecimento, não participou?

R. O Guerino foi um sujeito muito bom, ele era um ótimo senhorio, um ótimo proprietário. E no final... é que nós tivemos, nos dois ou três últimos anos, nós não dávamos conta mais de pagar um aluguel mais caro como ele queria. (Então) ele pediu para que a gente entregasse o prédio.

- Não tenha dúvida, oh Guerino, a gente pode entregar o prédio pro senhor porque não vai dar para pagar o preço que o senhor quer, mas... o senhor vai ter que ficar com esses móveis, tocar o hotel.

- Não, vocês vão ter que tirar tudo, entregar!

O senhor Guerino era uma pessoa muito boa mas ele tinha... não sei... se alguém orientava

ele ou qualquer coisa. No fundo ele era ótima pessoa.

(Então) ele não quis ficar com o hotel?

(Então) eu falei você vai ter que esperar, porque eu não posso jogar no meio da rua.

-Tem que ser já!

-Não você vai ter que esperar.

-Então, eu vou requerer o despejo.

-Bom, (aí) é como o senhor quiser. Eu não tenho condição!

E ele realmente o que ele falou, ele fez. Naquele tempo a lei do inquilinato dizia para a pessoa requerer a retomada do imóvel... ela tem que dizer para quê?

- É para uma coisa de muita utilidade, ele disse que era para uma escola...

(Então) na época ele ia ficar com o hotel, ele teria que reformar para uma escola. Ele não ia fazer aquilo, ele não tinha como, ele ficou apertado, (aí) ele resolveu comprar os móveis. Quer dizer, uma coisa que poderia ter sido evitada, se no começo ele tivesse ficado com os móveis, tinha evitado... acabou ele ficando com os móveis inclusive com o nome do hotel, nós entregamos tudo para ele. "Pode ficar, é seu!"

P. De onde vem esse nome, Dom Bosco?

R. Esse nome... é interessante o seguinte: a minha irmã mais velha, do meu pai somos quatro filhos, três mulheres e eu um homem. A mais velha chamava-se Estela e ela era muito religiosa, estudava no Colégio em Silvânia, de freira, interna. (Então) numa ocasião nas férias, ela trouxe para o meu pai um santinho de nome Dom Bosco.

-“Olha meu pai, esse santinho é que vai ser o seu protetor”.

E quando nós resolvemos entrar no comércio- porque meu pai era fazendeiro, de roça - ele lembrou, ele tinha o santinho que ela deu, na carteira.

- (Então) < disse o pai > “eu quero que este hotel tenha o nome de Dom Bosco”!

E nós ganhamos da Cúria Metropolitana um quadro muito bonito de Dom Bosco, ele estava na casa da minha mãe. E ele ficava dentro do hotel. Eu tive a felicidade de conhecer a cidade onde Dom Bosco nasceu, a igreja em que ele foi padre, o colégio em que ele dirigiu, o quarto em que dormiu, eu tive... em Turim, na Itália.

P. Durante esse período que o senhor *tomou conta* do hotel aconteceu alguma mudança física dentro do hotel?

R. Não, só aconteceu (assim) essa pequena transformação de um quarto para quarto e banheiro.

P. Mas nada que descaracterizasse a arquitetura do prédio...

R. Não. Ele continuou, mas... eu nunca mais voltei. Parece-me que eles fizeram uma

reforma na portaria, melhorou um pouquinho aquilo ali. Se tem alguma coisa, não é do meu conhecimento.

P. O senhor tem fotos do hotel que mostra à época?

R. Eu não tenho certeza. Teria que verificar aí nas fotos dos álbuns para saber se tem. Eu acredito que possa encontrar por fora.

P. Mesmo internas...

R. Não internas, eu não me lembro, que a gente tem alguma coisa. Mas... por fora a gente tinha. Mesmo assim, eu tenho que procurar.

P. Histórias e acontecimentos durante esse período no hotel, alguma comemoração, algum aniversário?

R. Não, não houve. Meu hotel foi um hotel casamenteiro, não só entre hóspedes como entre funcionários do hotel. São as coisas que aconteceram. Naquele tempo não era difícil encontrar bons empregados, naquele tempo era fácil. (Então) ali garçom casava com garçonete. Os hóspedes também... uns ficavam conhecendo os outros e houve casamentos.

P. O senhor se lembra de algum personagem ilustre que passou pelo hotel?

R. Eduardo Gomes, o Brigadeiro, foi meu hóspede.

P. Que ano?

R. Não posso dizer para você. Foi por pouco prazo, mas por três vezes mais ou menos. Ele era muito religioso. O Hotel além de ter nome de santo, ficava perto da Igreja Sagrado Coração de Maria, ele ia à missa todos os dias. E também na construção de Brasília, eu tive várias pessoas importantes da NOVACAP, que hospedavam comigo. Lembro-me de um senhor que era representante direto do Israel Pinheiro, Hélio Moreira, se não me engano.

P. O Guerino foi um pioneiro de Goiânia quando ele veio para cá. O senhor sabe o que ele tinha em mente quando ele construiu o prédio?

R. Pelo que sei quando eu visitava Goiânia, aquela parte de baixo do hotel, a parte comercial, já tinha e ainda tinha o sobrado onde ela morava, quando ele construiu o hotel ele construiu de maneira a conservar o sobrado.

P. O sobrado ficava na esquina, na rua 04?

R. Não ele não ficava na esquina, ficava na Avenida Araguaia, ali mais ou menos aonde tinha aquela loja cristal... a loja que ficou na frente porque ele era afastado, ele fez a construção na frente aproveitando onde era a sala de visita, a sala de estar embaixo fazia parte do sobrado. Tinha outra parte lá também da copa fazia parte do sobrado, tinha um barracãozinho do fundo que não era do sobrado, mas fazia parte da construção do lote. Depois, então, é que ele subiu o prédio, fazendo o hotel. Ele fez a planta.

P. Ele nunca teve a intenção de administrar o hotel?

R. No começo não (né?), mas depois só poderia ser a família... veio uma inflação muito violenta e as despesas ficou insuportável só o proprietário teria condições.

P. Foi um empreendimento que ele fez aquela construção, e entregou para alguém administrar.

R. Ele tinha uns meninos, eram pequenos, na época não tinha condições, depois é que cresceram e puderam ajudar naturalmente. Depois que a gente saiu, eles continuaram.

P. Mais algum hóspede, aqui em Goiânia mesmo que moraram, mas que estão vivos?

R. Dr Eduardo Freitas era professor da universidade, ele e a senhora dele foram meus hóspedes muito tempo. Ele era baiano e um dos donos do Marmo Hotel era irmão dele. Então, ele ficava com a gente... um médico muito inteligente. Os meus hóspedes eram todos de muita personalidade. Esses que moravam no hotel fizeram meu ambiente familiar.

P. O senhor tem algum objeto, algum móvel do hotel que lembra à construção do hotel?

R. Não. O que tinha do hotel ficou e da construção eu só lembro-me dela já quase no final porque foi quando meu pai foi a minha procura é que eu vim conhecer o prédio onde seria o hotel.

P. Quando o senhor arrendou o hotel, em torno dele como era? Lá na Avenida Araguaia tinham muitas casas construídas?

R. Tinha tudo construído. Não tinha nenhum lote vago ali.

P. Aquele quarteirão estava todo construído?

R. Tudo tinha uma construção, o quarteirão todinho.

P. Mesmo para baixo...

R. Embaixo, ali... hoje tem um *apart* hotel, por exemplo, que era de um senhor Benedito Gonçalves, um ricoço que tinha ali, ainda tem a família dele que mora aqui. Ele tinha aquela esquina... de cá, era o Pedro Rosa, também um nome tradicional de família tradicional em Goiânia... e do outro lado era o Hotel Augustus Hotel, tinha uma construção iniciada ali e era um comércio, era a Casa do Barata, era ali.

P. E tinha mais casas abaixo na Araguaia, até na Igreja...

R. Tudo ali tinha construção até lá, tudo era construído. O lote que não tinha uma construção na frente, tinha um barracão no fundo. E assim diante.

P. O senhor lembra nessa época, a cor externa do hotel quando foi inaugurado?

R. É a mesma, a mesma que esta lá hoje, não tem diferença. Até a setazinha luminosa que nós colocamos que tinha lá... eu não via mais a seta que eles mudaram- mas eu observei... ela está um pouco acima, mas ela está lá. Achei até interessante, podia ter tirado uma coisa obsoleta, eles conservaram.

P. O senhor se lembra na entrada do hotel... tem um hall, do lado esquerdo tem uma sala. Eu

não sei bem o que era ali... tinha um lustre com o pé dele em chumbo, é o único que ainda tem?

R. Eu não me lembro.

P. Quando o senhor foi a Belo Horizonte, o Senhor por acaso se lembra do nome da loja?

R. Quando eu fui a Belo Horizonte, eu levei preparada a relação de todos os móveis com sua quantidade tudo direitinho. Eu tive tempo para organizar isso. Quando eu vim conhecer aqui, o estabelecimento, eu já anotei tudo. Em pires do Rio eu tinha tempo...quando eu fui a B.H. eu procurei as marcenarias, as firmas de fabricação de móveis e eu distribui aqui fazendo uma pesquisa de preço, então casualmente passando por um lugar onde eu não entreguei aquela relação... eu passo numa marcenaria, que era um galpão muito grande e eu vi os móveis que são esses móveis < do hotel >. Era um português que era proprietário, ele veio até aqui na época de entregar os móveis. Então, eu gostei dos móveis. Eu estava com meu pai e eu falei:

-Oh meu pai, olha aqui...

Entramos e conversamos, ele falou:

_ Eu já tenho um hotel montado aqui, os móveis podem não ser os móveis que o senhor vai querer, mas eu já tenho.

Então ele me levou no São Miguel Hotel e eu vi os móveis, gostei e acabei nem procurando os preços dos que tinha distribuído e fiquei com esse. Escolhi os móveis mais simples, mais fáceis de limpar e fiz o negócio com ele. Então os móveis vieram quase todos desmontados, já preparados... foram quase todos montados no hotel. Eu tenho móvel aqui de lá. Minha mãe tem, muita gente nossa tinha... guarda-roupa...

P. São todos iguais?

R. São todos iguais. A história do Dom Bosco Hotel é muito simples, o hotel era novo, todo arrumadinho, mas era um hotel popular naquele tempo não tinha muito luxo...

Ida Mariani Vieira

O texto abaixo é o resultado de uma conversa com **Ida Mariani Vieira** filha de Guerino Luiz Mariani, psicóloga, viúva, dois filhos Leandro Mariani Vieira Machado e Marcelo Mariani Vieira Machado. Atualmente mora no Hotel Dom Bosco e junto com sua família vem administrando o hotel, neste momento. O encontro ocorreu em **17 de janeiro** de 2013, no seu apartamento, remanescente do antigo sobrado que deu início a construção do hotel.

P. Seu pai, Guerino Mariani, tinha tradição hoteleira?

I. Não. Papai era comerciante, ele nunca mexeu com hotel antes. Era que na época precisava de hotel em Goiânia, a necessidade...

P. No final da década de 40 existia uma pensão chamada Alberico Borges que recebeu o nome de Itajubá Hotel e foi considerado como o terceiro hotel privado de Goiânia. Ele foi proprietário desse hotel um tempo?

I. Até morrer. E quem comprou foi o Ronaldo e vendeu. Sempre foi dele, toda vida.

Papai locava porque ele mexia com cerâmica... a Cerâmica São José é deles, vendia ferro... vendia cerâmica... que eu me lembro.

P. Provavelmente, então... as telhas que foram utilizadas no hotel vêm dessa cerâmica dele?

I. E vem de São Paulo o ferro que ele vendia.

P. Cerâmica... telhas?

I. É.

P. Antes de ser executado o Projeto do Hotel existia (então) um sobrado node vocês moravam?

I. É essa residência aqui... tem até tijolinhos... isso aqui é uma parte do sobrado.

P. Você se lembra de quem fez esse projeto e acompanhou a construção?

I. Eu era criança... seu Aristides, o vizinho dessa casa aqui era construtor... ele cuidou dessas construções do papai- a viúva dele mudou e perdemos o contato.

P. Observando as propagandas de jornal de agosto de 1956 quando foi inaugurado o hotel e depoimentos de hóspedes é possível perceber que existia uma preocupação em oferecer uma hospedagem com caráter familiar, você confirma?

I. Então, quando o papai você sabe o italiano ele acha (assim) tem aquela tradição que a mulher pra cá e homem... cá na frente. Então, aqui eu nem entrava. "mulher era para tocar piano, ser professora". Quando foi para ele falecer ele dizia:

- " Ida, o Hotel é familiar, o dia que ele deixar de ser familiar você pode fechar a porta, na hora!" Depois que o papai faleceu, eu assumi e comecei a observar os hóspedes e vi só gente alinhada, mas eles tinham o jeito deles e logo assim eu tentei botar uma propaganda do hotel. O hotel ficou com 100% de lotação, uns dormiam no sofá esperando vagar... tive que colocar mais camas, o norte do Estado de Goiás todinho vinha pra cá, os prefeitos todinhos... eles deixavam os filhos estudando. E se precisasse de dinheiro, a gente fornecia, era como se fosse uma família mesmo! Eles cegavam entregavam os filhos pra gente e a gente era responsável mesmo.

P. Isso foi quando?

I. Anos 80.

P. Então, era um conceito que existia...

I. Quando o hotel estava cheio... a gente telefonava para os outros hotéis para colocar nossos hóspedes lá, para não deixar hóspede ir embora. Quando chegava estrangeiro, o próprio aeroporto trazia até aqui.

P. Em 1969, foi elaborado um Projeto para Adaptação para um Curso de Línguas, essa escola funcionou ou ficou só no projeto?

I. (Aí) o papai já queria pegar o hotel para administrar e esse foi o jeito...meus irmãos já estavam grandes e eles precisavam trabalhar. A demanda durou... anos.

P. Quais são os fatores que levaram o Hotel Dom Bosco a chegar aos seus 57 anos ainda como hotel e pertencer à administração dentro da mesma família?

I. A única coisa que foi tirada, que foi vendida foi o Itajubá, o resto foi tudo mantido. O papai sempre falava "Casa a gente tem que ter uma boa, mas a gente tem que ter um comércio porque comércio você aluga... uma pessoa não fica fim de ano, não fica fim de semana, ela não traz ninguém para morar lá, (então) ela te dá renda e a pessoa vai arrumar porque ela vai vender-produto- é o trabalho dela." Então, ele sempre passou isso para gente... é um dinheiro que você pode gastar e o imóvel tá valorizando. E também porque o papai gostava de receber amigos, local para o encontro... para fazer negócios, para tomar café... ler jornal. Ele conhecia todo mundo aqui!

Kátia do Carmo de Paiva

O texto abaixo é o resultado de uma conversa com **Kátia do Carmo de Paiva**. Encontramos-nos na Biblioteca do SEMDUS - Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano Sustentável, em **26 de janeiro de 2013**. É arquiteta e técnica da área de patrimônio histórico.

P.- Qual o cenário que vocês encontraram antes da reforma?

K. - O que a gente encontrou em 1993? Que a gente vai reconstruir. Aí em 1993, a gente encontra uma praça com lajotão cerâmica, foi muito usado nos anos 70 e 80. Quanto a arborização ... nós tínhamos um problema enorme com as paineiras por quê... Acho que a gente tinha... Umas nove paineiras... As paineiras soltavam uma pluma, essa pluma dava alergia nos moradores dos arredores (aí olha só como são os confrontos), nós brigamos com um padre da Rádio Riviera, não, não é Radio Riviera... Como e que se chama aquela Rádio lá de frente à praça?

P.- Radio Difusora?

K. - Radio Difusora, isso. É um padre redentorista; então nós brigamos com ele porque ele não queria que a gente tirasse e a gente queria tirar um pouco das paineiras para diminuir essa quantidade de pluma. Outro problema era essas paineiras. Tinha um problema dos taxistas que estavam em número enorme, eles eram voltados para a <Rua> 24 de Outubro e nós mudamos eles para a Geraldo Ney, eles não gostaram muito não, a gente fez essa troca com o pessoal das bancas, eles ocuparam uma área enorme, tá? E lavadores de carro.

E aí a gente via o ponto de ônibus acanhado em função do taxi e quando a gente tem que dar condições a essa navegação urbana? Então a gente privilégio isso aqui, a navegação urbana. O desejo aqui era pegar o coretinho na parte de baixo que era reservado à origem, lá pelo que a gente viu e conversou com o pessoal, era reservada a guarda de material de manutenção.

A gente queria colocar em baixo uma biblioteca digital, ligada ao Palace Hotel. Então, foi um desejo desde o começo, mas que o governo do PT, do meu querido Pedro Wilson, professor de Sociologia Urbana, colocou lá alguém que mexia com bar...

P-. O que marcou esse momento?

K-. É o momento da urbanização que é regida pela constituição municipal pela lei orgânica que determina no artigo disposições transitórias, artigo 110, a reconstrução do Monumento do Coreto e do Monumento do Trabalhador da Praça da Estação Ferroviária e foi feito um plebiscito porque houve uma dúvida, e aí foi muito interessante o jogo de memória, houve uma dúvida se o coreto antigo falado era o coreto lá que ninguém sabe que é do Atílio, mas que é do Atílio, ou o Coreto *déco*. Aí eu vi a turma de Campinas, do seu Hélio com cinquenta e poucos anos.

P.-Esses dois <coretos> seriam *déco*?

K. - Não, esse aqui ele tem elementos do *déco* sim, tem um rebaixo aqui que é *déco*, ele pega esse gradil, eu tinha trabalhado pesquisa em cemitério e ficou mais fácil pra mim, ele usa o centro entre costado, é um dos símbolos do cristianismo, só tem que é trabalhado em "espelho", aí eu fui ver porque é trabalho em "espelho", é porque a igreja lá de Trindade que é dos padres redentoristas, que é daquele padre, aquele que era considerado... Como é que chama? O Padre Pelágio, a Igreja do Padre Pelágio lá em Trindade, o guarda-corpo dele é de "espelho" e quem fez o guarda-corpo segundo informações, o guarda-corpo do coreto tinha sido o mesmo carpinteiro que fez, e era em "espelho".

P.- A serralheria?

K. - Não o carpinteiro, era de madeira.

Hoje ela ficou mais larga, mais espessa, na época era "espelho".

P.-Você acha que ele tentou trabalhar alguma coisa de *art déco*, mas dando um caráter vernacular?

K. - Se essa coisa consumir, mesmo que a autoria (Atílio Correa Lima) e dele eu defendo que sim, é muito bonito a gente ver esse casamento aí, ele vai pegar um elemento do cristianismo, o seio entre costado colocou no gradil, ele vai jogar lá no topo entre o telhado e a estrutura dos pilares, ele tem um nicho rebaixado que tem uma forma geométrica que remete ao *déco*, ele trabalha os níveis dos planos na alvenaria e ele trabalha uma figura geométrica de seis lados que está também na peça de cerâmica do Palácio. Quando nós trabalhamos na planta, eu achei a coisa mais linda, eu fiz essa análise e não lembro mais se essa de 1942 tem a figura de seis lados também, que é múltiplo de três, então a nossa história é muito ligada ao número três, no urbanismo e na arquitetura.

P.- Esse segundo Coreto é autoria de quem? É *art déco*?

K. - José Neddemeyer. Esse (aí) é a identidade *art déco* para o Batismo Cultural, Campinas vai participar do Batismo Cultural, então o que é que ela faz?

Ela demole a Cadeia e o Fórum Original de uma arquitetura vernácula que era aquela arquitetura sobradada.

P.- É demolida mesmo?

K. - É demolida e demole a maioria das arquiteturas do entorno para conviver com essa arquitetura *déco* da inauguração cultural de Goiânia.

P.- Por isso que constrói aqui o cinema?

K. - O Palace já estava construído. Porque que o Palace já estava construído? É porque ele está antecedendo, ele está trabalhando aquela idéia da renovação do espaço, do novo então o vernáculo já era. Foi pensando que ele tinha parede larga, que tinha um conforto térmico enorme pro ambiente tropical de Goiânia. Não, eles demoliram e construíram... Mas essa parede aí era parede de tijolo maciço largo, eles falam que esse tijolo maciço chega a Campinas em 1920 para construir a casa do Licardino e tem outro fato, que era o Prefeito.

Que meu querido Seu Manoel Dias que era filho do José Rita Dias, que é um dos participantes da fundação da cidade <Campinas>, segunda geração.

Seu Manoel Dias dizia que quando chegou o cimento em Goiânia e Campinas, eles prepararam a massa à noite, então mexeram com a enxada daqui e dali e deixaram a massa curando para o outro dia, acostumados com a arquitetura vernácula... .No outro dia, foi uma surpresa para eles, encontraram aquele bloco com a enxada, quer dizer, perderam a enxada porque não tinham a lida com o cimento, então essa é uma fala poética para mim, do uso do cimento e do uso do tijolo.

P.- O Palace foi construído por quem?

K. - (Aí) as arquiteturas de Goiânia, a gente sabe que esse período, as arquiteturas eram muito controladas pelo Governo, o Governo tinha um grau de depuração das arquiteturas muito grande. Então, quem sempre estava na Secretaria de Viação e Obras Públicas do Estado que era o professor Jorge Félix ou o José Neddemeyer, os dois eram responsáveis pelo Departamento de Arquitetura e Urbanismo da SEGOV, ou um ou o outro. Por exemplo, eu defendo que a Estação Meteorológica do José Neddermeyer e ela é muito próxima dessa arquitetura, (aí) a gente vai cassando os elementos construtivos que um arquiteto usa e ele vai reproduzindo ela, que é uma coisa de massa.

P.- Provavelmente a planta do Palace...

K. - Não, eu não posso falar, mas eu só falo que nessa época quem dominava esse controle das arquiteturas que eram produzidas, eram os professores José Neddemeyer e Jorge Félix. Agora, podia ter sido feita por tantos outros. Tem uma série de arquitetos: Salvador Batalha, Weiner Sonenberg, que estavam aqui mas... não nessa época, não... O Palace não pode ser o José Neddemeyer porque nessa época da construção dele, na época quando existia o Coreto do Atilio, nem o José Neddemeyer, nem o Jorge Félix tinham chegado a Goiânia, eles chegaram em 1938, tem lá no livro da Ofélia. Eles veem à convite dos irmãos Coimbra Bueno, para estruturar a Superintendência de Viação e Obras Públicas.

P. - Como foi a reconstrução da Praça?

K. - Bom, então a gente encontra a praça com esse ambiente construído que durante a demolição em um dia de chuva, tem várias imagens (aí) dessa demolição, as máquinas entraram e eles encontraram lá, eu pedi para ir com mais calma... Na borda ainda tinha o piso de ladrilho hidráulico ao redor, que é o piso da cidade de Goiânia. Na parte do espelho d'água, a gente encontrou o rebaixo do espelho d'água de piso, então daria para ter feito uma arqueologia urbana interessantíssima, mas as nossas administrações não tem essa maturidade e ainda não aprendeu a viver com essas guardas do passado.

Então a gente encontra isso (aí) e vamos fazer uma reconstrução. Então a reconstrução é feita, algumas coisas ficaram erradas, eu lamentei porque esse guarda-corpo tivesse ficado fixo porque pra mim, pra fazer uma apresentação ali dentro, esse guarda-corpo interferia, eu queria que ele tivesse ficado móvel, mas ele precisava de um orçamento, de uma tecnologia, que a administração não estava muito interessada. Nossas obras públicas não são assim... Existe um esforço técnico enorme, mas é um custo alto, como todo mundo vê, existe uma série de problemas aí na obra pública. Fica até difícil pra falar o que nós lutamos para essa obra sair bem feita, foi um absurdo a convivência com o morador de Campinas para que ele se sentisse satisfeito, porque se tratava aquela obra, de uma reconstrução porque se tratava de uma lei orgânica que era um desejo do passado. Essa ideia de plebiscito veio pelo Secretário da Cultura, o Sandro de Lima. Eu até questionei, mas como a lei orgânica fala do artigo, o artigo e o primeiro.

O professor José Mendonça falava do primeiro, mas como a gente encontrou um cenário de defesa que era principalmente diferenciado pelo seu Hélio de Oliveira o fotógrafo campineiro, é tão bonitinho que ele e a Dona Maria namoravam muito nessa praça, a saudade dele era do tempo do namoro na praça. Então existiam várias saudades ali naquele lugar, eu ganhei uma fotografia...

P. Então ele era a favor do segundo coreto?

K. Do segundo que era *art déco* porque ele tinha namorado ali. Então essas coisas são muito bonitinhas. E aí a gente vai ganhando. Eu ganhei uma fotografia linda de um menino de três

meses de idade e no fundo ficou o coreto, ele guarda essa fotografia com saudade, um carinho enorme. Esse gradil foi feito da forma como ele era, mas ele ficou mais espesso. A pintura dele, aí eu tenho até as experiências... teve uma turma que queria ele azul. Eu falei, não, azul e de cemitério e eles concordaram. E (aí) Goiânia inteira tinha nas cores dos edifícios públicos um amarelo ocre, que era famoso. Eles explicavam assim, ficava mais fácil porque tinha muita lama então a lama batia e ela não aparência tanto, ficava parecendo um barrado. Então essa coisa é muito bonita, esse diálogo com o ambiente. São as pessoas de Campinas que vão falando, Campinas, Goiânia, que o ocre era usado. E aí é muito engraçado, então nos ficamos com um amarelinho claro, porque a coisa tem que ser assim, você não pode estar muito no passado, e é uma coisa nova, e a pessoa tem que entender que aquilo ali está com uma textura nova porque você não da conta de estar numa restauração, àquela coisa de buscar sempre o passado, a gente tem que ter um cuidado enorme com esse preciosismo porque a técnica avança e sempre vai ser uma tentativa de cópia, que não é verdadeira, essa busca da cor original.

E (aí) é muito engraçado, já no Palace e na Subprefeitura, a gente sempre trabalha na prefeitura com problema de material, então o Nion Albernaz adorava o verde, como recentemente a gente foi trabalhar as luminárias, a gente estava pensando em aproveitar alguma coisa. Nos fomos no pátio da Comurg e eu pensei mais que diabo é isso, esse tanto de luminária de canopla vermelha, o que é que é isso? Nunca vi isso em Goiânia. O cara falou: "É o seguinte, tinha uma tinta vermelha aqui e eu sou Vila Nova, então eu peguei e pintei tudo de vermelho."

P.- Foi feita por prospecção de cor ou foi feita por fotografia?

K. - Entrar no Palace foi a coisa mais interessante do mundo, primeiro a gente tinha estado lá com a Soninha, no período da Subprefeitura e Fórum. Primeiro é uma lástima ter demolido a arquitetura vernácula, que era portentosa, grande, na parte norte da praça, para construir aquele trezinho que é o *art déco* da Subprefeitura e Fórum, mas era o desejo do novo, uma coisa acanhada, pequeninha, parece um bibelôzinho, então vem essa questão da cor.

P.- O Palace Hotel funcionava como o quê, nessa época?

K. - O professor José Mendonça Teles como Secretário, resolve desapropriar e adquirir esse terreno que era de um japonês. Nós fomos fazer vistoria, primeiro eu fui antes à Subprefeitura porque eu achava que tinha que ser aberto o vão que faltava a porta que dava para a < Rua > Geraldo Ney, que antigamente os campineiros subiam ali para fazer o alistamento militar, então tinha uma memória da porta e aquela porta tinha sido fechada. E tinha uma marquise pequena e um globinho e uma escadinha e aquilo faltavam na arquitetura. Então fui e encontrei a Soninha:

- Sônia, amanhã eu venho fazer uma vistoria no Palace.

Ela disse:

- Ah, eu estou pleiteando aquela área e transferir pra lá.

Eu disse:

-Sônia, onde nós vamos arrumar dinheiro?

Ela falou assim:

- Vocês vêm fazer essa vistoria.

-Eu acho que amanhã a gente vem, venho eu e a minha colega com a Cida era moradora de campinas, ela estava trabalhando o tombamento federal, é a minha parceira de trabalho. Nós vamos fazer alguma coisa o professor pediu, disse está caindo, está cheio de cupim.

- Estava fechado e ia cair, não funcionava nada.

-Aí nós fomos fazer a vistoria, nós entramos tinha um moço pelo lote do lado pela <Rua>Geraldo Ney, o lote tinha uma arquitetura pelo lado direito, um barracão morava um moço com a mãe dois cachorros imensos, tipo fila. Nós entramos tudo bem, ele deixou a gente entrar, entramos no prédio, de repente ele são e esses cachorros ficaram soltos... e as portas tudo caindo e a gente correndo para fugir desses cachorros. Cada coisa há um tempo bom. Eu e a Cida entramos por aquele lugar ali, pela lateral esquerda, a gente viu, era baixo aquela série de compartimentos de corredores muito estreitos, cada quarto tinha uma cor diferente.

P.- Os quartos eram em cima?

K. - Em baixo e em cima e é engraçado porque eles falavam do refeitório e da barbearia que tinha ali e tinha quartos sim, em baixo. Lá em baixo... eu descrevi isso aí em processo, eu acho que era... Nós entramos pelo lado esquerdo e ai tinha um corredor, tinha esse espaço vazio que eles falavam que era o refeitório, que as pessoas falavam que gostavam de tomar refeição olhando para fora que era um salão que tinha, as festas de casamento aconteciam ali. Isso é a Dona Florinda que o pai era esse Artur Magalhães, que morou ali naquele Palace, se casou ali. Então, (aí) vinha a barbearia que a gente tinha até fotografia de um cara na porta dele, aquela foto do Seu Hélio de Brito.

A placa, nós tentamos buscar o desenho dela mostrando que era um tombamento porque o campineiro desejou aquela placa e eles acharam muito interessante que esta pela <Rua>Geraldo Ney. Então a gente faz a placa com os dizeres do tombamento e da data da recuperação.

Embaixo, o que me fascinava eram as cores diferentes dos quartos. Então todo quarto tinha uma pedrinha para a pessoa por a mala e tinha alguns deles a pedra alta para poder apoiar a mala. Como a mala era muito singela, naquela época era de papelão e guarnição de metal,

essa mala era muito pequenininha, não existia o consumo atual com quantidade de roupas e de bens. Tinha em alguns dos quartos, que a lutou para guardar, a pia, a torneira e tinha um espelho Zinho quadrado bizotado com as garras de leão, então era muito delicado. Cada quarto era de uma cor, tinha aquele quarto rosa forte, azul forte, verde forte, essas cores assim...

Eu tenho 57 anos e quando eu era pequena o quarto da minha casa era cor de rosa e dos meus irmãos era azul. Nós perdemos essa coisa dos compartimentos coloridos. Então e outra perda na arquitetura.

Eu lembro que a gente subiu... outra coisa, tinha ladrilho hidráulico original na sacada

Foi construído na forma de restauro e a gente pediu que fosse preservado desse quarto, logo pela <Rua>24 de Outubro a direita da sacada. Por quê? Porque ele era o mais intacto, o piso dele era de madeira estava muito bem estruturado e foi interessante quando a gente caminhava lá em cima, de repente, minha perna vazou porque o piso estava muito podre, cheio de cupim, ai vazou num buraco. Aí a gente começou a andar próximo das paredes porque a gente viu que o piso era estruturado, que ali existia uma composição entre telhado e piso, que se a gente mexesse ali, tinha que ser uma pessoa com o conhecimento forte. Quando eu vejo essa imagem aqui, me mata o coração, se você for lá à fotografia antiga do Seu Hélio de Oliveira, ela vai aparecer telhado triangular, é e o telhado dessa década dos anos 30, dos anos 40.

P.- Essa foto aqui?

K. - É, está vendo o telhado lá? O goianiense, a pessoa que trabalha o telhado não acerta esse ponto aí. Esse telhado, infelizmente, a administração não deu conta de fazer a gestão da licitação da empresa construtora. Isso aí já trocou umas duas ou três vezes e continua dando problema porque as pessoas não sabem trabalhar as telhas francesas. O notório do déco é isso ai, a platibanda tentava tampar o telhado, mas o telhado sempre em prisma aparecia no fundo. Isso e um registro da nossa arquitetura feita aqui. Não existe, ainda mais que o lado de cima da Subprefeitura e mais alto, o terreno cai em direção lá para baixo, à volta do <córrego> Cascavel, do lado norte.

P.- Olhando a sacada da foto antiga do Sr. Hélio de Oliveira...

Isso aqui eram vasozinhos que eles colocavam na parede, essa grade é muito delicada. Goiânia tem uma ligação muito forte com o gradil do portão na proteção das janelas que é o desenho da voluta, voluta positiva, voluta negativa, aquele desenho em espiral e lá dos nossos ancestrais. Ninguém conhece esse nome da voluta. As pessoas falam assim aquele boa noite (né?)... o espiral boa noite que deve queimar para matar muriçoca.

P.- Quando você diz ancestrais...

K. - Há... vem desde a Mesopotâmia, Egito é antigo mesmo, dos gregos.

P.- Mesmo porque o *déco* vai beber dessas fontes...

Essa grade é muito linda, que ela está nas arquiteturas de Goiânia de todo o tipo.

As esquadrias eram de madeira, a gente recomendou quando a gente fez a reconstrução, o restauro, a gente colocou aquela tela externa de metal, que a Secretaria ficou assustada porque foi lá e achou um absurdo aquelas janelas baixas ali. Eu falei pra ela, olha Secretária, existia (aí), uma tela de proteção, elas eram chumbadas, elas já pereceram, tudo na vida tem um tempo.

Nós andamos nos corredores, era muito interessante, tinha um fosso, então os quartos eram pela Geraldo Ney. Tinha um corredor e tinha um fossozinho interno, um fosso seco de ventilação e iluminação, que antigamente em 1929 não existia fosso... na circulação dos quartos.

O que me fascinou é que a gente abriu uma janela na Igreja e isso é muito lindo! E aqui nessa janela você olha você vê a baixada da 24 de Outubro em direção ao Cascavel e aquele alto que eles falavam muitas vezes, quando, por exemplo, a gente sabe e defendeu a vida inteira que a Rua Rio Grande do Sul provavelmente é um trecho da Estrada Real em Goiânia, Campinas, mas a gente não continuou trabalhando isso (aí). E sabe que a José Hermano é saída para Bonfinópolis, não, Bonfim que era Silvânia, que era a terra do Dom Emanuel, que era a parte religiosa na construção da cidade.

Então esses caminhos de chegada a Campinas, eles são muito bonitos e essa perspectiva é favorecida pelas janelas do Palace Hotel. E o Palace vai estar nos momentos de festividades da cidade, como pensão, quarto ou como Palace Hotel. Por quê? Porque a procissão, a festa religiosa que faz a bordadora dos tapetes no piso, e... Como é que chamava? A procissão da semana passava aí na porta, esse lugar foi o lugar da comissão (arquitetura vernácula) para a escolha do sitio de Goiânia, ele recebeu inúmeras autoridades como Juscelino, Getúlio Vargas, é preciso marcar.

Olha a delicadeza desse guarda-corpo, a gente quis esse guarda-corpo lá no fosso interno do Palace. Aquele fosso e mais ou menos o lugar do fosso onde existia a compartimentação dos quartos.

P.- E os banheiros eram coletivos?

K. - É, o banheiro era perto desse fosso aí, então eu tinha que lembrar, era um banheiro super assim... sem iluminação e sem ventilação, muito acanhado, muito pequenininho, como na época dos anos 30.

Você vê um guarda-roupa dos anos 30, ele tinha três portas, dava para o casal guardar a roupa

e do lado guardar a roupa de cama da casa inteira, esse era o guarda roupa.

P.- Existia alguma referência de mobiliário que foi usado no Palace?

K. - Não conheço nenhuma, porque quando a gente chegou, a gente já encontrou um ambiente cheio de cupim e como tinha madeira e o reboco era muito orgânico, tinha muito cupim na parede, no telhado, tinha um problema de segurança enorme no prédio. Aí quando os japoneses vieram eles ficaram encantados com os caminhozinhos de areia nas paredes, dos cupins.

P.-E a iluminação? Tinha alguma luminária?

A gente vê aí que a luminária lá da sacada é a escadinha, o globo, está na fotografia do Seu Hélio. A escadinha na marquise a gente tentou colocar... representava preço... valor... e a gente não pode colocar. Olha ali em baixo, também na marquise... A gente quis... Olha aqui essa luminária com plafon... também de braço e essa placa aí, a gente tentou refazer o desenho, mas com a escrita nova, por que... o carpinteiro queria. Esse tipo de desenho é do *art déco*, na verdade são uns sulcos. Os frisos são em alto relevo. Esse aqui é o *streamline*, esse sulco é muito usado na arquitetura, eles vêm tentando já que não tinham material nobre, eles vão usando esses sulcos já que não tem material diferente, ele tem muito na arquitetura de Goiânia, ele tem muito na 7ª CSN <unidade do exército> está até desaparecendo e ele vai chegar até a década de 60, este artifício da malha com sulcos.

P.- Eles mantem uma estrutura modular?

K. - É modular, é simétrico.

P.- E essa implantação também de esquina é uma característica *déco*?

K. - É, e é engraçado que já existia aí uma luta pelo recuo frontal, ela tem a calçada muito estreita, quando a gente sai da Biblioteca, a gente já cai na rua. É um problema muito sério essa calçada, é de muita convergência de trânsito, muito movimento. Logo depois, o terreno cai do lado direito do prédio. No lado do córrego cascavel, que é um córrego que na história da cidade é muito forte, que na verdade é uma das paixões do fundador de Campinas, ele chega e fica maravilhado com a qualidade do córrego e pela qualidade das terras que eram campinas, que na época diz que tinha muitas florezinhas, então as campinas floresciam e ele ficou fascinado, a Campininha das flores vem dessa coisa da própria fisiografia do sítio.

Então o que temé isso aí, as pessoas falavam das festas, é emblematicamente, simbolicamente um objeto urbano, uma arquitetura que alguns podiam entrar outros não, é um objeto de classe social, tanto quanto o Grande Hotel no centro < de Goiânia>. Então, por exemplo, eu tinha uma tia que dizia: "Que morria de vontade de ir às festas do Grande Hotel, que era um desejo de toda moça naquela época", mas que poucos entravam que era dado aos visitantes,

aos políticos. Esse prédio recebeu inúmeros viajantes, tem história da Igreja aí hospedada tem história de político aí hospedado, tem aqueles que vieram morar em Campinas, trabalhar e morar em Goiânia, que tiveram que passar por aí. Ele faz parte do rol de Hotéis, e (aí) vem o Marmo Hotel, nosso no centro, na Anhanguera entre a 20 e a 24 e que foi comprado pelo Novo Mundo e que a gente defende...

O Marmo Hotel tem uma arquitetura *déco*, tem esse tipo de janela, ele é uma arquitetura forte também, tá lá parado, não sei nem se já demoliram pedaços dele, então a arquitetura hoteleira do começo da cidade, tão rica como o Palace está na <Avenida> Anhanguera, quando os políticos vinham no Batismo Cultural, houve uma corrida enorme por vagas em hotel, então ele fizeram uma busca, então lá no Batismo Cultural tem uma ficha do IBGE, que cadastra o número de hotéis na cidade, então tem lá hotéis: hotel esse... esse... agora eu já vi esse documento só no Rio de Janeiro, nunca vi ele aqui em Goiânia, não porque é dolorosa esta questão, é porque como a gente analisa muito projeto antigo, tem nos cadastros do IBGE, que era ligado ao Instituto de Educação e Saúde, que era responsável pelo parcelamento e construção, então o histórico básico era esse.

Então Dona Florinda, ela era Síria, era muito forte, falou que o pai, Sr. Arthur Magalhães (tem que confirmar), ela fala que ela casou ali, que era assim, um lugar muito, muito... selecionado, muito vivo...

O campineiro ama esse lugar, ama. Agora, pena é que... dos que eu conversei com eles na época da reconstrução do coreto, que é objeto da museologia, lá eles já estavam com oitenta e tantos anos. O Sr. Manoel Dias era apaixonado... que a filha era a Terezinha, que a esposa ainda é viva. Ele falava e a esposa quase não falava, ela participava da irmandade lá da Igreja que...

P.- Qual que é o objeto mais antigo de Campinas, mais antigo de Goiânia?

K. - É a santa que veio na comitiva, grupo de expedição de José Gomes Gerais, a "Nossa Senhora da Conceição" que é a padroeira de Campinas e que veio na fundação e instalação do povoado, naquela época eles tinham que comprar a terra, mas que fazer doação para a Igreja para patrimônio da Santa.

Nossa Senhora da Conceição, essa imagem é do Veiga Vale e eu brigo o tempo inteirinho com os padres redentoristas porque eles puseram a santa protetora deles no altar principal e tiraram a nossa santinha "Nossa Senhora da Conceição" para a lateral direita, essa é a nossa história do patrimônio e ninguém quer brigar com a Igreja. A imagem que veio é que a imagem tem que ficar no centro, a igreja é dela, a Nossa Senhora é a mesma, mas... a Nossa Senhora deles, a gente tem que contar os tempos na história. A Nossa Senhora tem que ficar do lado direito e o São José tem que ficar do lado esquerdo. Por isso, nós temos então a Vila São Jorge, que por preconceito teve de virar Setor São José, porque vila é de gente pobre e pobre é quem pensa que é pobre, então Vila a gente tinha a as estruturas de parcelamento, setor,

bairro e vila. Vila Nova, Nova Vila, Vila São José, então mudaram para Setor São José. Então, São José lá que a capelinha de São José, que é o padroeiro dos pobres, que tem a capelinha no Setor São José, está no lado esquerdo na igreja, certinho. E a imagem da Perpétuo Socorro, eu sei que tem a novena, é grandiosa, é linda, tem que ficar à direita, o centro é da Nossa Senhora da Conceição.

P.- Esse letreiro, ele é igual?

K. - Igualzinho, em mim dói, aí você pode discutir na imagem simbólica, na imagem da preservação, o imaginário...a imagem como imaginário. Porque é que a gente está perdendo...?Porque Biblioteca Cora Coralina? Eu brinquei, não é Biblioteca Grande Hotel? Sabe eu adoeci, eu considero a Cora Coralina, eu tenho um respeito por ela, defendo a mulher..., vai passar para o futuro, o povo vai olhar lá... eles não vão saber o que é Palace Hotel.

Então tinha uma forma de tratar, então nós temos: o Palace Hotel de Campinas, o Palace Hotel de Goiânia. Então o Palace Hotel de Goiânia fica na Anhanguera, perto da Rua 8, arquitetura *déco* é do Neme, da família Neme, sediada em Campinas, Eles vem e constroem o Hotel Neme em Goiânia. Então a gente tem de juntar, é o Palace Hotel de Goiânia e o Palace Hotel de Campinas. A ideia de palácio, uma arquitetura grandiosa que ocupa uma esquina, porque os objetos, as arquiteturas de destaque, existem uma tentativa enorme de ocupação da esquina. Então você vai ver aí, elas geralmente estão na esquina, o Grande Hotel, o Palace Hotel, a Casa do Pedro Ludovico, é uma ocupação muito difícil, quando você pensa em recuo, "come" o lote inteiro..

P.- Quais foram as diretrizes do método da preservação do Palace Hotel?

K.- Aquela falta de definição, quase seria o método da preservação, a gente queria o quarto do lado direito pela 24 de outubro que tinha então aqueles elementos, a pedra para guardar a mala, a pia, um lavatório muito pequenininho.

P.- Cada quarto tinha um lavatório?

K- não só em alguns, esses próximos da esquina, eles eram os mais sofisticados, até as janelas são maiores, os de cima do lado da 24 de outubro, eles eram os mais buscados, parece que é isso aí. A pia, o lavatório branquinho e pequenininho, o espelho bizotado com as garrinhas, o piso de madeira, a parede com uma faixa de madeira paralela.

P.- Não tinha mobiliário? Como um guarda-roupa?

K. - Nada, nada. A porta almofadada, se não me engano, a porta que era da lateral e lá em cima, sempre almofadada, tinha em cima a bandeirola fixa com vidro colorido.

P. - Foi mantida essa porta?

K. - Ela não tem (né?) Aquela ali, não tem, nós já encontramos fechada, mas a gente queria que abrisse e houve um voto por não abrir. Eu sou a favor de abrir, era a favor de abrir e colocar aquela luminária, para contar porque é. A falta de conhecimento que a gente leva esse tipo de fechamento, desvirtuamento da arquitetura original. A gente pediu para preservar o quarto de cima e a sacada, a gente queria que ficasse compatível com a entrada do prédio para não haver problema com esse auto-estruturamento que é uma amarração de telhado-piso-parede. Mas a gente foi voto vencido, então ficou só preservado a sacadinha lá de cima, com o compartimento da sacada.

O telhado com muito problema, a escada é preservada, a gente integra o corrimão por conta, é para não haver muito toque ali na aquela estrutura que não foi mexida, de revestimento, de reboco e colocamos um guarda-corpo, um corrimão, aquele fosso ali ficou um pouco grosseiro, a gente queria que a esquadria fosse leve como a esquadria da sacada, não é uma cópia, mas que trabalhasse o tipo de elemento com um gradil tão leve quanto aquele, mas ficou um gradil pesado. Então aquela arquitetura e um escoramento das alvenarias para não cair tudo, então aquilo foi muito interessante, era um gradeado, a gente usou um fundamento da arquitetura vernácula, nós gradeamos toda a alvenaria interna para que ela não caísse e com um elemento diferenciado da arquitetura para poder mostrar que houve uma intervenção de fato ali. Agora eu só acho que o nosso guarda-corpo aí, ficou ruim.

Foi feito um anexo, que eram banheiros que a gente não quis mexer com a estrutura original. Nessa lateral direita que foram feitos banheiros e a área de serviço e esse lote na lateral foi desejado para a biblioteca infantil. Hoje a Secretaria de Cultura fala em colocar um auditório. Eu fico preocupada porque nós não temos biblioteca infantil em Goiânia, existia também a ideia de um ônibus itinerante, um ônibus que ele sairia da biblioteca e ele deveria ter um espaço para ele ser guardado dentro desse lote, desse ônibus biblioteca... eles teriam que navegar e teria que ter um consórcio com o térreo do coretinho que era onde deveria ter a biblioteca digital, era essa a ideia da época.

P. - Quem trabalhou nele?

K. - Primeiro seria Soninha, que foi quem trouxe o dinheiro através do pai, da embaixada do Japão, e deu sorte da gente encontrar, aí tivemos a sorte de conseguir do Cleomar, não sei se é Fátima, não me lembro, mais o nome da engenheira que fez o orçamento, uma pessoa também muito especial que ajudou de forma generosa, então nos fomos muito felizes. Nos éramos quatro e vieram os representantes da embaixada, a gente esteve no lugar. O recurso foi à prefeitura que ganhou de presente de uma pessoa chamada Sonia, veiculada pela baixada do Japão e por um grupo de funcionários da prefeitura que souberam lidar com a coisa e não perderam tempo.

P.- Inicialmente, então, era apenas um lote?

K. - Você vai pegar a planta do loteamento Setor Campinas que é de 1967, você vai ver a dimensão desse lote, você vai ver que ele é adquirido.

P.- Essa e a planta da situação...

K. - Isso aí já e lembrado, já é uma situação de lembramento, então você tem que pegar o original, olhar o alinhamento, a testada aqui mais ou menos é prolongada, aí você vai pegar uma planta que tem isso, aí na planta tem a Praça Coronel Joaquim Lúcio, então cada hora tem uma coisa...O fetiche do Coronel e por conta da república velha.

P.- Ele era coronel que as pessoas intitulavam, mas ele não era coronel não. Entendeu? Ele era um coronel arregimentado do lugar. A identidade da praça é aprovada como Coronel Joaquim Lúcio, é terrível isso, é a aquela bagunça de prefeitura, então você vai lá ao cadastro, não sei como que ela está, por isso que é muito interessante você pegar um cadastro da praça e um cadastro do Palace Hotel, que é essa confusão da gestão pública.

P.- Sobre o que é que ficou...

K. - Então as janelas são novas e ainda estão com problema porque e uma luta lá no começo de Goiânia, eles vão descrever aquela janela, como janela em escamas, a veneziana eu acho isso lindo.

P. Esses materiais vinham de fora?

Não, é outra história que a história de Goiânia não conta, como a época rural que até hoje o fazendeiro vive, eles chamam de agricultura de subsistência. Então nós vamos construir nos anos 30 uma cidade que o discurso que existe é uma abundância de recursos minerais e vegetais, então a nossa maior mata, a mata do capim puba que estava ali atrás do antigo Quartel com 110 metros, foi inteirinha derrubada para construir telhado, porta, piso, mobília então nos não podemos esconder isso aí.

E o próprio zoológico, o Bariane Ortêncio conta isso, a família dele veio de São Paulo contratada para derrubar a mata do zoológico, eles derrubaram e deixaram alguns elementos vegetais, um dos elementos que restaram foi o jatobá em frente à Celg, que estão pedindo para tombamento que a gente defende esse tombamento e o outro e um ipê, que ele lá naquela praça lá onde era a rodoviária onde eu nunca consegui localizar, quanto à sustentabilidade da construção dessa cidade foi em cima da potencialidade dos recursos hídricos minerais e vegetais. Não pode esquecer então toda a madeira da cidade, e madeira das nossas matas, matas próximas, a nossa olaria inteirinha e tirada do <Rio> Meia-Ponte e derivados do Meia-Ponte, tijolo, telha.

Então quando a gente chegou nesse lugar cheio de cupim, o telhado em prisma, a telha ela não tinha francesa, a escada existia, só tem que ela não tinha corrimão. Aquele corrimão foi a gente que idealizou e colocou, não ficou bonitinho, mas são as pessoas da administração pública, mas o banheiro pedia e eu achei interessante para não estragar, porque com a pegadura podia estragar o corrimão.

Esses quartos aqui <fazendo o esboço no papel> davam incrivelmente... eram quartos para cá e quartos para lá, aqui na 24 de Outubro. O corredor e estas janelas eram de dois quartos que davam para a escada. Agora imagina...

P. Aqui, era quarto?

K. Sim, sem iluminação nenhuma.

P. Então tinha um corredor aqui...

K. Vinha aqui tinha um quarto. Vinha outro corredor aqui, ele vinha aqui assim... e ficava quarto para cá e para lá e um corredor aqui. E quarto para aqui e para cá, um corredor e banheiros do lado de lá desse pátio interno. E aqui vinha outro corredor...

P. Aqui eram banheiros?

K. O corredor estava por aqui vinha quarto de novo, tinha dois banheiros aqui. Aqui vinha banheiro, quarto, quarto, desculpa quarto, quarto, quarto, aqui quarto, quarto, aqui... corria quarto aqui, fechava aqui e vinha aqui por dentro também.

P. Quantos quartos?

K. É só você contar o número de janelas e pensar assim pra cada interno também quantas janelas tinha na borda e pra dentro repetia. Olha aqui, um, dois, três, quatro... Tinha um fosso aqui. Agora como era o fosso...

P. Tem como conseguir algum registro de como ele era?

K. Só quem tinha sido dono, o povo deve estar com seus 90 anos é muito difícil. É provável que eu tenha feito VHS, sim. Agora a fotografia... A Cida ajudaria, sabe ela vai lembrar, é muito perceptiva. Bom, então, nos entramos aqui, com essa enormidade de quartos e ai em cima.

P. Então isso aqui é rodeado por quartos e aqui tinha uma bateria de banheiros.

K. Mas eu acho que estes quartos davam costas pro banheiro aqui, sabe não tinha ventilação nenhuma. Me fascina quando nós abrimos essa segunda janela aqui, o visual dela é assim... Você abre e você dá para... Não tem verticalização nenhuma. A aqui nessa rua tem uma arquitetura linda moderna que é daquele cara o Odilon Santos, ele morou a primeira vez aqui.

P.O que permaneceu?

K.A escada e a estrutura da entrada aqui, porque ela tinha que guarnecer lá em cima por conta da sacada, (tá). Então essa estrutura de baixo permaneceu, mas eles demoliram essa parede e a gente comentava o seguinte: isso aqui é auto-estruturante, todas as arquiteturas do começo são auto-estruturante.

O que é que é isso? Eles vão amarrar pilar com as paredes, elas vão ser autoportantes e vai, amarrar o telhado também. Então, quando eles vieram nos falamos assim: na hora que tirar tem que guarnecer com escora, com pilar. Era para ter sido uma coisa mais bonita, mas ficou... salvo. Tem que segurar porque na hora que demolir o piso, lá em cima, isso aqui vai cair... não deu outra...cair de dentro para fora. Como essas escoras estavam, seguraram elas, as paredes ficaram o perímetro da arquitetura. Mas foi uma pena porque aqui a gente podia nessa época, você pode buscar a empresa que fez esse prédio que tem a licitação dela lá na Obras<Secretaria de Obras>, quem fez foi a Cleomar. Esse pessoal deve falar quantos metros quadrados de alvenaria, eles demoliram. Já é uma fonte enorme.

E essa placa, agente tentou refazer o desenho com a escrita nova porque o campineiro queria. Esse tipo de desenho do *art déco* na verdade são uns sulcos, os frisos são em auto-relevo. Esse aqui é o *streamline*. Agora esse sulco é muito usado na arquitetura ele vem tentando... já que eles não tinham material nobre, eles vão usando esses sulcos para poder dar uma textura diferente. Ele tem muito na arquitetura de Goiânia. Ele vai chegar até a década de 60 este artifício da malha formada com sulco.

P. Eles mantem uma estrutura modular?

K.É modular, é simétrica.

P.E essa implantação também de esquina é uma característica *déco*.

K. É. E é engraçado que já existia aí certa luta pelo recuo frontal e a gente vê que esta arquitetura, ela não tem o recuo frontal. Ela tem a calçada muito estreita quando a gente sai dessa biblioteca a gente já cai na rua. É um problema muito sério essa calçada é de muita convergência de trânsito, muito movimentado logo depois o terreno cai do local direito do prédio, no lado do córrego Cascavel que é um córrego muito forte, que na verdade é uma das paixões do fundador de Campinas- ele chega ele fica maravilhado com a qualidade da água do córrego cascavel bela qualidade das terras que era Campinas.

Então as campinas floresciam e ele ficou fascinado, a tal da "Campininha das Flores" eu dessa coisa da própria fisiografia do sítio. Então, o que tem é isso aí, as pessoas falavam das festas e emblematicamente, simbolicamente ele é um objeto urbano, uma arquitetura alguns poderiam entrar outros não, é um objeto de classe social tão quanto o Grande Hotel no

centro. Então, por exemplo, eu tenho uma tia que dizia “que morria de vontade de ir às festas do Grande Hotel, que era um desejo de toda moça naquela época”. Mas, poucos entravam que era dado aos visitantes, aos políticos e da mesma forma esse prédio. Esse prédio recebeu inúmeros viajantes, tem historia da igreja aí, hospedada aí, tem aqueles que queriam morar em Campinas, trabalhar e morar em Goiânia que tiveram que passar por aí.


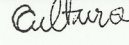
Ele faz parte do hall dos hotéis e aí vem o Marmo Hotel nosso, no centro da cidade na Anhanguera entre a 20 e a 24 e que foi comprado pelo Novo Mundo e que a gente defende. A gente tenta lá... já fizemos um desenho para o Marmo Hotel tem uma arquitetura *déco*, tem esse tipo de janela, ele é uma arquitetura forte também, tá lá parado, não sei nem se já demoliram pedaços dele. Então, a arquitetura hoteleira do começo da cidade, tão rica quanto o Palace, na Anhanguera quando os políticos no batismo cultural houve uma corrida enorme por vagas em hotel, então, eles fizeram uma busca, então lá no Batismo Cultural tem uma ficha do IBGE que cadastra o nome de hotéis na cidade então tem lá hotéis: hotel esse, esse, esse... Agora eu já vi esse documento só no Rio de Janeiro, nunca vi ele aqui em Goiânia, não.

Porque é dolorosa essa questão, porque como a gente analisa muito projeto antigo tem no projeto o cadastro do IBGE, que era o Cadastro Estatístico, então antigamente não tinha esse alvará, ele era do Instituto de Educação e Saúde que era o responsável pelo parcelamento e construção, então o histórico básico era esse.

Então dona Florinda, ela era filha de um Senhor, ela é síria, e muito forte, falou que o pai, o Arthur Magalhaes teve que confirmar ela fala que ela casou ali, que era um lugar assim muito, muito, muito, selecionado, muito vivo... O campineiro ama esse lugar, ama.

Anexos 2

Documentos digitalizados

 <p style="font-size: small;">INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL</p>		<p style="font-size: x-small;">PRESIDÊNCIA SBN Quadra 02 - Ed. Central Brasília 70.040-904 - Brasília - DF - Tel: (061) 414-6280 Fax: (061) 414.6275 e homepage: www.iphan.gov.br</p>
---	---	---

Ofício nº 467/02 - PRESI Em 26 de novembro de 2002.

1ª via – destinatário

Ass.: *Dá conhecimento de processo de tombamento do Acervo Arquitetônico e Urbanístico Art Déco de Goiânia, no Município de Goiânia, Estado de Goiás. Processo nº 1500-T-2002.*

Senhor Prefeito,

Cumpre-me levar ao conhecimento de Vossa Excelência que o *Acervo Arquitetônico e Urbanístico Art Déco de Goiânia*, situado nesse Município de Goiânia, no Estado de Goiás, é objeto de processo de tombamento neste Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (processo nº 1500-T-2002), na forma e para os fins do Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937.

O patrimônio que constitui o Acervo em questão é composto por 20 (vinte) bens isolados, abaixo indicados, cujas poligonais de entorno estão adiante estabelecidas, e pelo traçado viário, cuja delimitação segue descrita:

1. Coreto da Praça Cívica, situado à Praça Cívica, no início da Av. Goiás;
2. Fontes Luminosas, situadas na Praça Cívica;
3. Fórum e Tribunal de Justiça, situado à Praça Cívica;
4. Residência de Pedro Ludovico Teixeira (Museu Goiano Pedro Ludovico Teixeira, situado na quadra 47 (lotes 1 e outros), à Rua 26, esquina com Rua 25;
5. Edifício do antigo Departamento Estadual de Informação, situado à Praça Cívica;
6. Obeliscos com luminárias, situado à Praça Cívica;
7. Palácio das Esmeraldas, situado à Praça Cívica;
8. Edifício da antiga Delegacia Fiscal, situado na quadra 2, lotes 1 a 6, à Praça Cívica;
9. Edifício da antiga Chefatura de Polícia, situado à Praça Cívica;
10. Edifício da antiga Secretaria Geral, situado à Praça Cívica;
11. Torre do relógio, situada no eixo do canteiro central da extremidade sul da Av. Goiás;
12. Edifício do Tribunal Regional Eleitoral, situado na quadra 1, lotes 1 a 6, à Praça Cívica.

Este grupo de doze imóveis foi denominado de "Conjunto da Praça Cívica", sendo-lhe atribuída a seguinte poligonal de entorno: Inicia-se no Setor Sul, na esquina da Alameda

(Assinatura)

Excelentíssimo Senhor,
Dr. PEDRO WILSON GUIMARÃES
MD. Prefeito Municipal de Goiânia
Avenida do Serrado nº 999
Parque Losandes
Goiânia – GO
CEP : 74884-092

Botafogo com a Rua 10 e segue por esta rua em direção à Praça Cívica cruzando com as Ruas 10A, 93, 94, 95 e 96 até a esquina da Rua 10 com a Rua 82 (anel externo da Praça Cívica); segue pela Rua 82 cruzando com as Ruas 83, 84, 85 até a esquina com a Rua 26; segue pela Rua 26 em direção ao Bosque dos Buritis até o cruzamento desta com a Alameda dos Buritis; retorna pela Rua 26 em direção à Praça Cívica até o nº 4 onde está localizado o Museu Zoroastro Artiaga; prossegue pela lateral e fundos desse lote até alcançar a Rua 25; desta segue em direção oeste até as esquinas com a Rua 12; retorna pela Rua 25 até a esquina com a Rua 26; segue nesta Rua em direção à Praça Cívica até a Rua 82 (anel externo); segue na Rua 82 em direção a oeste cruzando no trajeto com a Rua 16 e a Avenida Tocantins; nesta avenida segue até o cruzamento com a Rua 12 e retorna em direção à Praça Cívica até o nº 300, onde está localizado o prédio do Tribunal Regional Eleitoral; segue pelo fundo deste lote até a Avenida Goiás e desta até a esquina com a Rua 1; atravessa a Avenida Goiás e retorna em direção à Praça Cívica até os lotes nºs 1, 2, 3 e 4, onde está localizado o prédio do Ministério da Fazenda; prossegue pelo fundo deste lote até a Avenida Araguaia; nesta Avenida segue em direção à Rua 1; no cruzamento da Rua 1 com a Avenida Araguaia retorna em direção à Praça Cívica até a Rua 82 (anel externo), segue pela Rua 82 cruzando com a Rua 18 e segue até a Rua 10; segue por esta Rua em direção à Praça Universitária, cruzando com as Ruas 19, 20 e 24 e com a Alameda Botafogo; deste cruzamento atravessa a Rua 10 em direção à outra esquina com a Alameda Botafogo, fechando o perímetro.

13. **Edifício do Colégio Estadual Liceu de Goiânia**, situado na quadra 43, entre as Ruas 21, 19, 15 e 18, no centro da cidade, no Setor Central, sendo-lhe atribuída a seguinte **poligonal de entorno**: Inicia-se a leste da Rua 21, esquina da Rua 20; atravessa essa rua e segue pela Rua 21 em direção oeste até a lateral dos lotes nºs 28 e 56, na esquina da Rua 21 com a Rua 19; passa pelas fundos dos lotes 54 e 52 e lateral deste último; atravessa a Rua 19 e alcança a quadra 43, onde se localiza o Colégio Estadual Liceu de Goiânia; prossegue pela Rua 19 até a esquina com a Rua 15 e por esta até a esquina com a Rua 18; segue pela Rua 18 atravessando-a na altura do lote 45 da quadra 39; passa pela lateral desse lote e fundo dos lotes nºs 45, 47, 12, 14 e 49 até alcançar a Rua 21; nesta Rua segue em direção noroeste até a esquina com a Avenida Araguaia e com a Rua 3; atravessa a Rua 21 e retorna em direção ao Colégio até o lote nº 11, localizado na esquina dessa rua; passa pela lateral do citado lote e pelos fundos dos lotes nºs 11, 13, 15, 1, 3 e 17 até alcançar a Rua 22; segue nesta rua até a esquina com a Rua 3; atravessa a Rua 22 e retorna por ela até a altura do lote nº 8; passa pela lateral e fundos desse lote e pelos fundos dos lotes nºs 55, 57, 53, 31, 33 e 51; passa pela lateral do lote nº 51 e alcança a Rua 21; prossegue pela Rua 21 em direção leste até a Rua 20; atravessa as Ruas 20 e 21, fechando o perímetro.

14. **Edifício do antigo Grande Hotel**, situado na quadra 8, lotes 50, 52, 64, 56, 59 e 61, à Av. Goiás, esquina com a Rua 3, quadra 8, no centro da cidade, no Setor Central, sendo-lhe atribuída a seguinte **poligonal de entorno**: Inicia-se na Rua 3, esquina com a Rua 7, no Setor Central; prosseguindo pela Rua 3 até a lateral e os fundos do lote onde está o prédio do Bradesco S.A.; passando pelos fundos desse lote alcança a Av. Goiás; atravessando essa avenida, passando pela lateral do lote onde está o prédio do INSS; desse ponto seguindo em direção à Rua 3; daí por esta rua até a esquina com a Rua 8 (Rua do Lazer); atravessando a Rua 3 e retornando até os lotes nºs 51 e 53 antes da esquina da Av. Goiás; passando pela lateral do lote nº 53 e fundos dos lotes existentes na viela próxima à Rua 8, com exceção do lote nº 59 localizado na esquina da Av. Goiás com a Av. Anhangüera; passando pela lateral do lote nº 59 alcançando a Av. Goiás e seguindo até a esquina da Av. Anhangüera; atravessando a Av. Goiás e retornando por ela até os lotes nºs 62 e 68 (onde está localizado o Banco BEG/Itaú); passando pela lateral e pelos fundos deste prédio, que dá para uma viela, seguindo por esta viela até a altura dos lotes nºs 41, 65 e 67, onde está o prédio da Telegoiás; passando pela lateral desse prédio até alcançar a Rua 3, seguindo por esta rua até a esquina com a Rua 7, fechando o perímetro.

15. **Edifício do Teatro Goiânia**, situado na quadra 67, lote 28 e outros, à Av. Anhangüera, esquina com Av. Tocantins e Rua 23, no centro da cidade, Setor Central, sendo-lhe

atribuída a seguinte **poligonal de entorno**: Inicia-se na Av. Tocantins, esquina com a Rua 13, no Setor Central; segue por essa rua em direção à Rua 3, atravessa a Rua 29, prossegue até a Rua 3, à esquerda, segue na Rua 3 em direção à Praça Mal. Inácio Batista Cardoso; contorna a Praça, atravessa a Rua 32 e segue em direção à Rua 23; prossegue na Rua 23 até a esquina com a Alameda dos Buritis; atravessa a Rua 23 e retorna em direção à Praça Mal. Inácio Batista Cardoso; contorna a borda da Praça, atravessa a Rua 3 e segue pela Rua 23 em direção à Praça Joaquim Câmara Filho até a lateral dos lotes n°s 26, 28 e 29, na esquina da Rua 23 com a Av. Anhangüera; prossegue pelos fundos destes lotes até a Av. Anhangüera; segue nessa avenida em direção a oeste até a altura da Rua 30, e em frente ao Jockey Clube de Goiás; atravessa a Av. Anhangüera em direção ao Hotel Presidente, localizada na esquina desta avenida com a Rua 30; atravessa a Rua 30 e retorna pela Av. Anhangüera em direção à Praça Joaquim Câmara Filho, até os lotes n°s 23, 25, 27, 65 e 67, na esquina da Av. Anhangüera com a Av. Tocantins; prossegue pelos fundos deste lote até a Av. Tocantins; segue pela Av. Tocantins até seu encontro com a Rua 4; atravessa a Rua 4 e retorna pela Av. Tocantins em direção à Praça Joaquim Câmara Filho até a altura dos lotes n°s 33, 35 e 68, onde está localizado o Palácio da Indústria/SESI; prossegue pelos fundos do lote desse prédio até a Rua 23; segue por esta rua até a Rua 4; atravessa as Ruas 4 e 23; atravessa novamente a Rua 4 e retorna pela Rua 3 em direção à Praça Joaquim Câmara Filho até a altura dos lotes n°s 29, 31 e 34, onde está localizado o prédio do INSS; prossegue pelos fundos desse lote até alcançar a Av. Anhangüera; segue por essa avenida em direção leste até a Rua 9; atravessa essa Rua e a Av. Anhangüera e retorna por essa última em direção à Praça Joaquim Câmara Filho até a altura dos lotes n°s 30, 32 e 64 (prédio do antigo Cine Capri), na esquina das avenidas Anhangüera e Tocantins; passa pelos fundos desse lote e de outro localizado imediatamente à esquerda e segue até alcançar a Av. Tocantins; segue na Av. Tocantins em direção à Praça Cívica, atravessa a Rua 3 e prossegue na Av. Tocantins até alcançar as esquinas com as Ruas 9 e 2; atravessa a Av. Tocantins em direção à Rua 13, fechando o perímetro.

16. **Edifício da antiga Escola Técnica de Goiânia**, situado na quadra 118, onde está localizado o Centro Federal de Ensino Tecnológico (antiga Escola Técnica), entre as Ruas 75, 66, 79 e 62, no Setor Central (antes conhecido como Bairro Popular), sendo-lhe atribuída a seguinte **poligonal de entorno**: Inicia-se na esquina da Rua 66 com a Rua 79, no Setor Central; prossegue pela Rua 79, passando pelo lote do Corpo de Bombeiros até metade do lote onde está localizado o Comando da Polícia Militar; atravessa a Rua 79, retorna por essa rua até a esquina com a Rua 62 e segue por essa rua até a Av. Contorno; atravessa essa avenida em direção ao Parque Mutirama; segue pela Av. do Contorno em direção ao Colégio Santo Agostinho até pouco além da esquina com a Rua 55; atravessa a Av. Contorno e retorna em direção à Escola Técnica de Goiânia até a esquina com a Rua 75; segue nessa rua até a esquina com a Rua 66 e por essa rua até a esquina com a Rua 55; retorna até a Rua 66, desta segue até a Rua 77, de onde segue por cerca de 50m até a Rua 66; segue nessa rua até a esquina com a Rua 79, atravessa as ruas 79 e 66, fechando o perímetro.

17. **Edifício da antiga Estação Ferroviária de Goiânia**, situado na área entre as Avenidas Independência (antiga Rua 67), Oeste e Contorno, Setor Central (originalmente Setor Norte), sendo-lhe atribuída a seguinte **poligonal de entorno**: Inicia-se na esquina da Rua 74 com a Av. Independência, no Setor Norte Ferroviário; prossegue na direção norte da Rua 74, até a esquina da Av. Oeste; atravessa essa avenida, retornando em direção leste na mesma avenida, atravessando a Rua 2 e a Av. P.; prossegue a Av. Oeste até a esquina da Av. Goiás; segue a Av. Goiás, na direção norte, atravessa a Rua T na direção do canteiro; atravessa a Av. Goiás em direção à Av. Contorno; segue essa avenida, atravessando as Ruas SNF 7, SNF 5 e prossegue até a esquina da Rua 44; atravessa a Rua 44, em direção à esquina da Av. Contorno; prossegue pelo eixo da Rua 44, em direção sul, atravessando a Av. Contorno e as ruas 302, 301, 300, 69, José S. Filho, 67B e 67A, seguindo em direção à esquina da Av. Independência; atravessa essa avenida, retorna na mesma avenida, na direção oeste; prossegue pelo eixo da Av. Independência,